

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23238

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

SEXTA-FEIRA 11 MAIO 90 60\$00

EDITORIAL

Os mais livres do mundo

A nossa vocação é sermos os melhores do mundo, como se pode observar, com apreciável regularidade, na maratona feminina. Se as excepções à regra se elevam à proporção de 99,9 por cento dos casos é porque os dados estão viciados pela «Europa loira e anglo-saxónica», como diria, provavelmente, o prof. Agostinho da Silva. Por isso se criaram, a fim de contrariar essa famigerada tendência, organizações tão patrióticas como a Comissão dos Descobrimentos...

Apesar de tudo, no domínio da Imprensa, já éramos, em 1975, segundo fontes dos MFA(s) da época, os mais livres do mundo - e voltámos a sê-lo, de novo, neste ano da graça de 1990, segundo garantiu, na RTP, o director do semanário de maior expansão na terra pátria.

O processo de privatização dos jornais estatizados, que vai entrar hoje na sua fase decisiva, com a venda do «Jornal de Notícias», revela também o nosso estilo inovador e intrépido, a raça dos melhores do mundo, a originalidade que nos caracteriza, o fôlego que nos sobra após o Império multirracial e a «descolonização exemplar». A Imprensa mais revolucionária do mundo, nos anos de 1974-1975, opera, agora, como se nada fosse - viva a modéstia! -, a mais desenvolvida transição do socialismo para o capitalismo. Acresce, no caso do «Notícias» do Porto, o picante de um golpe de teatro à última hora: a aliança da cooperativa de jornalistas (considerados, na sua maioria, simpatizantes do PS) com Robert Hersant, o patrão direitista da Imprensa francesa...

Ironia à parte, o «JN» é um caso sério na Imprensa portuguesa: desempenha a dupla função de órgão de referência e popular, podendo dizer-se que tem, no Porto, em regime de acumulação, as funções do «Diário de Notícias» e do «Correio da Manhã» em Lisboa. Detém, ombro a ombro com o «Correio da Manhã», a maior tiragem da Imprensa diária portuguesa: uma média superior a 65 mil exemplares

Mário Mesquita

continua na pág. 3

Assalto ao «JN» hoje na Bolsa

A disputa entre PSD e soaristas pode entregar o jornal ao magnata francês Hersant

O destino do maior jornal diário português está a ser jogado na Bolsa de Valores. Um centenário matutino, com grande tradição em todo o Norte, é assim vendido em leilão, sem cláusulas de resguardo da

independência e linha editorial. A luta pelo seu domínio foi feroz e envolveu jogos políticos e pressões económicas, protagonizados por PSD, soaristas e direita luso-francesa.

Págs. 2 e 3



A praxe de Cannes O festival de Cannes começou ontem com a praxe da recepção das vedetas (na foto o ministro francês da Cultura com Lauren Bacall) e um grande filme extra-concurso, «Sonhos», de Kurosawa. Hoje, começa a competição com 19 filmes a concurso até 21 de Março.



Uma rolha laranja para cada deputado

Os 250 deputados receberam uma rolha alaranjada, enviada pelo Sindicato dos Jornalistas e acompanhada de um cartão onde se diz, «se não quer que o feitiço se volte contra o feiticeiro, não vote a lei da rolha que é a Alta Autoridade contra a Comunicação Social». Montalvão Machado já manifestou o seu desagrado por tal encomenda que, obviamente, visa o seu Grupo Parlamentar, o único que votou a favor da lei. «Pensam que é assim que conseguem alguma coisa?», perguntou ele aos jornalistas, expressamente convocados

para o ouvirem repetir que o PSD não muda o sentido do seu voto nem altera a lei vetada por Mário Soares.

A Alta Autoridade volta a ser apreciada na terça-feira e o PS e o PCP vão propor alterações.

Pág. 6



Críticos são excepção no Congresso do PCP Pág. 4

Repúblicas bálticas reunidas em cimeira Pág. 9

Livros portugueses para prémio europeu Pág. 20

Teatro Variedades vai para obras Pág. 23

Taça vai ter vencedor inédito Págs. 24 e 25

Lotaria
1.º - 40 134
2.º - 7 468
3.º - 68 338
Pág. 13

Suplemento A Mosca

Bom Dia

o iogurte



BIOLACTA, CRL

Rua Luís Augusto Palmeirim, N.º 15 - A/B • Tels.: 89 83 27/80 50 20
1700 LISBOA

Fátima: negócios em local sagrado

Dezenas de milhar de peregrinos dirigem-se já para Fátima, para rezar à Virgem no dia 13. Partem de todas as partes do País para satisfazer as suas próprias convicções. Como vão ser recebidos, quem vai ganhar materialmente com a sua Fé? O DL esteve em Fátima nas vésperas das celebrações de amanhã e sábado. Nos locais sagrados e nos locais de comércio, está montada uma verdadeira máquina de fazer riqueza à custa dos peregrinos. Apesar do parque hoteleiro ser dos mais desenvolvidos do interior do País, quase toda a gente hospeda visitantes, grande parte das vezes sem as mínimas condições de segurança e higiene. Em Novembro do ano passado morreram dois brasileiros numa «residencial».

Em termos de evolução religiosa, Fátima mantém-se parada no tempo, com os mesmos dogmas, o mesmo discurso profetizante. A Igreja só progride nas formas de alargar a sua influência na sociedade, empenhada que está no acesso à televisão. E já vende cassetes de vídeo, previamente censuradas.

Págs. 16 e 17

Hoje, ao fim da tarde, na Bolsa de Valores do Porto, serão conhecidos os resultados da Operação Pública de Venda de 86 por cento do capital da empresa do Jornal de Notícias. Nos bastidores da operação movimentaram-se fortes interesses políticos e económicos e é muito provável que o centenário e maior jornal diário português fique sob controlo de estrangeiros

Venda do «J.N.»: um jogo de com um tiro de cinco milhões

Em 1986, a seguir à derrota de Freitas do Amaral nas presidenciais, o governo de Cavaco Silva punha à venda 51 por cento do capital da empresa do «Jornal de Notícias». Não apareceu nenhum concorrente.

Em 1990, a seguir à derrota do PSD nas eleições autárquicas, o governo de Cavaco Silva, acelera a privatização do jornal, pondo à venda 86 por cento do capital da empresa editora, por cerca de 2,5 milhões de contos. Os concorrentes saltam de todos os lados e, segundo informações que colhemos de variadas fontes, vão oferecer mais de cinco milhões de contos pelas cerca de 850 mil acções em leilão.

Cada concorrente, isoladamente ou associado a grupos económicos nacionais ou a poderosos empórios de comunicação social europeus, esconde dos outros o valor da sua oferta. Há ofer-

tas loucas, a OPV transformou-se numa espécie de jogo de roleta russa, prevendo alguns que o tiro final poderá transformar-se num suicídio financeiro.

Jogo tanto mais traiçoeiro quanto se afirma que o regulamento desta operação pública de venda não garante a transparência e a seriedade do processo.

O consultor jurídico de um dos concorrentes disse-nos que não há garantia de sigilo nas ofertas de compra de acções, porque os respectivos documentos não são fechados e resguardados. Circula em disquetes, que vão dos bancos ou dos corretores para a Bolsa. Soubemos de muitas ofertas que deram entrada depois do final do prazo marcado pelo regulamento, o dia 30 de Abril.

Os grupos económicos e as sociedades de imprensa queixam-se de que os privilégios concedidos às coope-

rativas de jornalistas lhes permitem fazer jogos no escuro, porque têm dois anos para pagar as acções que subscreverem.

Eu acrescentaria que o Governo adulterou e falsificou o bom princípio do privilégio concedido às cooperativas de jornalistas dos jornais a privatizar. Em princípio, tal permitiria controlar ou manter a independência dos jornais perante o poder económico e político. No final, o privi-

légio teve um efeito perverso previsível, porque o Estado não facultou meios de crédito às cooperativas, que lhes permitissem fugir às insidiosas alianças com os agentes desses poderes.

Os trabalhadores da empresa, agrupados na cooperativa «Jota Ene», queixam-se - e ameaçam com pedido de inconstitucionalidade - porque os cooperantes não podem candidatar-se à oferta de acções reservadas aos trabalhadores o que, em seu

entender, viola o princípio da igualdade de todos perante a lei e «não protege o sector cooperativo e social dos meios de produção.»

Na véspera da data limite para a apresentação de ordens de compra, aconteceu o maior golpe de teatro desta operação. O grupo de Manuel Amorim, que tinha um contrato escrito com a cooperativa de jornalistas do «J.N.», rompeu o acordo. Traídos, os sócios da Alfapresse, o grupo de directores

e chefes de redacção, ficaram «descalços», sem capacidade para manobrar a escolha de um futuro patrão com quem pudessem previamente acordar um conjunto de regras editoriais.

Nessa altura, percorri o interior do «Jornal de Notícias». Na redacção, hoje grandemente constituída por jovens estagiários, depois da sangria que o «Público» fez nos quadros jornalísticos daquele diário, o ambiente era de apatia. As decisões estavam nas mãos da elite de chefes e directores, desesperados à procura de uma solução. Os trabalhadores, esses já tinham vendido por um prato de lentilhas as acções a que têm direito preferencial, a um preço baixíssimo, a Manuel Pacheco de Miranda, aliado de um forte concorrente, a Gesgráfica, proprietária do concorrente «O Comércio do Porto», e deixando um pouco desamparados os sócios da sua cooperativa, a da arraia miúda, a «Jota Ene».

No meio do seu desespero, os chefes da «Alfapresse» recebem um recado: está em Lisboa um senhor chamado Carlos Ziplivan. É o representante em Madrid do grupo francês Hersant. José Saraiva e Manuel Pina, chefes de redacção, avançam para a capital. Com o apoio financeiro do grupo Espírito Santo, ele também com fortes ligações a investimentos em França, o acordo é rápido.

Os veteranos jornalistas do «J.N.» vendiam assim a alma ao Diabo, a extrema direita francesa, um diabo com o rosto de Robert Hersant, homem político próximo de Jacques Chirac, o maior patrão da imprensa francesa, que avança para Portugal, depois de em Espanha ter comprado uma rádio e ter entrado no «Câmbio 16». Hersant domina mais de 30 por cento da imprensa escrita francesa, entre os quais o «Le Figaro» e «France Soir», no total cerca de vinte diários, além de 25 por cento do canal de tv privada «TV 5», aliada a Berlusconi. Diz-se que um em cada quatro franceses lê um jornal de Hersant.

E eis como a desistência de Américo Amorim, capitalista português, dá entrada ao capitalismo estrangeiro, no maior jornal diário nacional. E os grupos editoriais franceses poderão não

O maior diário um bom património

Grupos económicos, empresários de comunicação social e mesmo jornalistas, reflectiram algum tempo, quando se começou a perspectivar as futuras privatizações, sobre se era mais vantajoso adquirir um título já feito ou lançar um novo jornal. Belmiro de Azevedo optou pela segunda estratégia. Francisco Balsemão pela primeira, com a vantagem de ter feito uma compra barata de «A Capital», a PEI também, ao adquirir o «Diário Popular» e o «Record».

Balsemão parece ter acertado; de Belmiro de Azevedo ainda é cedo para avaliar os resultados do seu ambicioso projecto; da PEI se pode dizer que acertou no caso do «Record» e que se revelou muito complicado o negócio do «Diário Popular».

Em relação aos títulos a privatizar, sempre se considerou o «Jornal de Notícias» como a empresa mais apetecível e de menor risco.

Com uma venda média de 70 000 exemplares por dia (diz-se que o lançamento do «Público» não lhe mordeu significativamente o mercado), o JN é o diário com mais expansão no mercado, porque dominando o Norte e o Centro, a zona mais populosa e rica do País, a sua influência se estende até Leiria. É proprietário de um outro título, o único diário desportivo, «O Jogo», ainda deficitário, e com uma venda média de 12 mil exemplares.

As avaliações feitas antes da OPV deram dois valores patrimoniais à empresa bem díspares, 2,7 e 4 milhões de contos, mas os concorrentes parecem dispostos a dar bem mais por ela. O certo é que facturou 2,3 milhões de contos de publicidade em 1989 e os lucros ascenderam a 790 mil contos.

Um outro património torna atractivo o negócio do JN: o seu edifício-sede, instalado no centro da cidade do Porto, avaliado em cerca de 1,8 milhão de contos.

Segundo nos declarou Queiroz da Costa, vice-presidente do conselho de administração, a empresa está numa boa situação financeira, pois acabou de pagar em 1988 à banca todos os débitos do acordo de viabilização que celebrara em 78. Já adquiriu um terreno na Maia para construir um novo parque gráfico, necessita de completar o sistema informático e como único grande investimento precisa apenas de adquirir uma nova rotativa.

A.C.



A sede do JN, um valor imobiliário avaliado entre 1,5 e 1,8 milhão de contos

JORNAL DE NOTÍCIAS

JORNAL DE NOTÍCIAS

JORNAL DE NOTÍCIAS

JORNAL DE NOTÍCIAS

JORNAL DE NOTÍCIAS

JORNAL DE NOTÍCIAS

roleta russa de contos

GRANDE ANGULAR

ficar por aqui. Jaime Antunes, do "Semanário Económico", também apostou forte nesta OPV e sabe-se como ele está fortemente ligado ao grupo "Expansion", de Jean Louis Schreiber.

Para compreender toda esta difícil teia há algumas pistas, já que ela se entrelaça do cruzar de lobbies políticos com lobbies económicos. E a desistência de Américo Amorim tem uma explicação, que ninguém conseguirá provar com documentos que não existem, nem com testemunhas que não falam. Américo Amorim (ele estará interessado noutras privatizações, recebeu ajuda conversão da Mabor e tem de apagar os escândalos de má aplicação de verbas do Fundo Social Europeu em em-

presas do seu grupo) terá sofrido pressões políticas do Governo para não apoiar a cooperativa Alfapresse. Os seus jornalistas são suspeitos de afinidades com o Partido Socialista e com Mário Soares. Por outro lado, a Alfapresse era e é concorrente da Gesgráfica, considerada politicamente testa de ferro do PSD, e de que são associados Manuel Teixeira, José Serra e Alberto de Carvalho, directores e administradoras de "O Comércio do Porto".

Quem está associado a este grupo já detém a propriedade daquele jornal, que concorre unido à Lusomundo, único accionista privado do "JN", com 14 por cento do capital? Freitas Cruz, homem de confiança do PSD, antigo director do jornal, actualmente adminis-

trador da RTP, Pacheco de Miranda, também antigo director, e Sousa Brito, que foi secretário de Estado da comunicação social pelo PSD.

Embora um porta-voz da Gesgráfica nos tenha dito que concorreram sozinhos à OPV, não nos foi desmentido que também tenham concorrido aqueles de quem se afirma poderem ser os financiadores daquela sociedade, Magalhães Pinto, do BPA, Laurindo Costa, Rodrigo Leite e Salvador Caetano, estes últimos patrões de três grandes empresas, com interesses cruzados, respectivamente, a Soares da Costa, a Tertir e Salvador Caetano. Por coincidência, os três aderiram recentemente ao PSD, no decorrer de uma sessão realizada na



Américo Amorim deserta...



...Hersant avança



Salvador Caetano dá uma ajuda



Balsemão não val lá...



...Jaime Antunes vai crescendo

Vários personagens à procura de um jornal

A operação pública de venda do capital do "Jornal de Notícias" envolve muitos personagens. Alguns, dos mais influentes, nem sequer aparecem na ribalta, os financiadores; outros, escusam-se a falar com o jornalista: o segredo é a alma do negócio; os mais expostos são os jornalistas e empresários de comunicação social, sem ou com pouco dinheiro para um negócio de muitos milhões.

Os grandes grupos económicos não se sentiram muito atraídos pela posse do maior jornal diário português e vão lá mais a pedido do poder político: Américo Amorim roeu a corda, no último minuto, e deixou "descalços" os jornalistas do "JN"; industriais nortenhos poderão dar uma ajuda ao grupo de "O Comércio do Porto". Mais activas estarão instituições financeiras.

Aqui ficam vozes de alguns dos muitos personagens que cruzei nesta viagem ao interior desta OPV:

«É verdade que cheguei a interessar-me pela compra do "JN", que cheguei a falar com a Lusomundo, mas esta tinha à partida a vantagem de dispor de 14 por cento do capital e da sua associação à Gesgráfica. Para ficar com a sua posição dominante, era necessário muito dinheiro, de que não disponho. Não concorri à OPV. Não ia lá

meramente para especular. Não é a minha especialidade.»

Francisco Balsemão,
presidente da Sojornal

«Concorremos sozinhos à totalidade do capital, não estamos aliados a grandes grupos económicos de que se fala, o que não quer dizer que não venhamos a fazer com eles um acordo formal, em função dos resultados da OPV.»

Manuel Teixeira,
director de "O Comércio do Porto"
e membro da Gesgráfica

«A nossa preocupação é assegurar a sobrevivência do jornal, o que passa por manter a sua linha editorial de jornal plural, independente e popular; por isso, procuramos o apoio de grupos económicos, com a condição de nos garantirem a manutenção do estatuto e da independência editorial.»

Manuel Pina,
chefe de redacção do Jornal de Notícias
e dirigente da cooperativa Alfageste

«Esperamos obter uma parte relativamente significativa do capital social da empresa, de modo a associar-lhe a força do trabalho que representamos, apesar do regulamento da OPV não permitir

aos cooperantes concorrer à fatia da venda de acções reservadas aos trabalhadores, o que consideramos anticonstitucional.»

Júlio Roldão,
vice-presidente da Jota Ene,
cooperativa de jornalistas
e outros trabalhadores do JN

«A Económica», empresa que gere as participações do Semanário Económico, concorre à OPV em posição suficientemente forte para fazer acordos posteriores com outros concorrentes. Não é verdade que nos associamos nesta operação com o grupo "Expansion", que detém 50 por cento do capital do nosso semanário.

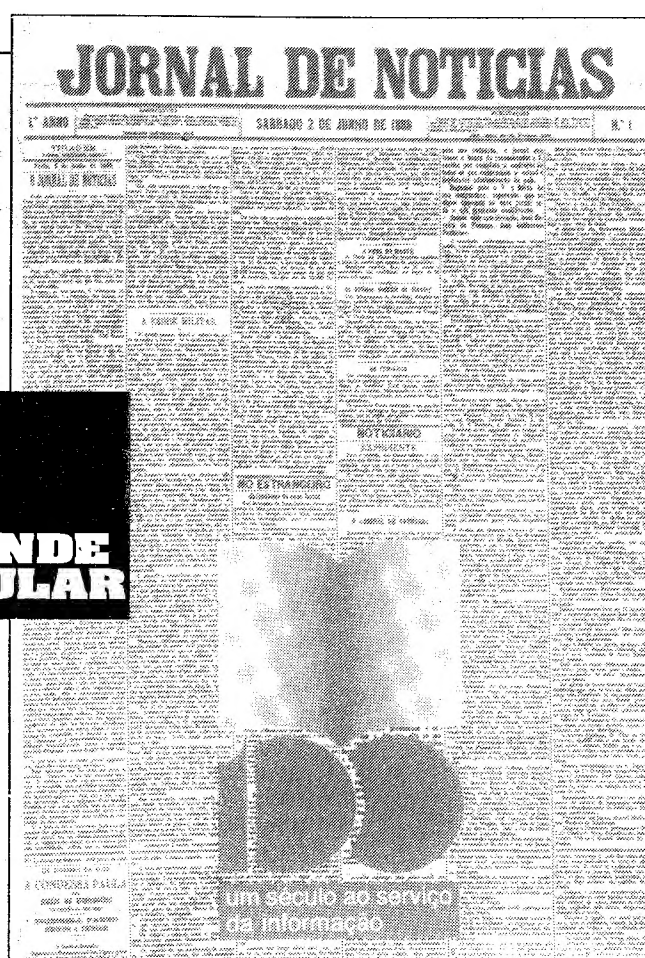
Jaime Antunes,
director do Semanário Económico

«Comprei acções reservadas aos trabalhadores do JN, correspondentes a 2 ou 3 por cento do capital da empresa; preocupa-me que grandes grupos económicos venham a tomar conta do jornal e alterem a sua tradição de jornal popular e independente.»

Manuel Pacheco de Miranda,
antigo director do JN
e aliado da Gesgráfica

A.C.

M. M.



Um jornal centenário, em 1888 saía o primeiro número

cidade do Porto.

Mas do lado de Mário Soares nem tudo esteve parado. Houve tentativas para interessar autarcas do PS no concurso, em associação com a Alfapresse, sabe-se que Manuel Bulhosa, através da Bertrand (de que Jaime Gama foi recentemente nomeado administrador), também concorre. Uma ou-

tra editora, a Afrontamento, poderá dar uma pequena ajuda.

O tiro disparará hoje, ao fim da tarde. Então se poderá perspectivar qual será o destino de um jornal centenário, e o futuro da liberdade de informação ficou ou não mais reduzida em Portugal.

Adelino Cardoso

EDITORIAL

continuação da pág. 1

Os mais livres do mundo

continuação da pág. 1

por dia, em 1989. Caracterizando-se por um estilo informativo, pluralista e popular, de 1974 para cá, traduzia, nas linhas ou nas entrelinhas, com as limitações decorrentes do estatuto de órgão público e da sua estratégia comercial, a sensibilidade de esquerda preponderante na sua Redacção, embora de forma mais discreta a partir dos anos 80.

Será importante averiguar as consequências da privatização do "JN" no plano jornalístico, político e comercial. Que espécie de autonomia conseguirão garantir os jornalistas? Que estratégia política e comercial definirão os grupos que vierem a tornar-se dominantes? Onde acaba o interesse na empresa jornalística e começam os negócios imobiliários? Que consistência manterão as cooperativas de jornalistas no jogo arriscado das alianças com empresários privados e grupos políticos?

Porventura mais apaixonada pela abertura de novos canais de TV, a opinião pública parece alheada das questões relativas aos jornais, mas importa sublinhar que, enquanto se aguarda a privatização do "DN", inicia-se hoje, na Bolsa do Porto, o último capítulo de uma era na comunicação social portuguesa. O "JN" é uma instituição, quase um símbolo, da capital do Norte: se a venda redundar em limitações inaceitáveis à liberdade de expressão ou numa viragem à direita, imposta contra a vontade da sua Redacção, será uma alteração significativa nos equilíbrios políticos da Imprensa e do País - embora se saiba que, mesmo nos piores momentos, surgirá, na RTP, uma personalidade autorizada, a garantir, com a maior convicção, que temos os jornais mais livres do mundo.

POLÍTICA

B R E V E S

INES «guarda-se» para Junho

O Conselho Geral do Instituto de Estudos Sociais vai eleger o presidente e criar comissões de «dinamização do trabalho» em reunião a realizar no início de Junho - apurou o «DL». O INES reserva-se, assim, para uma fase posterior aos congressos do PCP e do PS, marcados para este mês, por forma a evitar que a sua actuação seja interpretada como tentativa de influenciar as decisões daqueles partidos.

Governo diz que não interfere na TV

O ministro Adjunto e da Juventude, Couto dos Santos garantiu, durante as II Jornadas de Marketing e Publicidade, que o Executivo não interfere nos problemas da Televisão. No seu entender, «a interferência do poder político nas empresas de Comunicação Social já acabou há alguns anos». Referindo-se à atribuição de novos canais de televisão, Couto dos Santos disse: «vejo muita gente a discutir esse problema, mas não vejo ninguém a discutir o mercado publicitário das novas TV».

Mota Amaral admitiu eleições antecipadas

O presidente do PSD/Açores afirmou ter admitido a hipótese de provocar eleições regionais antecipadas face a dificuldades no relacionamento entre a região autónoma e o poder central. Porém, na sua opinião, a melhoria que se tem vindo a verificar nas relações com Lisboa, aliada à necessidade de estabilidade política e de Governo fazem com que esse cenário esteja fora das perspectivas dos social-democratas. Entretanto, os socialistas açorianos defenderam na moção única que levarão ao respectivo congresso regional a renegociação da dívida regional, pois entendem que esta condiciona a actuação dos futuros governos daquele arquipélago.

Sampaio recebido na CGTP-IN

O secretário-geral do PS, foi recebido hoje, ao fim da manhã, na sede da CGTP-IN. Chefiando a delegação socialista, Sampaio debateu com os dirigentes sindicais «questões que se ligam com o aprofundamento da integração europeia, nomeadamente as que se referem à orientação a imprimir à revisão dos tratados da CEE». Amanhã, Jorge Sampaio participa num debate sobre áreas metropolitanas, promovido pelo departamento nacional de autarquias do PS.

Autarcas reúnem em Matosinhos

Cerca de 50 autarcas ligados a municípios localizados a Norte do Douro estão reunidos hoje em Matosinhos no encontro mensal que habitualmente realizam. Da agenda de trabalhos faz parte o debate sobre ordenamento do território e relações do Poder Local com o Poder Central.

Ministros apelam ao desarmamento nuclear

Reunidos em Kananaskis, no Canadá, os ministros da Defesa que integram o Grupo de Planamento Nuclear da NATO, apelaram, no final do encontro, à União Soviética para que «opere unilateralmente substanciais reduções das forças nucleares». A próxima reunião ministerial realiza-se ainda este ano, em Outubro, na sede da NATO, em Bruxelas.

MRPP reivindica nova sede

O PCTP/MRPP reivindica uma nova sede, condigna, para o partido já que as anteriores instalações na Calçada do Combro ruíram há cerca de uma semana. Garcia Pereira, do Comité Central, acusou o Governo e os vários presidentes do município de Lisboa, desde Aquilino Ribeiro Machado até Jorge Sampaio, passando por Abecasis, por acções contra este partido. O dirigente disse que há discriminações porque «arranjaram uma sede para a UDP na Rua de S. Bento, mas recusam-se a arranjar instalações para o PCTP/MRPP». Apela ainda «veementemente a todos os operários conscientes, aos jovens estudantes e não estudantes, às mulheres trabalhadoras, à intelectualidade progressista e aos idosos(...) para que levem a luta a bom porto».

«Críticos» são gota de água no congresso do PCP

Álvaro Amaro, antigo deputado, entre os que conseguiram a eleição

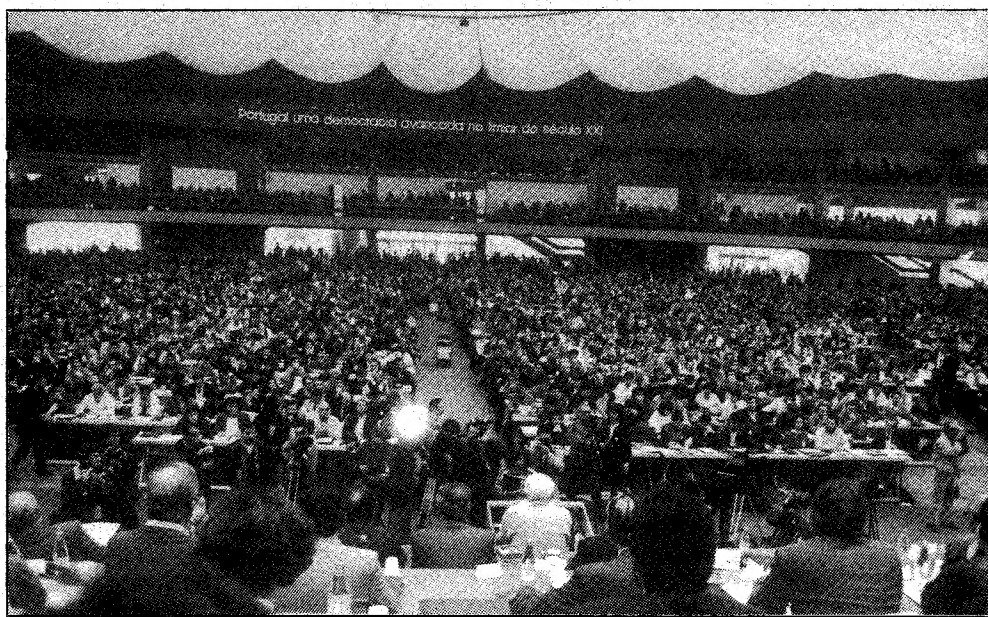
O operário de Moscaide Ramiro Morgado, o antigo deputado Álvaro Amaro, eleito por Palmela, e o militante das Caldas da Rainha, José António, são os mais recentes membros do sector crítico do PCP, eleitos para o congresso extraordinário da próxima semana - apurou o «DL» de fontes partidárias.

Os três, presentes na reunião magna de 1988, no Porto, juntam-se assim a Ribeiro Lopes, de Óbidos, e ao jurista Delgado Martins, que então apresentou uma proposta de regulamento do congresso alternativa à oficial. Os chamados «críticos», a maior parte dos quais se afastou do processo, constituirão, portanto, uma gota num oceano de delegados da linha oficial.

Subsistem, aliás, entre eles, posturas diferentes perante o congresso. A convicção generalizada é a de que não há condições para operar a renovação, mas tal não inibiu Judas e Barros Moura de tentarem a eleição, enquanto o professor universitário António Mendonça aguarda o plenário da sua organização para se candidatar. Quanto a Raimundo Narciso, incluído numa assembleia na qual não está partidariamente organizado, fez saber que não a reconhecia e desligou-se do processo.

Entretanto, ao que apurou o «DL», continua a ser prematuro apontar com segurança os nomes das personalidades envolvidas na reestruturação orgânica. Na reunião de segunda-feira, o Comité Central limitou-se a «discutir soluções». O órgão abriu a possibilidade de se optar por mais do que um secretário-geral adjunto, precisamente para assegurar representatividade às sensibilidades internas, reduzindo a probabilidade de ser indigitado um só «sucessor» de Cunhal.

À falta de uma figura destacada e consensual, cujo perfil associe a qualidade intelectual ao conhecimento do



Tal como no anterior congresso, serão poucas as vozes a erguer-se contra a ortodoxia oficial

aparelho partidário, o PCP aposta num colectivo, assumindo os riscos da opção. «Responde a uma situação imediata de gestão do equilíbrio, mas não esboça uma solução de futuro», comentou ao «DL» um militante crítico.

«Medida cautelar»

Quanto à dimensão das mutações orgânicas, é já líquido que a prevista redução da Comissão Política vai implicar o desaparecimento do executivo deste órgão, conferindo-lhe maior operacionalidade na orientação política do partido. A nova Comissão Executiva Nacional, que «herda» parte das competências da CP, será atribuído um papel fundamental na direcção das organizações regionais e frentes de trabalho.

Dispositivo inovador é a exigência de dois terços para a eleição do secretário-geral e do ou dos secretários-gerais adjuntos no seio do Comité Central. O PCP rompe, assim, com a tradição da unanimidade, recorrendo a uma fórmula que é entendida como uma espécie de «medida cautelar», uma «precaução para o fim da era Cunhal».

O processo de preparação do congresso está já na con-

tagem decrescente. Os últimos delegados serão eleitos até domingo e, no dia seguinte, o Comité Central fará a síntese das contribuições para as teses, elaborando a resolução política.

Em Loures não estarão presentes delegações estrangeiras. Numa época de crise do movimento comunista, em que o PCP perde elos de ligação internacional, segue-se a tradição de fazer dos congressos extraordinários encontros «domésticos». Já no VII, o primeiro extraordinário após o 25 de Abril, e no X, que em 1986 formalizou o apoio a Mário Soares para a segunda volta das Presidenciais, não foram convidadas delegações dos «partidos irmãos».

Batalhas à escrita

Entretanto, «duros» e «críticos» envolvem-se activamente em «batalhas à escrita». António Mendonça apresenta esta tarde em Lisboa o livro «A crise económica e a sua forma contemporânea», no qual alinha posições distintas das oficiais. Põe em causa, por exemplo, os efeitos da luta de classes sobre a evolução do capitalismo. Para a semana, é a vez de Vital Moreira lançar «Reflexões sobre o PCP», em cujo prefácio

dá sequência a críticas já formuladas à condução política do partido que representou no Parlamento e no Tribunal Constitucional. Vital, que dá à estampa, entre outras, crónicas editadas no «DL» sob o pseudónimo Bento Nemo, acusa Cunhal de estar «agarrado desesperadamente a velhos dogmas exangues» e chega a admitir que o partido está «definitivamente condenado ao declínio».

Entretanto, Miguel Urbano Rodrigues e José Luis Judas prometem prosseguir nas páginas do «Diário» uma acesa polémica a propósito do documento crítico apresentado pelo sindicalista. O antigo director do matutino, ontem empossado como deputado para «atacar» nas questões internacionais, acusará Judas de pobreza ideológica, considerando que as suas posições estão longe de prefigurar um «novo pensamento».

Judas responde na edição de hoje, reiterando as suas discordâncias em relação a Miguel Urbano Rodrigues - que promete voltar à carga - e agradecendo à direcção do jornal a nova postura substanciada na abertura das suas páginas à discussão ideológica.

Paulo Martins

Resposta ao «Jornal de Angola»

Soares diz que não tem «ciúmes» de Cavaco

Mário Soares negou ter «ciúmes» do primeiro-ministro, em declarações ontem feitas no Funchal, onde se encontra para presidir à sessão de encerramento do congresso internacional do «Pen Club».

Reagindo à insinuação recente de um jornal de Luanda, sobre as conversações entre a UNITA e o MPLA, apadrinhadas por Cavaco, o Presidente da República frisou: «Em matéria de ciúmes, se fosses de mulheres, no meu tempo de rapaz, eu ainda era capaz de ter. Mas agora de

homens, nunca».

Soares salientou que as insinuações do periódico angolano «são um tipo de intoxicação corrente em certo género de imprensa» e confirmou, a propósito da situação na África Austral, um encontro, na próxima semana, com o presidente De Klerk.

Note-se que Soares, desde ontem no Funchal, se desloca a Madeira uma semana antes de Cavaco Silva, por razões diferentes deste.

POLÍTICA

Penas dos assassinos de Delgado prescrevem no ano 2001

O Supremo Tribunal Militar (STM) decidiu ontem que as penas aplicadas aos antigos agentes da Pide, Rosa Casaco e Casimiro Monteiro, acusados do assassinio do general Humberto Delgado, não prescreveram. O STM deu provimento por maioria e apenas com o voto de vencido do juiz relator, Manuel Lopes, ao recurso interposto pela mulher e pela filha do general, Iva Delgado, ao acórdão de 12 de Fevereiro, deliberado pelo Tribunal Militar Territorial de Lisboa, e que prescrevia as penas destes dois réus revéis. «O Tribunal Militar fez justiça. É uma vitória não apenas minha ou da minha mãe, mas de todos os portugueses e, sobretudo, da democracia» - comentou Iva Delgado à saída do Tribunal de Santa Clara.

Com esta decisão, Rosa Casaco, a viver actualmente em Madrid, e Casimiro Monteiro, na África do Sul, condenados, em 1982, respectivamente a 17 e 19 anos de prisão, não podem regressar a Portugal impunemente. O ano de 2001 é agora a data para a prescrição das penas aplicadas, já que o prazo de 22 anos e meio começou a ser contado a partir de 11 de Julho de 1978, data da marcação do julgamento, e não desde a época em que o general foi assassinado (13 de Fevereiro de 1965).



A 8 de Junho de 1958 Delgado era candidato presidencial, ontem o Tribunal Militar não prescreveu as penas dos seus assassínios

Na sua alegação o advogado das recorrentes, José Luís Nunes, frisou a incoerência desta prescrição, pois no período antes do 25 de Abril era a própria Pide que ditava as regras. «A Pide tinha não só funções de informação, como também de tribunal de instrução criminal, sendo impossível mover-se qualquer processo. A Pide não só impediu o processo legal como falseou um outro, que pretendia incriminar alguns dos amigos do general. Por isso, digo que o acórdão de Fevereiro foi um erro e um equívoco que deve ser corrigido» - referiu.

O promotor de justiça,

coronel Martins Santos, defendeu que se estava perante um recurso a que assistia uma dúvida moral, mas que não se podia invocar a razão legal. «Vivia-se uma época em que as circunstâncias impediam o cumprimento da lei, mas mesmo assim penso que o início do processo criminal não tinha como base a falta de uma autorização legal» - disse. O advogado de defesa dos réus, tenente-coronel Marques de Sousa, considerou também que esta questão era mais de pendor político do que legal e que, por isso, a prescrição terminava a 12 de Agosto de 1987, data em que decorreram os 22 anos e meio.

Porém, a decisão, transmitida duas horas depois do julgamento, foi contrária a esta argumentação e favorável à família Delgado. O defensor José Luís Nunes bateu-se ainda contra os perdões concedidos aos réus em 1987, mas o recurso foi indeferido por unanimidade.

Apesar da vitória Iva Delgado preocupa-se com a cerimónia de trasladação e afirma que há mesmo quem não queira dar cumprimento à resolução da Assembleia da República. «Até este momento ainda não foi tornado público pelo Governo a composição e o programa do acto solene. Parece que há eminências pardas do antigo regime que ainda hoje exercem influência no caso Delgado. O oficial que instaurou o processo contra meu pai é, por coincidência, sogro de um membro do Governo português. Não quero crer que se coloquem razões de ódio pessoal acima de razões de Estado. Vou pedir uma audiência ao primeiro-ministro a fim de lhe manifestar pessoalmente as minhas apreensões» - disse Iva Delgado.

Além da família e de Alcina Bastos, estiveram ontem no Tribunal de Santa Clara, Mário Tomé e Carlos Marques, da UDP.

A.M.I.

Mafra nas teias da lei

A Inspeção-Geral da Administração do Território está a dar seguimento a 60 inquéritos a câmaras municipais. Mafra é um dos municípios acusados de actos passíveis de procedimento criminal. José Ministro dos Santos, do PSD, apesar das suspeitas, conseguiu ser reeleito nas últimas autárquicas.

As conclusões do inquérito, ontem tornado público, dão como provado que a Câmara é conivente com a existência de explorações de suínos «sem o respectivo alvará de licenciamento» e de outras que, apesar de licenciadas, «não respeitam as normas jurídicas e técnicas, a fim de salvaguardar o meio ambiente, a saúde e o bem estar das populações».

O relatório dá conta do licenciamento de obras na zona de protecção da Basílica de Mafra «de molde a causar grandes preocupações». Estes licenciamentos não tiveram o parecer obrigatório do Instituto Português de Património Cultural ou da Direcção-Geral de Planeamento Urbanístico.

As obras e as respectivas licenças são, por isso, consideradas nulas. Os resultados do inquérito vão ser apresentados ao IPPC e ao Tribunal Administrativo do Círculo de Lisboa. É longo o processo que atinge o município de Mafra.

O relatório considera terem existido ilegalidades na atribuição do licenciamento para o Parque de Campismo Municipal, na adjudicação de obras a um empreiteiro e em processos de loteamento, alguns deles já participados em tribunal.

O inquérito vai ser divulgado ainda ao Tribunal de Contas à Comissão de Coordenação Regional de Lisboa e Vale do Tejo, à Alta Autoridade Contra a Corrupção e ao Governador Civil de Lisboa.

Redacção «DL»

Concelhia de Lisboa do CDS

Dúvidas atrasam posse de Abecasis

Abecasis só tomará posse da presidência da concelhia de Lisboa do CDS quando a questão das dúvidas levantadas pelo seu principal competidor nas eleições da semana passada, Costa Deitado, forem esclarecidas. Será para isso decisiva a intervenção da Comissão Política Distrital do CDS, o que poderá acontecer dentro de dias. «Decidi não tomar posse enquanto o problema não estiver esclarecido», disse o ex-presidente da Câmara Municipal de Lisboa ao «DL».

«Deus nosso senhor sempre quis que eu ganhasse todas as eleições em que entrei», afirmou Abecasis em conferência de Imprensa convocada para explicar publicamente a sua posição acerca da suspeita de «graves irregularidades» admitida por Costa Deitado, que perdeu as eleições de sexta-feira pas-

sada para a concelhia de Lisboa. A sua lista averbou menos votos (cerca de 30 por cento) que a de Abecasis (65), pelo que o próprio Costa Deitado o felicitou pela vitória, sem sequer se referir à insatisfação da Juventude Centrista.

Qual não foi a surpresa de Abecasis quando veio contestar os resultados, levantando suspeitas sobre 48 eleitores que não terão votado por sua livre vontade. Deitado deixou no ar a ideia de que não teriam sido enviados boletins de voto aos «faltosos». Abecasis considera absurdo admitir a hipótese de que esses abstencionistas não tenham recebido o rectângulo de voto e não compreende a razão por que Costa Deitado se insurja - em carta que lhe remeteu - pelo facto de «ter sido criada a inaceitável figura da abstenção».

Redacção «DL»

Governo acaba com Reforma Agrária

A extinção da Zona de Intervenção da Reforma Agrária foi ontem decidida pelo Conselho de Ministros. Nos termos do porta-voz do Conselho de Ministros, Marques Mendes, esta decisão é uma das mais importantes tomadas pelo Governo na sequência da mais recente revisão constitucional e destina-se a extinguir «toda a concepção gonzalvista e colectivista do uso da terra a sul do Tejo».

O Governo anunciou que vai apresentar, já no princípio do ano que vem, uma proposta de lei de bases de fomento e desenvolvimento agrícola, destinada a vigorar em todo o País «e já não para uma região em particular».

As terras nacionalizadas passarão para a propriedade de proprietários privados, através de um complexo esquema

que prevê o retorno dos anteriores titulares e a venda a novos empresários agrícolas, pequenos e médios de preferência.

Dez milhões para as autarquias

Com uma proposta de lei de autorização legislativa sobre o funcionamento dos mercados de capitais, o Conselho de Ministros pretende lançar as bases de uma «verdadeira privatização destes mercados».

«No futuro, a criação, manutenção e gestão das bolsas de valores passarão a caber a associações de bolsa formadas por correctores e outras instituições financeiras», afirma o comunicado do Conselho de Ministros. Com benefícios fiscais e a obrigatoriedade de criarem um fundo de garantia, os mercados

portugueses de capitais conhecerão outra vida, segundo o Governo, que definiu um crime novo, o da manipulação do mercado. As demais infracções valem 300 contos e a interdição de operadores até cinco anos, nos termos da nova legalidade.

Também na sessão de ontem, o Governo aprovou uma linha de crédito bonificada de dez milhões de contos destinada a financiar projectos municipais comparticipados pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER). O Governo lança assim uma palavra de ordem: que «tenham capacidade técnica e financeira para absorver as verbas comunitárias que estão à disposição do País».

Redacção «DL»



«Acção de solidariedade» junto à Penitenciária de Lisboa

Ex-presos do «caso FP 25» reclamam lei de amnistia

Otelo e Mouta Liz não estiveram ontem à tarde na concentração dos ex-presos do primeiro processo das FP-25 de Abril na «acção de solidariedade» que decorreu frente à Penitenciária de Lisboa. Isto por motivos que os companheiros que participaram na manifestação explicaram aos jornalistas: o primeiro, por razões de ordem militar; o segundo, por se encontrar fora da capital.

No Estabelecimento Prisional de Lisboa encontram-se detidos sete elementos das

FP-25 de Abril, quatro homens (Daniel Tavares, Teixeira de Carvalho, Honório Marques e Teodósio de Alcobia) e três mulheres (Maria Manuela Everard, Natércia Campos e Helena Carmo).

Pedro Goulart foi um dos que compareceram, afirmando que «só uma amnistia reporá a justiça neste intrincado caso». Assistiu, em conversa com o repórter do «DL», ao desfile de uma faixa com a inscrição «Não podemos ser livres enquanto houver companheiros

presos», primeira iniciativa da breve manifestação que terminou com a entrega de uma mensagem para os colegas ali detidos.

José Gomes, um dos dezanove presos acusados de pertencerem às FP-25, libertados em Maio de 1989 da Penitenciária de Lisboa, deixou na recepção a mensagem de apoio e solidariedade, nas mãos do chefe dos guardas prisionais.

Por não serem réus do chamado «primeiro processo» das FP-25 e não terem, por-

tanto, cumprido três anos de prisão preventiva em Maio de 1989, aqueles sete continuam ainda detidos. Os que ontem se manifestaram estão, contudo, apreensivos quanto ao futuro. Foi, pelo menos, o que se nos afigurou das declarações cautelosas feitas durante esta iniciativa, que deve a sua razão de ser ao facto deste mês se completar um ano após a libertação de 29 dos presos das FP-25 da cadeia de Cústóias, no Porto.

J.R.

POLÍTICA

À MARGEM

Mais unanimidade para Laborinho Lúcio

O ministro Laborinho Lúcio recebeu, ontem e uma vez mais, a unanimidade do Parlamento que lhe aprovou um aditamento e alterações formais à Lei Orgânica dos Tribunais Judiciais. Trata-se de um antigo diploma de Fernando Nogueira, e agora foram clarificadas pelo novo ministro da Justiça algumas dúvidas quanto à definição do critério de competência do tribunal de círculo.

Laborinho Lúcio disse no plenário que a proposta não mudava a filosofia do seu antecessor e era «meramente interpretativa» do diploma de Nogueira. Na véspera, porém, ele dirigira-se de motu proprio à Comissão especializada para explicar as alterações, numa atitude que o centrista Nogueira de Brito considerou «diferente daquela a que estávamos habituados e que revela, a par do respeito pelo Parlamento, a consciência das deficiências da lei anteriormente aprovada e do sistema organizativo por ela constituído». A proposta do ministro Laborinho foi aprovada na generalidade e por unanimidade.

Bofé, senhor, mal pecado!

«Tribunal competente, precisa-se!», seria o título de uma farsa ao gosto vicentino, cuja encenação a deputada Odete Santos, do Partido Comunista, esboçou ontem, na Assembleia da República, durante o debate das alterações à Lei Orgânica dos Tribunais Judiciais. Na visão deste deputada, também conhecida em Setúbal como «a advogada dos pobres», assistir-se-ia, em cenário adequado, «à dança endiabrada dos processos, marchando do Tribunal de Comarca para o Tribunal de Círculo e depois para o Tribunal da Relação, com o utilizador da máquina da justiça surgindo pela direita baixa em figura de Parvo, no cais da Barca do Inferno, enquanto vozes do alto fazem o elogio à defunta lei de Fernando Nogueira». Nesse interim, juizes, magistrados, advogados e funcionários exclamariam em palco, na visão da «encenadora» Odete Santos:

«Bofé, senhor! Mal pecado sempre é morto, quem dos tribunais há-de viver».

Montalvão Machado manifestou-se, ontem, vivamente incomodado com a rolha que o Sindicato dos Jornalistas lhe enviou, a ele e a todos os deputados, uma bela rolha de cortiça, de cor alaranjada, em simbólica chamada de atenção para as consequências da nova votação da lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social, marcada para a próxima terça-feira

Os malefícios da rolha

O presidente do Grupo Parlamentar do PSD disse aos jornalistas, abruptamente convocados para o seu gabinete, não poder deixar de lamentar a recepção de uma rolha e do cartão que a acompanhava e onde se dizia, com os cumprimentos da Direcção do Sindicato dos Jornalistas, «se não quer que o feitiço se volte contra o feiticeiro, não vote a favor da rolha que é a Alta Autoridade contra a Comunicação Social». «Os senhores supõem que é desta forma que conseguem qualquer coisa?», perguntou Montalvão Machado, depois de garantir que o seu partido é contra «todas as formas de censura e de pressão sobre os jornalistas» e que a Comunicação Social deve ser, na perspectiva do PSD, «o mais livre possível». A Direcção da bancada parlamentar do PSD aproveitou também a inesperada oportunidade para responder às propostas de alteração do PS à lei vetada pelo presidente da República e que tinham sido divulgadas momentos antes.

Os jornalistas já sabiam que não conseguiam coisa nenhuma da bancada social-democrata. E independentemente da rábula da rolha (emblemática referência, aliás e tal como a tesoura, da luta de dezenas e dezenas de anos pela liberdade de expressão) foi isso que a Direcção da bancada da Maioria, ontem mesmo, confirmou.

Da improvisada reunião, em que foi patente, por exemplo, a sofreguidão pelo microfone -um presidente, dois vice-presidentes e uma vogal da Direcção parlamentar da Maioria atropelando-se na ânsia de arrebataram os microfones para rebaterem os argumentos subjacentes às perguntas dos jornalistas- resultou, apenas, a reafirmação de que o veto do presidente da República não os impressionou e que o primitivo voto vai ser reafirmado, mantendo-se a lei tal qual seguiu para Belém de onde foi devolvida por Mário Soares.

Momentos antes, o Partido Socialista tinha divulgado as suas propostas de alteração,



Montalvão Machado não gostou

em função do veto presidencial, e que consistem, essencialmente, na eliminação dos artigos que extinguem o Conselho de Imprensa e reduzem as competências dos Conselhos de Redacção. Também o Partido Comunista vai propor alterações no mesmo sentido.

Mas foi a proposta do PS para a formação de uma

espécie de colégio eleitoral dos quatro elementos deixados pela Constituição ao arbítrio do legislador ordinário, que mais irritou a Direcção da bancada do PSD. Pacheco Pereira diria mesmo, nessa abrupta reunião organizada sem sequer interromper o plenário onde falava o ministro Laborinho Lúcio, que a Alta Autoridade «é filha do PS» e que os socialistas estão agora a «engeitar o seu filho».

No mais, o PSD fez aquilo de que acusa o presidente da República e que aponta como fundamento para não atender às razões de Belém: repetiu até à exaustão os argumentos que a sua bancada já tinha desdobrado durante o primeiro debate. Nenhum argumento novo foi carrilado e a diferença é apenas de protagonistas: Nuno Delerue, marginalizado no processo obscuro de discussão de lei de televisão, perdeu o seu lugar ao microfone, entretanto ocupado pelos tenores mais altamente colocados na hierarquia operática do partido no poder.

Daniel Reis

Quarto Asterix cores, azul, encarnado

Prateleira pequena 2 900\$00

Prateleira grande 4 000\$00

Candeeiro de tecto 5 900\$00

Quadros 2 200\$00

Candeeiro de mesa de cabeceira 6 700\$00

Colchão de molas 183 x 98 15 300\$00

Cadeira 6 500\$00

Mesa de cabeceira 8 300\$00

Cama 29 500\$00

Secretária 18 800\$00

Aceitamos encomendas pelo correio

Morada: Rua Alfredo Ruas, 50 2675 ODIVELAS

Estante com 5 prateleiras 19 300\$00

Roupeiro com gavetas 26 600\$00

Estante com 3 prateleiras 12 650\$00

10% desconto de pronto pagamento ou 6 meses sem juros

LISBOA — Avenida Almirante Reis, n.º 125 — telefone: 530076

LISBOA — Rua Luciano Cordeiro, n.º 18-A — telefone: 3522662

LISBOA — Estrada de Benfica, n.º 176 — telefone: 780599

LISBOA — Ipermercado Ibérico — telefone: 7595959

ALMADA — Avenida 25 de Abril, n.º 45 — telefone: 2769001

AMORA — Centro Comercial da Amora

SETÚBAL — Avenida D. Manuel I, lote 80 — telefone: 74699

MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, n.º 40 — telefone: 2301197

BARREIRO — Rua Dr. Manuel Pacheco, n.º 92-A — telefone: 2077237

CARCAVELOS — Rua Paulo Jorge, n.º 3 — telefone: 2475289

MEM MARTINS — Rua da Azenha, n.º 3 — telefone: 9217570

QUELUZ — Rua José Elias Garcia, n.º 74 — telefone: 4363679

AMADORA — Avenida D. Nuno Álvares Pereira, n.º 5-B — telefone: 4945691

ODIVELAS — Ponte da Bica — telefone: 9323938

FORUM

POLÍTICA DE A a Z

O PODER ABSOLUTO NO «ESTADO-PARTIDO»

Não é só o Doutor Cavaco Silva, igualmente outros dirigentes nacionais do PSD; não poupam o Partido Socialista a severas críticas e a ataques contundentes. As conferências de imprensa, entrevistas e declarações aos meios de comunicação social, as interpelações e réplicas parlamentares, têm subido a valores altos na escala da impertinência e da agressividade. E mesmo as vozes mais melífluas, e as intervenientes social-democratas de face arredondada e de palavra habitualmente doce, têm posto nas suas afirmações e comentários um acento polémico que, por vezes, trai o azedume.

A prudente decisão, pessoalmente revelada por Cavaco Silva, de não apresentar um candidato social-democrata, ou pelo PSD directa e oficialmente apoiado, à próxima eleição presidencial, se evitará a desmobilização do eleitorado do partido na perspectiva das eleições legislativas de 1991, uma vez verificada a derrota nas eleições presidenciais, não constitui garantia de que após os êxitos das eleições europeias e das eleições autárquicas, o avanço do Partido Socialista, à fé das sondagens, possa vir a parar ou sofrer inflexão. São as apreensões, as incertezas dilacerantes, as previsões pessimistas, relativas aos resultados das eleições legislativas de 1991, que azedam o PSD.

A reacção do Grupo Parlamentar Social Democrata, já anunciada, ao veto do Presidente Mário Soares que reenviou à Assembleia da República a lei que criou a Alta Autoridade da Comunicação Social, representa um desafio à autoridade e função do Presidente, suscita uma situação no relacionamento institucional que não é dramática mas que sublinhará a distância entre o Presidente da República e o Governo.

Mário Soares não terá de repudiar o apoio eleitoral do PSD na eventualidade de se recandidatar, mas o PSD não poderá contar com o esquecimento de Mário Soares. O Presidente, nesta e noutras matérias, está mais perto das oposições do que do Governo. As suas opções pessoais, e o entendimento do exercício do cargo (veja-se *Intervenções-IV*), levam-no a censurar aspectos da vida pública e a avaliar criticamente a situação nacional. A coexistência funcional entre os dois poderes - a Presidência e o Governo -, não é um bom convívio democrático. Os dois poderes - a Presidência e o Governo -, suportam-se mas não se amam. Por este lado se evidencia uma das fraquezas da governação. Uma das dificuldades do «Estado-partido».

O «contra-veto» da Assembleia da República desafia o Presidente, mas, o que é, também, grave, reflecte a incapacidade do Partido Social Democrata para negociar com as outras correntes políticas com representação parlamentar. A argumentação da di-

recção do Grupo Parlamentar do PSD que reduz os fundamentos do veto presidencial às razões já expendidas pelas oposições no debate parlamentar, mostra que a vontade de poder do PSD não visa consensos mas as oposições que, pelo desfrute de absoluta maioria parlamentar, lhe são consentidas. Vivemos a situação político-parlamentar, de legitimidade democrática mas prejudicial à democracia, a que quadra a designação de *ditadura das maiorias*.

Manter essa situação partidária privilegiada - ser maioria parlamentar e ser Governo é o objectivo central e prioritário do PSD. A esse objectivo sacrifica uma elementar coerência, normas de moralidade pública, princípios de equilíbrio democrático. É o caso da Lei 9/90 que veio regular o regime de incompatibilidade dos cargos políticos e dos cargos cimeiros da administração pública. É o caso da proposta de alteração da Lei Eleitoral.

Se as alterações à «Lei das Incompatibilidades» revelam o peso dos interesses constituídos, a cedência do Governo perante o hábito e a reivindicação de acumular cargos e de auferir em duplicado, triplicado e quadriplacado vencimentos e remunerações, a proposta de «Lei Eleitoral» evidencia o propósito de, a pretexto da redução do número de deputados, reforçar a posição parlamentar dos dois maiores partidos. A primeira questão é de simples moralidade pública. O Estado-PSD receia, ao que diz, a deserção de altos funcionários e gestores públicos atraídos pelas pecuniosas remunerações das actividades privadas. Na realidade, pretende satisfazer e remunerar os grandes servidores do «Estado-partido».

A segunda questão é de geografia e sociologia eleitoral, dela resultará uma estrutura bipolarizante da representação parlamentar nacional. Lemos, transcrita neste jornal, uma opinião do deputado Pacheco Pereira: «... a mudança do sistema eleitoral torna mais fácil obter a maioria absoluta. O PSD lança a lei num momento em que o PS está a subir (...). Favorece os socialistas e o PSD, desfavorece os partidos, que antes eram mais favorecidos.» («DL», 7 de Maio de 1990)

Pretendendo pressionar o Partido Socialista, o líder e outros dirigentes nacionais do Partido Social Democrata recordam que a sua proposta de revisão da «Lei Eleitoral» decorre do acordo de revisão constitucional entre o PSD e o PS. Mas Jorge Sampaio reage com firmeza: «Não aceitamos discutir uma questão de Estado como se fosse um enleante negócio a dois». Em seu parecer, quer a criação do círculo nacional que a Constituição se limita a considerar uma possibilidade quer a subdivisão dos círculos eleitorais na Constituição omissa, leva demasiado longe a intenção reformadora do PSD. Para o secretário-

geral do Partido Socialista estas modificações da «Lei Eleitoral» destinam-se a consolidar o poder do PSD e carecem de clarificação e debate nacional. Passam pela defesa - transcrevemos as suas palavras: «de uma reflexão de Estado com todos os partidos e com o Presidente da República, que tem nesta matéria um papel muito importante.» («DL», 7/5/1990)

As objecções pertinentes de Jorge Sampaio mereceram uma réplica indignada ao polido Duarte Lima, estrela ascendente no firmamento directivo do PSD. Ele comenta áspero: «Mesmo antes de ser anunciado o texto da lei, o secretário-geral do PS atacou a iniciativa do Governo de forma demagógica e grosseira.» E, com alguma simplificação, afirma: «Se a bipolarização se verificar, ela demonstrará, antes de mais, a vontade do eleitorado e não deverá ser encarada como o resultado de uma manobra artificial.»

Na Assembleia da República, as oposições, independentemente das suas diferentes posições políticas e dos diferenciados interesses partidários, pronunciaram-se contra a «engenharia eleitoral» do PSD. O Governo e o Grupo Parlamentar do PSD vão esforçar-se no sentido da revisão da «Lei Eleitoral» vigorar em relação às eleições legislativas de 1991. Vai o PSD pressionar o PS. Na realidade o PS detém a chave da situação e terá de se decidir entre os cálculos bipolarizantes de alguns socialistas e a noção de responsabilidade política e ética que transparece nas palavras citadas de Jorge Sampaio.

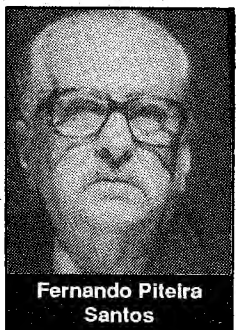
Não se trata de uma simples revisão de uma «Lei Eleitoral», trata-se de uma importante questão de Estado. Trata-se de ampliar ou restringir a representação nacional. Trata-se de aprofundar ou reduzir o pluralismo democrático.

Há vantagem democrática na existência de diversos partidos, de partidos de média dimensão e de pequenos partidos.

A «Lei Eleitoral» não deve proporcionar ostracismos partidários, não deve ter por objecto a eliminação de forças partidárias. A Assembleia da República deverá reflectir, com a abertura possível, a diversidade das opiniões e dos projectos políticos, não pode ser uma câmara que sussurre apoios ao Governo da maioria parlamentar.

Democracia monocolor, monovocal, massódica, não é democracia. O monólogo legal, o menosprezo dos outros, dos diferentes, o desprezo dos consensos caracteriza, num quadro institucional democrático, a *ditadura de uma maioria*.

Essa é a vocação do PSD: governar no exercício de um poder maioritário. Na prática, ditatorial. Esmagando os pequenos e médias partidos. Esmaçando o Partido Socialista.



Fernando Pitelra Santos

LETRA DE FORMA

INDEPENDENTE

De um artigo de Paulo Portas:

(...) Quando em 19 de Julho o País deu tudo e mais alguma coisa a Cavaco Silva, fê-lo apesar do sistema eleitoral e na vaga teve de afundar dois partidos. Resolvido o problema da maioria, sobrava outro: a legitimidade partidocrática dos deputados. Foram eleitas 148 almas para apoiar o Governo de Cavaco Silva. Para o caso é indiferente que essas almas tivessem sido eleitas para apoiar Vítor Constâncio. O que interessa é que os deputados são nomeados pelos directórios dos partidos e só travam a luta pelo poder no interior dos aparelhos. Representam o chefe ou o barão; dependem de um ou de outro. O povo, nisto tudo, limita-se a preferir este ou aquele partido. (...)

11.Mai.90

o jornal

De um artigo de José Silva Pinto

(...) Após quatro anos de um quase idílio, é natural que sejam agora diferentes as condições em que é possível a coabitação entre um primeiro-ministro social-democrata e um Presidente da República que não renega a sua costela socialista, ainda que tenha sabido subordiná-la aos interesses nacionais. Mas não deixa de ser curioso verificar que os primeiros grãos de areia entre os dois homens só começaram, verdadeiramente, após a opção de cavaco Silva por uma declaração de apoio antecipada a Mário Soares, no caso da sua recandidatura a Belém. (...)

11.Mai.90

o diário

De um editorial:

(...) Na opinião de observadores colocados em diferentes quadrantes de opinião, a direcção do Partido Trabalhista parece demasiado traumatizada pela história das suas divisões internas ao longo das últimas décadas para interpretar correctamente a radicalização provocada na sociedade britânica pelo consulado Thatcher.

Pressionado pela direita a atribuir as suas derrotas eleitorais frente à abalada «dama de ferro» a uma imagem «demasiado radical», o Labour apresenta-se hoje obcecado pela preocupação de não fazer ondas, por forma a não assustar o eleitorado. Poderá com isso subestimar o facto de o eleitorado já se encontrar suficientemente assustado com a ideia de mais um mandato da sr.^a Thatcher, o que o leva a esperar dos trabalhistas mais firmeza do que cautelas.

Sob esse aspecto, a reacção do principal partido da oposição às grandes manifestações populares não podia ter sido menos adequada. Confrontado com o tipo de expressão dos sentimentos populares que o teria entusiasmado noutra região do globo, o Partido Trabalhista colocou a ênfase na condenação da «violência dos manifestantes», esquecendo aquilo que nem a imprensa conservadora pretendia ocultar: o facto de essa violência ter sido provocada pela brutalidade das cargas policiais. (...)

10.MAI.90

«Mea culpa»

Na rubrica «Letra de Forma» publicada na nossa edição de ontem, saíram trocados os textos atribuídos ao «Diário de Notícias» e ao «Público», e o cartoon reproduzido do «Tempo» não era identificado. Aqueles nossos colegas e aos leitores, pedimos desculpa pelos involuntários lapsos.

FORUM

OS RELÓGIOS FALANTES

A BARRELA EDUCATIVA (1)

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponoz, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampalo, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Faria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Mariana Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo e José Bandeira

Gráficas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Oscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE
PAGO

Ainda que por vezes se note pouco, estamos a assistir a um processo complexo e fundamental de reforma do ensino.

Infelizmente, os debates que vão tendo lugar, apesar das boas intenções, ficam-se ou pelas formulações teóricas arquiconhecidas ou pelos meros lugares comuns. Todavia, num e no outro casos esquece-se amiúde o mundo concreto das escolas - com o seu rol de dificuldades, de incompreensões e de bloqueamentos. Em vez de se ir ao encon-

tro dos problemas quotidianos com que se debatem os professores, os pais e os alunos prefere-se idealizar o sistema encarado em termos perfeccionistas - em nome de um país imaginário. O que fazer para contrariar esta pernicioso tendência? Sem se cair no puro pragmatismo sem ideais nem ideias, há que ter a coragem de confrontar permanentemente teoria e prática, que testar orientações, que avaliar resultados, que corrigir naturais erros e desadequações. Para tanto, importa ir além

das falsas ideias feitas ou da repetição das formulações teóricas. Na escola é de pessoas que temos de cuidar - pessoas com problemas inesperados, que não podem ser resolvidos recorrendo a receitas supostamente infalíveis ou a celebridades consagradas. Há, por isso, que recorrer mais ao diálogo entre reformadores, professores e pais, designadamente com quantos tenham experiências com casos difíceis - que qualquer transformação não poderá

esquecer. As reformas, da nova configuração do sistema educativo aos novos programas e currículos, passando pela preparação dos professores, não podem ser obras entregues a frios e distantes especialistas, às vezes afastados há muito do ensino ou conhecedores deste de forma muito mediata ou atípica. Há que ligar o necessário trabalho teórico e comparativo com os problemas práticos do dia-a-dia. Há, por isso, que ter algumas ideias claras sobre as implicações práticas de uma reforma. No fundo, não se trata de sonhar com as condições ideais que têm faltado, mas sim de partir da existência para o melhoramento gradual e permanentemente inacabado do estado de coisas, que temos, nas suas condições concretas... A reforma educativa é a mais importante (quem o duvida?) de todas as reformas ditas estruturais. É a que terá maiores consequências nas gerações futuras. Consequências, em larga medida irreversíveis. As oportunidades que forem agora perdidas apenas poderão ser recuperadas sabe-se lá quando, com custos muito graves e com prejuízos incalculáveis no tocante ao desenvolvimento. Perante os estímulos da concorrência europeia e da mundialização da economia, só poderemos deixar a nossa posição periférica e marginal se apostarmos em investir na qualidade da formação dos portugueses. E não se diga, sem mais, que um tal investimento apenas terá como resultado uma hemorragia inevitável de cérebros no futuro próximo. Se a melhor educação corresponder a criação de centros de investigação, prestigiados internacionalmente e integrados em redes europeias e mundiais de informação e de pesquisa, se houver colaboração das Universidades, modernas e abertas à inovação, com a gentes económicos de desenvolvimento, então será possível começar a evitar os perigos da fuga de

massa cinzenta para o exterior. Uma tal tarefa é demorada, mas tem de ser assumida - com realismo e com audácia.

Há, porém, que encontrar ideias mobilizadoras. É a batalha da modernização e do desenvolvimento do país que está em causa, é o prestígio e a influência dos portugueses que têm de entrar na ordem do dia, digamolo sem timidez nem hesitação. Longe de qualquer chauvinismo e com respeito pela vocação universalista de que temos dado provas ao longo da História, há que olhar a reforma educativa como uma via de superação de algumas limitações e bloqueamentos de que temos sido vítimas. Não se trata, porém, de uma via de superação definitiva e mítica, mas de um modo de compreendermos que a escassez dos meios que temos anas pode ser compensada com perseverança, gradualismo, organização e complementariedade de esforços. Assim seremos capazes de afirmar a nossa identidade complexa-europeia e aberta ao Mundo, capaz de se enriquecer, como já tem acontecido, em contacto com outras culturas e identidades. É a aposta na qualidade que deve ser realçada. Todavia, não poderemos cair no erro de subir demasiadamente, e de forma irrealista, os níveis de exigência. Há que partir da matéria-prima de que dispomos e que tem níveis médios baixos. De um modo diversificado, que evite os perniciosos processos de homogeneização por baixo, trata-se de ir ao encontro das capacidades e das apetências das crianças e dos jovens para que estas sejam aproveitadas ao máximo - tendo em conta não só os interesses materiais concretos, mas também a afirmação dos valores espirituais. Daí uma especial atenção à diversidade de vocações, designadamente ao ensino técnico-profissional e à ligação entre as escolas e o meio sócio-económico em que se enquadram.



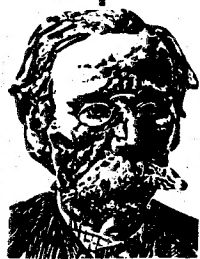
Guilherme d'Oliveira Martins

Próximo artigo
2ª feira



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

1.º Centenário da Morte CAMILO CASTELO BRANCO



Camilo

Sex., 11
16 horas

«TROCAM-SE MULHERES»
Esp. pela PERSONA

Sáb., 12
16 horas

«CAMILO»
Colóquio c/ Alexandre Cabral e Bigotte Chorão

21.30 horas

«TROCAM-SE MULHERES»
Esp. pela PERSONA

Dom., 13
16 horas

«TROCAM-SE MULHERES»
Esp. pela PERSONA

Seg., 14
16 horas

«TROCAM-SE MULHERES»
Esp. pela PERSONA

21.30 horas

«MARIA NÃO ME MATES QUE SOU TUA MÃE»
- Colóquio c/ Fernando Gomes e Abel Barros Baptista
- Projecção do rgt. video do espectáculo

Ter., 15
16 horas

«TROCAM-SE MULHERES»
Esp. pela PERSONA

21.30 horas

«AMORES DE CAMILO»
- Projecção de «Mátria», de Natália Correia
- Colóquio c/ Maria Fernanda de Abreu

Qua., 16
16 horas

«TROCAM-SE MULHERES»
Esp. pela PERSONA

21.30 horas

«AMOR DE PERDIÇÃO»
- Encontro c/ Carmen Dolores e Igrejas Caeiro
- Projecção do filme de António Lopes Ribeiro

Qui., 17
16 horas

«TROCAM-SE MULHERES»
Esp. pela PERSONA

21.30 horas

«O MORGADO DE FAFE EM LISBOA»
- Colóquio c/ Ruy de Matos e Eurico Lisboa
- Projecção do rgt. video do esp. do Teatro Nacional

Sex., 18
21.30 horas

«TROCAM-SE MULHERES»
Esp. pela PERSONA

Sáb., 19
21.30 horas

«TROCAM-SE MULHERES»
Esp. pela PERSONA

Dom., 20
16 horas

«TROCAM-SE MULHERES»
Esp. pela PERSONA

As projecções video serão em ECRÃ GIGANTE.
No foyer estará uma exposição alusiva a montagens de teatro de Camilo
Apoio: AlfaSom

1.º ACTO

Rua Eduardo Pedrosa, 16-A - ALGÉS
(Telefone: 211 50 33)

Uma iniciativa conjunta da Câmara Municipal de Oeiras e da companhia PERSONA - Teatro de Comédia

INTERNACIONAL

Objectivo é uma confederação destinada a reforçar os laços entre as três repúblicas e que possa fazer frente aos bloqueios da União Soviética

Líderes dos países bálticos reunidos hoje em cimeira

Os Presidentes das três repúblicas bálticas - Estónia, Letónia e Lituânia - iniciam hoje uma reunião de dois dias, em Tallin, capital da Estónia, para analisar a formação de uma confederação báltica e um mercado comum.

O Presidente da Lituânia, Vitautas Landsberguis, e o da Letónia, Anatoli Gorbunov, chegaram esta manhã a Tallin para iniciar os contactos com o seu homólogo da Estónia, Arnold Ruitel.

Fontes da Frente Popular da Estónia afirmaram desconhecer a que hora começará a cimeira báltica.

A agência de notícias da Estónia «Info» revelou que os três Presidentes das repúblicas bálticas assinam amanhã quatro ou cinco importantes documentos.

A mesma fonte referiu que até ao momento não foi dada qualquer informação sobre as questões que os três líderes irão discutir.

A «Info» sublinha as declarações que o Presidente da Estónia fez a peritos políticos e jornalistas norte-americanos que visitam Tallin de que o problema báltico poderia ser uma das questões da próxima cimeira Bush-Gorbachev.

O presidente do Soviete Supremo (Parlamento) da Estónia ratificou ontem o tratado sobre a criação do mercado comum báltico, que, segundo refere a «Info», será inscrito na organização das Nações Unidas, em virtude do ponto 102 da Carta desta entidade internacional.

Com a criação de um conselho dos seus dirigentes máximos, para coordenar as respectivas políticas, as três repúblicas bálticas darão um passo mais na sua tentativa de se separarem da União Soviética.

Ontem, um porta-voz lituano disse que um acordo era improvável antes do regresso, na próxima semana a Vilna,

da primeira-ministra Kazimiera Prunskiene, actualmente em Paris, no âmbito de uma ronda por capitais da Europa Ocidental.

As três repúblicas anunciaram ontem a assinatura de um acordo, com efeitos imediatos, sobre trocas directas de produtos agrícolas, sem passar pelos Ministérios centrais e as organizações comerciais soviéticas.

Este acordo, que testemunha a determinação das três repúblicas em ultrapassar a oposição do Kremlin às suas independências, prevê que elas tenham representantes permanentes nas outras repúblicas bálticas, para resolver questões agrícolas, anunciou a agência Tass.

Prunskiene encontra-se com Kohl

A primeira-ministra lituana, Kazimiera Prunskiene, é entretanto recebida hoje em Bona pelo chanceler

Helmut Kohl, na última etapa de uma viagem que a levou a contactar George Bush (EUA), Margaret Thatcher (Grã-Bretanha) e François Mitterrand (França).

Ontem a França instou Moscovo a iniciar conversações formais com a Lituânia sobre o futuro da república rebelde do báltico, que declarou independência a 11 de Março.

«Não vejo outra solução do que a abertura de um diálogo real e conversações a nível institucional», declarou, segundo o porta-voz Hubert Vedrine, o Presidente francês à primeira-ministra da Lituânia, num encontro de meia hora. Prunskiene, que teve recepção calorosa em França, afirmou depois do encontro que o Presidente Mitterrand tem um papel a desempenhar (...) e que «Gorbachev é extremamente sensível à opinião ocidental».

Redacção DL/Lusa/AFP

B R E V E S

China desmente morte de Deng Xiaoping

A China desmentiu hoje rumores sobre o falecimento do seu ex-dirigente máximo, Deng Xiaoping, de 85 anos, que não aparece em público há cerca de três meses. O boato, posto a circular nos mercados financeiros asiáticos, foi em grande parte responsável pela quebra de 500 pontos registada ontem na bolsa de valores de Taipei.

Papa reza pelas vítimas de acidente aéreo no México

João Paulo II alterou o seu programa para visitar hoje a catedral de Tuxtla Gutierrez, onde rezará perante os cadáveres das vítimas do acidente aéreo ocorrido próximo da capital do estado de Chiapas. No sinistro de ontem morreram 28 pessoas, entre elas o bispo de Tapachula, Luís Miguel Canton, que ia assistir aos actos da visita papal ao país.

Leste-alemães em greve protestam contra reunificação

Milhares de trabalhadores leste-alemães fizeram ontem greves de protesto em defesa dos seus postos de trabalho, que consideram ameaçados pelo processo de unificação alemã. Professores de todos os graus de ensino e trabalhadores de vários sectores industriais manifestaram-se junto ao Parlamento, enquanto camponeses bloquearam, com tractores, diversos pontos fronteiriços entre os dois estados alemães.

Delors «horrorizado» com profanação de túmulos judeus

O presidente da Comissão das Comunidades Europeias, Jacques Delors, exprimiu hoje o seu «horror e indignação» pela profanação de túmulos do cemitério judeu de Carpentras, localidade ao sul de França. A profanação tumular acarretou pormenores tão macabros como o empalamento obscuro de cadáveres. Este ataque ao cemitério judeu ocorreu um dia após a celebração da vitória dos Aliados contra a Alemanha nazi, há 45 anos.

Thatcher em apuros coloca-se na ofensiva

Margaret Thatcher, reagindo a críticas do seu próprio partido, voltou ontem a insistir que lideraria os conservadores pelo menos até às próximas eleições gerais. A afirmação foi feita durante o período «Perguntas ao Primeiro-Ministro», no Parlamento britânico, em comentário a declarações críticas de Michael Heseltine sobre o novo e impopular imposto municipal, «Poll Tax».

Mayor de Washington acusado de posse de cocaína

O presidente da Câmara de Washington, Marion Barry, foi ontem incriminado por acusações de posse de droga entre 1984 e Janeiro deste ano, quando foi preso. As acusações de hoje, que se vão juntar a mais oito feitas anteriormente, indicam que Barry era possuidor de cocaína e que a utilizava juntamente com outras pessoas em gabinetes governamentais e empresas.

Cuellar chega a Tirana

Javier Perez de Cuellar chega hoje a Tirana, naquela que é a primeira visita que um secretário-geral da ONU faz à Albânia. Nesta estada de dois dias na capital do país mais inexpugnável da Europa, Cuellar conversará com o presidente Ramiz Alia, o primeiro-ministro Adil Carcani e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Reis Malile. Foi aliás este último quem convidou, em Outubro, Cuellar a visitar a Albânia. Há três dias, as autoridades albanesas surpreenderam o mundo ao anunciar um pacote de leis que garantem maiores direitos humanos aos cidadãos, alteram a definição de crimes contra o Estado e autorizam o investimento estrangeiro no país. Na ocasião, o primeiro-ministro Adil Carcani anunciou ainda o desejo do país de se juntar à Conferência Leste-Oeste Sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE). Argumentando que se tratava de uma instituição dominada por Moscovo e Washington a Albânia era, até agora, o único país da Europa que não se juntara ao processo pan-europeu da CSCE, em 1975.

Havel faz proposta de unidade europeia

Foi um discurso com expressões pouco ouvidas no tradicional jargão político, não tivesse sido feito por um escritor. Falou-se em «sonhar como princípio», «sonhar o mais alto possível», «fixar o olhar nas estrelas da bandeira europeia». Apesar do lirismo, foi um discurso de propostas concretas daquele que o presidente checoslovaco Vaclav Havel, fez ontem aos 177 membros da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, em Estrasburgo. O acto, um dos últimos efectuados sob a presidência do ministro português dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, foi marcado pela assinatura da adesão da Checoslováquia à Convenção Cultural Europeia, considerada como o primeiro passo para se tornar num membro de pleno direito do Conselho da Europa. A julgar pelo discurso de Havel, a Checoslováquia pretende participar activamente na discussão do processo de integração europeia. A proposta prevê que esta integração seja feita no quadro da Conferência de Segurança e Cooperação da Europa (CSCE) e do Conselho da Europa. O modelo con-



Havel fez ontem um discurso de «sonhos» com os «olhos fixos nas estrelas da bandeira europeia»

federativo, a criação de de uma comissão de segurança europeia, a antecipação para o ano que vem da conferência Helsínquia II (prevista para 92), a manutenção da NATO adaptada, a extinção do Pacto de Varsóvia, foram alguns dos itens da proposta checoslovaca. A CEE ficou para

segundo plano, demonstrando que não há ilusões em Praga quanto a um alargamento nos tempos mais próximos. Em compensação, Havel propôs a criação de uma associação dos países do centro e leste do continente com a CEE.

Aludindo aos sonhos que

tinha quando esteve na prisão, o escritor e chefe de Estado checoslovaco disse acreditar que a unidade política pode ser feita «com relativa rapidez e sem os obstáculos que até aqui pareciam inultrapassáveis», faseando o processo. «Talvez durante cinco anos poderia constituir-se uma comunidade a que chamaríamos a Organização dos Estados Europeus (OEE), e no início do terceiro milénio poderia talvez, se Deus nos ajudar, começar a nascer a confederação europeia, tal como a propõe o presidente Mitterrand».

As questões de segurança foram também abordadas no longo e importante discurso de Havel, que propôs que os dois grandes blocos militares se deveriam fundir num só, «caminhando gradualmente para um sistema completamente novo». Para ele, a irreversibilidade da democratização do antigo bloco soviético e da própria URSS, já não depende apenas da manutenção ou não de Gorbachev. «O futuro do mundo de hoje já não se mantém ou cai com um homem», concluiu.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Nova ciência política

A americanologia em perspectiva

Durante quatro décadas, a soviétologia - o estudo das instituições soviéticas, da luta de ideias na URSS, da repressão que ali se desenrolava... - foi quase como uma ciência política, no Ocidente. Esta voga começou, em França, com Boris Souvarine, a partir dos anos 30; cresceu com o aparecimento das obras dos refugiados russos, de Kravtchenko a Maximov, e de Soljenitsine a Michel Heller, e chegou, finalmente, aos Estados Unidos, onde a krenologia se desenvolveu sob a protecção de fundações, seminários e outros colóquios; revistas conservadoras foram lançadas expressamente para dissecar os diferentes aspectos do regime soviético e dos seus satélites.

Como o «sovietismo» parece ter entrado, hoje, na via do declínio, é provável que os soviétólogos estejam sob a ameaça do desemprego iminente. Assim, talvez tenha chegado a altura de os institutos mudarem de tema e estudarem a ideologia americana: passar-se-ia, deste modo, da soviétologia para a americanologia. Será uma ideia tão disparatada? Que oferece de tão específico a ideologia americana para se poder tornar objecto de um estudo sistemático? Admito que é necessária uma explicação.

Ao longo dos séculos, «grosso modo» desde a Renascença, duas concepções filosófico-políticas foram elaboradas em solo europeu, visando, uma e outra, a abolição da política. A primeira estabelece como meio a abolição do próprio objecto da política, isto é, da sociedade civil, das transacções comerciais e, de uma maneira geral, de tudo o que torna complexa a vida comunitária, cria conflitos de interesses, desigualdades, injustiças. Os porta-vozes desta primeira utopia são os anabaptistas, Rousseau, Fourier, Marx...

A segunda concepção visa abolir o Estado, acusando-o

de ser berço do arbitrário e do despotismo (Kant, os anarquistas, e os «libertarians» americanos). Na realidade, as duas concepções são paralelas. Uma tem por finalidade o Estado-partido marxista, no qual a sociedade civil subsiste num estado larvar e controlado; a outra resulta, nos Estados Unidos, na posição exorbitante ocupada pela sociedade civil, a qual, em nome dos direitos do Homem, reduz o Estado e as instituições em geral a uma função de «guarda-noturno», e controla as iniciativas do Estado ao ponto de as contrariar, ou mesmo de as proibir, no domínio da moralidade pública ou no da política externa, por exemplo. O Estado fica reduzido a assumir o papel de uma agência da sociedade - uma entre outras, um grupo administrativo no seio do pluralismo ambiente. O motor do progresso material e da ideologia colectiva não é o Estado, mas sim a própria «American way of life».

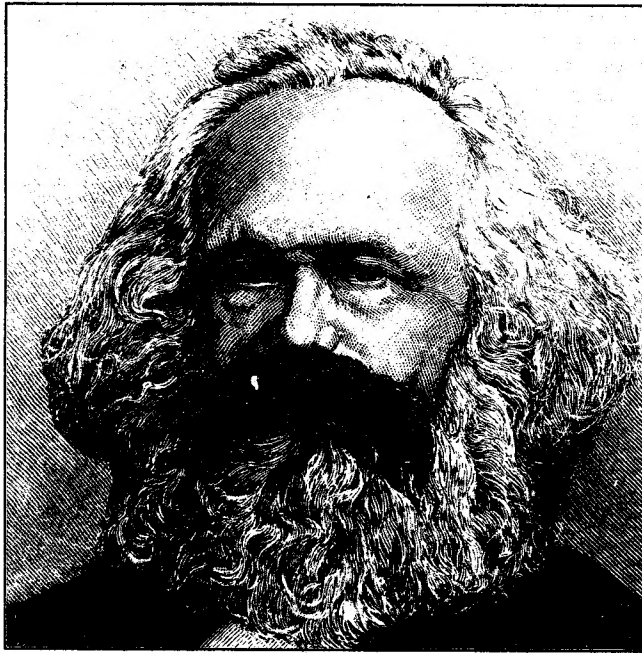
Balanço desigual

Estes dois sonhos, a Europa Ocidental nunca pôde, ou nunca quis, realizá-los no seu próprio solo. A estrutura herdada de Roma opunha-se a isso, assim como a Igreja que a encarnava, e o próprio Estado: trata-se do princípio hierárquico, o princípio do bem comum. A noção do pecado original, ligada à liberdade humana de encontrar os seus limites no quadro das instituições, também se opunham a essa concretização. A este respeito, Sartre respondeu, por ocasião da sua primeira estada nos Estados Unidos, que era incapaz de se entender com os americanos, pois estes não acreditavam no pecado original, grito do coração que ultrapassa a simples credulidade.

Em breve, a ideia de abolir a política com vista a estabelecer uma idade de ouro atravessou as estepes e o oceano e instalou-se em

Moscovo e Nova Iorque. Os ideais que a Europa vê, hoje, esboroaram-se nasceram no seu seio, mas foram concretizados fora dela.

Estas perspectivas não representavam, no passado, como é evidente, uma ameaça igual. Todavia, é um facto que, se certas derivações do marxismo se prolongam nos regimes socialistas, nos grupos trotskistas e outros



Karl Marx foi um dos apologistas da abolição da política

movimentos, o sistema soviético já desapareceu e, com ele, o perigo imediato de novo domínio da sua parte. Em contrapartida, são os próprios americanos que declaram, oficiosamente, que uma eventual retirada das suas tropas do continente europeu (apenas se fala, de momento, numa redução) não significaria o recuo da sua influência «cultural» nos média, no modo de vida, ou mesmo nos novos costumes políticos, feitos de publicidade, de imagens, de «lobbies», etc. O balanço é, pois, desigual.

Nestas condições, que argumento se poderá opor ao estudo do «americanismo» - como se fez, até agora, com o sistema soviético -, e à aberra-

tura de centros de americanologia? Aliás, não se deve ver, neste projecto, qualquer objectivo hostil. Só encontra justificação na importância demasiado grande, digamos mesmo invasora, dos métodos de além-Atlântico para conceber o Mundo, viver a História, determinar o lugar da cidadania na vida dos homens, definir e limitar o conjunto das leis, as modali-

de de centros de americanologia? Aliás, não se deve ver, neste projecto, qualquer objectivo hostil. Só encontra justificação na importância demasiado grande, digamos mesmo invasora, dos métodos de além-Atlântico para conceber o Mundo, viver a História, determinar o lugar da cidadania na vida dos homens, definir e limitar o conjunto das leis, as modali-

O «nó» de Tocqueville

Tocqueville tocou no «nó» destas análises, no sentido em que compreendeu que se tratava, a partir de 1776, de um processo encetado para alterar os dados da condição humana, e de um processo susceptível de ser exportado, pois apresenta-se como a ideologia da salvação do Homem, alcançada através das suas próprias forças. Aliás, seria mais adequado falar em cruzada do que em exportação, o que é compatível com o isolacionismo, pois o crence procura, aqui, conservar a sua pureza. Os Estados Unidos, persuadidos de que representam o ideal humano para o planeta, não têm necessidade de conhecer os outros, nem de retirar da sua experiência lições úteis. Querem fazê-los entrar no seu próprio molde, através de todos os meios: a publicidade, as pressões, a psicologia, o comércio, a propaganda pacifista, o auxílio fornecido às popu-

lações (auxílio esse, todavia, ligado aos métodos e aos objectivos em conformidade com o ideal americano). A troca é desigual, pois a América nada tem a aprender, mas tem tudo a ensinar. Se o soldado é detido pelo soldado do outro lado, o missionário, quanto a ele, não recua.

A minha proposta enquadra-se num domínio puramente científico. Um instituto de americanologia poderia articular-se num certo número de disciplinas, publicar cadernos, organizar colóquios. Recusaria ter objectivos políticos ou dedicar-se à propaganda. Consagrar-se-ia, unicamente, à análise de um fenómeno de civilização, ao fenómeno do «século americano», o nosso. Todavia, apesar da sua estrita neutralidade científica, tenho a impressão de que esse projecto não deixará de levantar oposições. Talvez porque qualquer novo campo de estudo, com base na realidade tão rica, tenha sempre tendência para entrar em choque com a rotina e a falta de imaginação, os interesses adquiridos, o pensamento em via única. Mas, sobretudo, porque existem legiões de «incondicionais» do americanismo, tal como havia do soviétismo. O poder seduz, sobretudo quando possui a aura da utopia. Antes, a meta da História era marxista. Sabemos, agora, com Francis Fukuyama, que o final da História é o próprio modelo americano.

Até agora, a simples menção da palavra ideologia fazia pensar, imediatamente, no marxismo. O facto de diagnosticar «uma outra» ideologia não significa que se esteja a falsificar a realidade. Fá-la, simplesmente, aparecer.

Thomas Molnar*
Exclusivo «Le Monde»/
«DL»

(Tradução de Isabel Joyce)

*Professor da Universidade de Yale

NATO adia decisão sobre mísseis de curto alcance

A reunião de dois dias do Grupo dos Planos Nucleares da NATO (GNP) que juntou em Kananaskis, no Canadá, 14 ministros da Defesa da Aliança (França e Islândia estiveram ausentes), destinou-se sobretudo a debater oficialmente as mudanças registadas na União Soviética e nos países de Leste e a preparar o terreno para as próximas reuniões da NATO.

No comunicado oficial transmitido à Imprensa no final da reunião, os ministros realçaram que «nem a retirada das forças soviéticas da Europa Central e Oriental, nem a conclusão das negociações em curso sobre o controlo de armamento, impedirão a União Soviética de conservar um potencial nuclear e convencional.»

Embora alguns observadores estivessem à espera de decisões espectaculares no que diz respeito às armas nucleares de curto alcance,

que estão apontados para as novas democracias do Leste e praticamente todos estacionados na RFA, nada foi decidido.

Os ministros do GNP, reunidos pela primeira vez desde do início das transformações democráticas na Europa do Leste, reconheceram no entanto que a necessidade destas armas é agora menor em consequência das modificações revolucionárias que trouxeram transformações políticas consideráveis.

Face a discordâncias entre os Estados membros, nomeadamente a RFA, a Bélgica e a Holanda (que são a favor da total eliminação dos mísseis Lance), ficou adiada para a cimeira da Aliança, a realizar em Londres, em 5 e 6 de Junho, qualquer decisão sobre esta matéria que deverá esperar uma revisão da estratégia nuclear global.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Arafat convoca cimeira extraordinária
Líderes árabes reúnem-se para a semana em Bagdade

Os líderes árabes já resolveram o impasse em que se encontrava a questão do local da cimeira extraordinária sobre a imigração de milhares de judeus para Israel e, ontem, anunciaram que se vão reunir em Bagdade no próximo dia 28. A decisão de realizar a cimeira na capital iraquiana foi tomada apesar dos protestos da Síria, velha rival do Iraque, que ameaçou não estar presente em Bagdade. Uma série de iniciativas diplomáticas para impedir o boicote sírio, particularmente por parte do Egipto e da Arábia Saudita, continuam, entretanto, a efectuar-se. Dezassete dos 22 países membros da Liga já confirmaram a sua presença. A Síria, Marrocos, Líbia, Somália e Oman ainda não se manifestaram.

A questão da imigração em massa de ju-

deus soviéticos para Israel é de vital importância para os países árabes que temem que este influxo possa colocar em perigo a possibilidade da independência da Palestina. A realização desta cimeira, solicitada pelo líder da OLP, Yasser Arafat, visa assim consolidar a posição árabe sobre o problema. As autoridades israelitas calculam que, até 1995, mais de 800 mil judeus soviéticos - agora que a URSS aboliu as restrições de saídas - cheguem ao país. Os países da região não aceitam que os imigrantes sejam instalados nos territórios árabes ocupados. A Liga Árabe referiu que os ministros dos Negócios Estrangeiros dos seus países membros vão reunir-se já no próximo dia 22 em Bagdade para preparar a cimeira dos respectivos chefes de Estado.

Lusa/AFP

INTERNACIONAL

Linha da Frente poderá aceitar De Klerk

O Presidente Frederik De Klerk poderá participar proximamente numa cimeira de chefes de Estado dos Países da Linha da Frente. Esta possibilidade estará a ser analisada por Kenneth Kaunda, Presidente zambiano e Presidente em exercício da Organização dos Países da Linha da Frente, segundo afirmou Ben Weimar, um perito Oeste-alemão, que actualmente visita o Zimbabwe.

A informação surge numa altura em que o vice-presidente do ANC, Nelson Mandela e Frederik De Klerk se encontram ambos empenhados numa intensa actividade diplomática. De Klerk, que ontem foi recebido em Paris pelo Presidente François Mitterrand e pelo primeiro-ministro Michel Rocard, iniciou hoje a visita à Grécia.

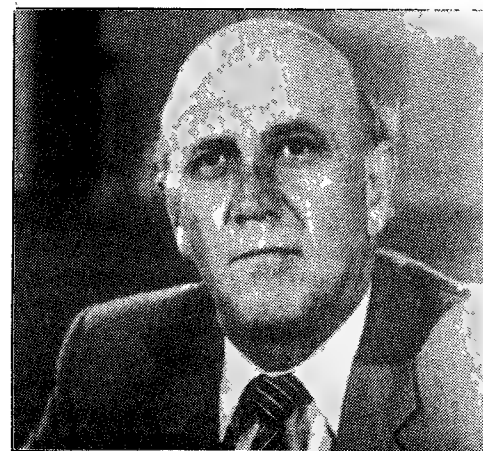
No encontro com Mitterrand, De Klerk

afirmou que a manutenção das sanções económicas contra a África do Sul não faz qualquer sentido numa altura em que a próxima sessão do Parlamento sul-africano se prepara para debater o levantamento das leis do *apartheid*, ainda em vigor. Segundo o porta-voz do Eliseu, o Presidente francês mostrou-se receptivo às propostas de De Klerk, comprometendo-se a debater a questão na próxima Cimeira dos líderes dos países da Comunidade Económica Europeia, em Dublin, prevista para os dias 25 e 26 de Junho.

O Presidente sul-africano defendeu junto de Mitterrand a «irreversibilidade» das reformas em curso no seu país, considerada uma das questões essenciais pela diplomacia francesa para o seu apoio ao levantamento das sanções junto dos países da Comunidade.

Durante a visita do Presidente sul-africano a França, um grupo de ligação dos movimentos nacionais anti-*apartheid* da CEE promoveu uma manifestação contra a digressão de De Klerk actualmente em curso. «Pensamos que este facto confere ao chefe de Estado do regime do *apartheid*, um nível de respeitabilidade inaceitável», afirma um comunicado distribuído à Imprensa por aquele movimento. Um tanto paradoxalmente, Mandela, que se encontra numa visita a seis países de África, reafirmou ontem em Angola que nada tem a objectar à viagem à Europa de De Klerk. Este facto, segundo alguns observadores, criou algum embaraço junto dos movimentos anti-*apartheid* que se preparavam para liderar várias iniciativas contra a digressão do Presidente sul-africano.

Redacção DL/AFP/Lusa



De Klerk

Diplomata dos EUA confirma Maputo desencadeia ofensiva contra Renamo

Do nosso correspondente em Washington

A embaixadora americana para os Refugiados, Jewel la Fontant, revelou que uma ofensiva militar conjunta moçambicano-zimbabueana contra posições da Renamo, está a ser desencadeada na região da Gorongosa. La Fontant, que depunha perante uma sessão do Congresso dos Estados Unidos, depois de périplo pelos diversos países da África Austral que acolhem refugiados moçambicanos, adiantou que, na realidade, estão a decorrer, neste momento, duas ofensivas em território moçambicano: uma na região central do país, atribuído às forças governamentais e às tropas do Zimbabwe; e outra na área de Maputo, levada a cabo pela Renamo.

As declarações daquela diplomata norte-americana vêm confirmar declarações anteriormente feitas pelo chefe do departamento das Relações Externas da Renamo, Raul Domingos que, em entrevista à Voz da América, afirmou que a ofensiva moçambicano-zimbabueana contra posições rebeldes é a maior nos 13 anos de guerra civil. De acordo com a Renamo, estarão envolvidos na operação, iniciada na quarta-feira, cerca de 2900 soldados moçambicanos e perto de sete mil homens do Zimbabwe. Entretanto, uma fonte militar em Maputo negou, que esteja a ser levada a cabo uma ofensiva na Gorongosa, admitindo, contudo, que estão a decorrer o que descreveu como «acções militares normais», dada a inexistência de um cessar-fogo.

Por outro lado, a embaixadora La Fontant vem confirmar o carácter sistemático das acções da Renamo, levadas a cabo na área de Maputo, nas últimas semanas e que têm privado a capital de energia eléctrica. Por essa razão cidade-capital tem a sua rotina totalmente alterada, sendo de notar significativos cortes no fornecimento de produtos de primeira necessidade, nomeadamente os de produção local, dado que foi drasticamente reduzida a actividade comercial e industrial. Nas zonas residenciais de Maputo, o fornecimento de energia eléctrica só é feito depois das oito e meia da noite pela mesma razão, os estabelecimentos de ensino ministrando cursos nocturnos foram levados a antecipar o início das aulas para as três da tarde, o que leva os trabalhadores a abandonar os locais de trabalho mais cedo.

Helms trava nomeação de Wells

A entretanto, a administração Bush decidiu suspender a decisão de designar a actual embaixadora em Maputo, Melissa Wells, para chefiar a Embaixada norte-americana em Manágua, segundo informa na sua edição de hoje o jornal «Washington Post». A decisão da administração Bush baseou-se no facto do senador Jesse Helms e outros membros conservadores do Senado não terem dado garantias de que não iriam provocar atrasos na nomeação de Wells.

Recorda-se que, em 1986, a nomeação de Melissa Wells foi atrasada onze meses devido à oposição sistemática levantada pelos republicanos conservadores, liderados pelo senador Jesse Helms.

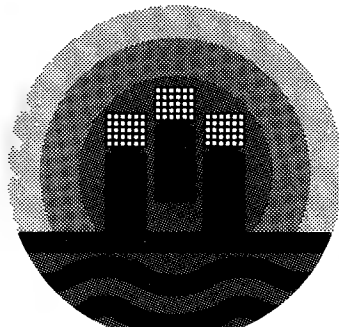
Conforme órgãos de Informação moçambicanos chegaram a noticiar, o Governo americano havia inicialmente encarado a hipótese de indicar Melissa Wells para embaixadora na Nicarágua.

Em lugar da actual embaixadora em Moçambique, o Governo americano decidiu enviar para Manágua um diplomata de carreira, Harry Shlaudeman, que foi convocado apesar de se encontrar já na reforma. De 63 anos de idade, Shlaudeman foi embaixador na Argentina, Peru, Brasil e Venezuela, tendo servido como enviado especial do Presidente Reagan em várias missões diplomáticas na América Latina.

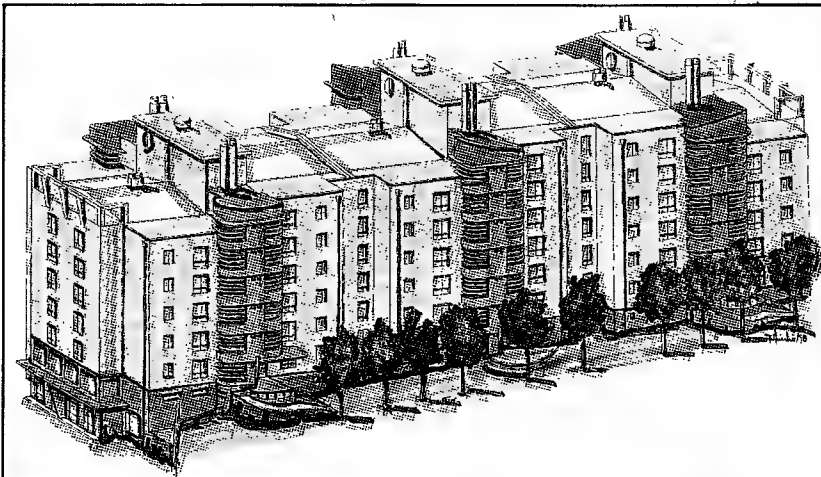
Filipe Vieira

COMPRE APARTAMENTOS NA COSTA AZUL

TORRES DO SADO



SETÚBAL



A dois passos de Lisboa, SETÚBAL - A CAPITAL DA COSTA AZUL - começa já a viver o FUTURO! Já lhe chamam SILICON BAY...

E com razão... OS GRANDES PROJECTOS COMEÇARAM JÁ A ARRANCAR. SETÚBAL é um caso muito sério para INVESTIDORES AVISADOS! AS TORRES DO SADO - JUNTO AOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL - SÃO UM INVESTIMENTO CERTO, COM VALORIZAÇÃO GARANTIDA. Apartamentos de 2, 3 e 4 assoalhadas.

TETRA
CONSTRUÇÃO, S.A.

MESMO NO — CORAÇÃO — DA CIDADE!

ANDAR MODELO EM SETÚBAL:
Av. Bento Jesus Caraca - defronte do posto nobre Telefone 065/721144 Telex 63810 ARTET P
Sede: Av. Defensores de Chaves, 27 - 1.º Esq. - 1000 LISBOA
Telefone 54 10 10 (rede de Lisboa) Telex 13012 ESTIL P Fax 352 63 71

QUOTIDIANO

B R E V E S

Força Naval da Nato visita Lisboa

Os seis navios que constituem a força naval permanente da Nato no Atlântico Norte, a Stanavforlant, chegou esta manhã a Lisboa. A frota é comandada pelo comodoro inglês Michel Bretton e participou, desde o dia 2, na zona Ibero-Atlântica, estreito de Gibraltar e mar Mediterrâneo Ocidental, em exercícios para testar as forças navais e os quartéis-gerais, na protecção das vias marítimas. Os navios ficam atracados na doca de Alcântara e são de nacionalidade inglesa, alemã, belga, holandesa, canadiana e norte-americana.

Circulação interrompida na Linha do Norte

A circulação ferroviária na Linha do Norte, temporariamente interrompida desde a manhã de ontem, entre Cacia e Aveiro, só deverá ser restabelecida esta tarde, disse uma fonte da empresa. O mesmo responsável acrescentou que que, ao contrário do que se supusera ontem, não existe qualquer abaixamento na ponte velha de Esgueira. No entanto, a CP insistiu com o empreiteiro para injectar todo o cimento previsto, o que foi realizado durante a noite de ontem.

Processo do estanho arranca em Neves-Corvo

O primeiro-ministro Cavaco Silva inaugurou, hoje, em Neves-Corvo, as instalações do processo de estanho da Somincor, que implicou investimentos da ordem de 11,5 milhões de contos. O projecto de estanho, que complementa o de cobre, encerra a primeira fase das obrigações previstas no contrato de investimento, gerando um *cash-flow* no primeiro ano de exploração suficiente para assegurar o financiamento na sua quase totalidade.

Especialistas e deputados debatem toxicod dependência

A prevenção primária da toxicod dependência começou esta manhã a ser debatida na sala do Senado da Assembleia da República, no âmbito dum seminário em que participam especialistas portugueses e estrangeiros. Na iniciativa, que encerra amanhã, usaram da palavra o presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo e o ministro-adjunto e da Juventude, Couto dos Santos.

Torres Couto apoia federação independente

A nova estrutura sindical dos transportes é olhada com alguma desconfiança. O peso da UGT na sua formação mantém potenciais interessados à distância

O secretário-geral da UGT, Torres Couto, expressou já o seu apoio ao programa de acção da nova federação independente dos sindicatos do sector dos transportes (Fetrans), cujos estatutos foram ontem aprovados.

Na reunião de ontem (a segunda), que contou com a presença de nove sindicatos dos quatro sub-sectores dos transportes - aéreo, marítimo, rodoviário e ferroviário - foram aprovados os estatutos e constituída uma comissão instaladora. Para dia 19 de Junho ficou marcada a assembleia constituinte da federação.

A nova estrutura é constituída por 10 sindicatos filiados na UGT e independentes, embora a comissão promotora tenha enviado convites para a participação na reunião a outras tantas organizações. De fora ficaram, desde o início, os sindicatos da CGTP, por estarem já constituídos em federação.

Segundo afirmou ao DL José Brandão, um dos promotores da Fetrans, «até ao fim deste mês

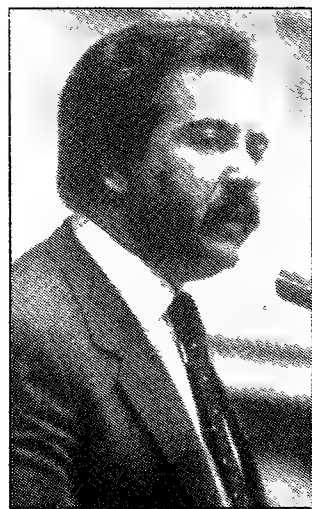
a comissão instaladora solicitará reuniões a todas as 11 direcções sindicais que não estiveram presentes na reunião para lhes apresentar os estatutos e fazer um levantamento da situação do sector dos transportes».

Ontem foi já aprovado um programa de acção, com duas linhas prioritárias: a luta pela redução dos horários de trabalho para um máximo de 40 horas em todo o sector, e a uniformização do início das negociações colectivas em todas as empresas de transportes.

Segundo José Brandão, aquelas duas prioridades da Fetrans «contam com o apoio de Torres Couto» o que é considerado positivo, uma vez que «até ao momento a posição de dirigentes de sindicatos da UGT tem sido muito ambígua».

Smaq: entre novas greves e críticas à UGT

O apoio de Torres Couto poderá, por outro lado, dificultar a participação de alguns sindicatos independentes, que consideram a



Torres Couto abandonou a posição ambígua

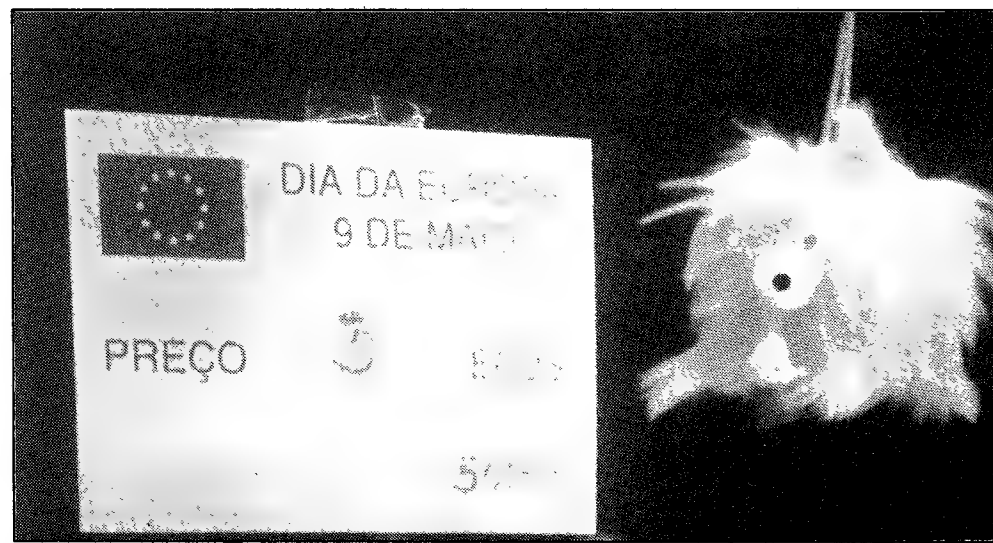
federação como uma estrutura da UGT. Nesse sentido já se pronunciou o Sindicato dos Maquinistas (Smaq), que apesar de convidado para as duas reuniões da Fetrans nunca esteve presente. A sua ausência foi justificada pelo seu presidente, Castelo Lopes: «É uma federação com uma maioria de sindicatos da UGT», central que, considerou, «não tem

tido em conta os anseios dos trabalhadores e tem alinhado em jogadas do Governo».

Castelo Lopes acrescentou ainda, em declarações à Lusa, que a federação surgiu na sequência de divisões na UGT e que o Smaq «não alinha na resolução das questões internas daquela central».

José Brandão, por sua vez, defende-se das acusações feitas por Castelo Lopes afirmando que «não se compreendem as suas declarações, pois a UGT já serviu mais de uma vez ajudar o Sindicato dos Maquinistas». Exemplifica: «Foi pela mão de Torres Couto que, há menos de seis meses, o Smaq foi recebido pelo ministro dos Transportes, situação que provocou mau-estar na UGT, uma vez que as estruturas da central na CP ficaram de fora». José Brandão afirma ainda que foi «portador, durante estas greves, de mensagens de Castelo Lopes para Torres Couto, onde o presidente dos maquinistas pedia a solidariedade da UGT».

E. A.



Fim de festa

A Semana da Europa teve destas coisas: num centro comercial lisboeta, os preços de alguns produtos ostentavam o seu equivalente em ecus. Os festejos relativos à efeméride encerraram ontem na Escola Secundária António Sérgio, no Cacém, com uma sessão cultural a que assistiram 18 deputados e directores de escolas dos doze países da Comunidade Europeia. Durante quatro horas, desenrolou-se um espectáculo de danças e cantares de todos esses países

Andam todos à volta das caixas

Tragédia nos Açores, quase igual às histórias dos piratas de séculos passados! Não estão a pilhar as ilhas, ainda é pior! Caixinhas verdes, rectangulares, com 12 centímetros comprimento e 6 de largura, contendo um produto tóxico, estão a dar à costa, provavelmente deitadas ao mar por qualquer navio que tenha cruzado águas vizinhas.

Uma fonte da Polícia Judiciária, em Ponta Delgada, disse, esta manhã, ao DL, que embora as caixas pareçam de origem militar, nada permite, ainda chegar a essa conclusão.

Os pequenos objectos exalam um cheiro muito forte e não têm qualquer distintivo exterior, à excepção de uma legenda em inglês, recomendando o contacto

com a pele por mais de um minuto. Se isso suceder, «procure logo um médico». Que ácido mortífero será? Até agora só apareceram alguns peixes e animais mortos, apesar de um popular, que encontrou algumas caixas, por acaso, ter queimado algumas. Felizmente não lhe aconteceu nada.

Mas não é só naquele arquipélago que as autoridades andam atormentadas com problemas de poluição. Em Sines, para onde se deslocaram técnicos de Porto Santo, da Madeira, para reforçar o pessoal que têm praticamente concluído o trabalho de recolha do crude largado pelo petroleiro cipriota Theogennitor, o presidente da Câmara não está pelos ajustes. Francisco Pereira do Ó Pacheco

dirigiu uma «carta aberta» ao primeiro-ministro, numa linguagem que dá para encher o peito: «Tudo isto para lhe dizer que a população de Sines está farta de gente a todos os níveis que "brinca" com a sua segurança e com o seu futuro. Sem ameaças, senhor primeiro-ministro, aliás quem somos nós para tal, é tempo de perder algum tempo com estes problemas que são de Sines, mas são também do Alentejo e de Portugal e das Comunidades Europeias».

Quem fala assim não é gago e a «carta aberta» não podia terminar de modo mais aberto: «o que os sinesenses e os alentejanos do litoral fizeram daqui para a frente, a responsabilidade é só sua».

P. A.



URSS

Gastronomia e Moda

SALA ZURIQUE

Dias: 16, 17 e 18 de Maio às 19h.30m.

Se deseja fazer a sua reserva, contacte-nos por telefone, com a colaboração de:

EXPOCENTR planco



GRUPO PRO DE ALGAR



Lisboa
Penta Hotel

Av. dos Combatentes 1600 LISBOA CODEX
Telef 7264554 Fax 7264281 Telex 18437

QUOTIDIANO

B R E V E S

Estratégia da Via do Infante deve promover o Interior

O Movimento da Região do Algarve (MRA) apelou ao primeiro-ministro e aos ministros do Planeamento e das Obras Públicas para suspenderem o actual projecto de traçado litoral da Via do Infante, sob pena de «comprometer o desenvolvimento da região». Em comunicado, o MRA sustenta que a Via do Infante «tem de ser integrada num plano de desenvolvimento do Algarve de tal modo que não se comprometa o litoral e contribua para promover o interior e serra em vez de erradamente ser vista apenas como uma questão de tráfego».

Jovem alentejana faz apelo em Estrasburgo

Uma jovem de Évora, premiada num concurso artístico, participou ontem na entrega, em Estrasburgo, de um apelo aos dirigentes europeus para intensificarem os trabalhos com vista à unidade do Continente. Margarida Felizardo, de 12 anos, é aluna do 7º ano da Escola Preparatória André de Resende, em Évora. Esteve, com 26 outros jovens, no Palácio da Europa onde estão representados 23 Estados ocidentais e dispõem de estatuto de convidados mais quatro Estados do Centro e Leste europeu. Quarta-feira, Dia da Europa, Margarida ajudou a apagar as 41 velas do bolo de aniversário da Europa.

Reformas antecipadas debatidas em jornadas

O tema das reformas antecipadas está a ser debatido, entre outros, nas Quintas Jornadas de Política Social, que o Instituto Superior de Ciências Sociais promove na Junqueira, em Lisboa, e para o qual convidou o especialista José B. de Sousa. A iniciativa desenvolve-se ao longo de seis sessões que contemplam, também, a temática da «Qualidade de vida no âmbito social», através de uma intervenção de Céu Basto.

Condição Feminina critica situação em banco português

A presidente da Comissão da Condição Feminina (CCF), Regina Tavares da Silva, criticou a direcção do Banco Comercial Português, pelo facto de ter apenas sete mulheres num quadro de pessoal de 1700 funcionários. O presidente do BCP, Jardim Gonçalves, justificou recentemente o escasso recrutamento de elementos femininos no seu banco com vários argumentos, nomeadamente invocando alegada falta de disponibilidade das mulheres devido às suas obrigações familiares. Para a principal responsável da CCF, entidade dependente da Presidência do Conselho de Ministros, trata-se de um argumento inaceitável, já que, acentua, «discriminar as mulheres por esse motivo é, pelo menos, anticonstitucional e anti-social e traduz uma visão redutora e opaca das mudanças na realidade social».

Ajudará os cegos a ver e os surdos a ouvir, graças ao que muitos especialistas acreditam ser o mais espantoso progresso da era electrónica

O grão de açúcar revolucionário

Parece-se com um grão de açúcar prateado, jazendo sobre a bancada de um laboratório, na sede da companhia americana de pesquisa Electro Molecular Ventures, em Rockville, Maryland, a alguns quilómetros de Washington.

De facto, é o protótipo do que, para muitos cientistas, será o mais espantoso progresso da era electrónica - um «computador biológico», contendo um bilião de circuitos no espaço de apenas um milímetro quadrado... e capaz de guardar na sua memória toda a informação armazenada em todos os computadores desde sempre construídos!

Tratava-se, segundo o dr. James McAlear, fundador da Electro Molecular Ventures, do amanhecer da era do biochip, um novo conceito revolucionário que poderia tornar o microchip, o milagre dos anos setenta, tão obsoleto como os rádios de válvulas.

O biochip é composto por proteínas e os seus microcircuitos são mil vezes mais pequenos do que os do chip de silicone que, afirma o dr. McAlear, tende a desaparecer, «porque há um limite para o número de circuitos que podem ser integrados nele».

Com o biochip, a história poderá ser diferente. Para se ter uma ideia do tamanho deste chip, imagine-se o tamanho de uma molécula de sangue, que tem um diâmetro entre 6 a 8 microns. As proteínas nas quais se baseará o biochip são mil vezes mais pequenas - e os cientistas acreditam que é, assim, possível desenvolver um biochip com um milímetro quadrado, contendo mais de um bilião de circuitos! A equipa do dr. McAlear já conseguiu construir circuitos moleculares, a partir de resíduos de proteínas sintéticas. A sub-



Olho humano afectado pela cegueira

stância utilizada é a lisina, um amino-ácido presente na formação de todas as proteínas vivas e que contém oxigénio, carbono, hidrogénio e nitrogénio. A lisina é espalhada num vidro e coberto com um material plástico resistente.

O chip é depois bombardeado por electrões, que desenham um circuito próprio de computador no material resistente. Por fim, o chip é revestido de uma camada de prata.

Futuros desenvolvimentos do biochip, segundo o dr. McAlear, dependerão bastante da engenharia genética. Será necessário modificar as moléculas existentes e adaptá-las de forma a desempenharem funções electrónicas, ou criar moléculas completamente novas para a engenharia electrónica.

O que parece ficção científica, é absolutamente possível mesmo com a actual tecnologia.

A primeira aplicação do biochip será provavelmente na ciência médica, particularmente no tratamento da cegueira. Há alguns anos atrás, os cientistas descobriram que, se os «centros da visão» do cérebro fossem artificialmente estimulados, um cego poderia «ver» faixas claras dentro do que seria normalmente o seu campo de visão. Os electrodos, implantados no cérebro e ligados a um sistema de televisão, foram utilizados para excitar os centros nervosos relevantes, até o doente poder vislumbrar formas simples, tais como cartas, que lhe eram transmitidas através do sistema visual que lhe estava ligado.

Agora, o dr. McAlear idealiza um sistema envolvente biochips cobertos com uma camada de proteína, na qual seriam abertos, com um canhão electrónico, milhares de orifícios.

Estes orifícios seriam

preenchidos com uma substância, à qual seriam ligados minúsculos nervos ópticos. Impulso electrónico, transmitidos ao cérebro através deste biocircuito, estimulariam centros visuais, permitindo a um cego «ver» objectos à sua volta, com uma forma comparável à de uma imagem num ecrã de televisão a preto e branco.

A surdez também poderia ser tratada de maneira semelhante, utilizando-se biochips para estimular áreas receptivas ou para ultrapassar circuitos nervosos naturais, interrompidos.

É claro que tais avanços levarão tempo; poderão ser necessários cerca de doze anos de trabalho antes do aperfeiçoamento das técnicas.

Grandes organizações estão já a dar o seu apoio a dr. McAlear. Uma delas é a US Naval Research Laboratory (Laboratório de Pesquisa Naval dos Estados Unidos), que vê a utilização de moléculas orgânicas como parte fundamental da tecnologia computorizada do futuro. A Genex Corporation, uma instituição americana dedicada ao desenvolvimento da engenharia genética, está também a cooperar activamente no programa de pesquisa.

Os cientistas afirmam que, provavelmente, não há limite para o futuro potencial dos biochips. Aliás, como salientam, o sistema já existe na Natureza.

O processo da fotossíntese, pelo qual as plantas absorvem energia solar, depende de inúmeros circuitos e contactos electrónicos naturais. Por exemplo, um milímetro quadrado de uma folha contém dezenas de milhões de vezes mais elementos electrónicos do que o mais avançado biochip que os cientistas possam imaginar!

Exclusivo AEI/P/«DL»
(Trad. Ana Paula Moreira)

Lotaria Nacional

NUMEROS PREMIADOS

40 134 - 70 000 contos
7 468 - 12 000 contos
68 338 - 3 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO

40 133 - 750 000\$00
40 135 - 730 000\$00

APROXIMAÇÕES AO 2º PRÉMIO

7 467 - 350 000\$00
7 469 - 350 000\$00

APROXIMAÇÕES AO 3º PRÉMIO

68 337 - 157 250\$00
68 339 - 157 250\$00

PRÉMIOS DE 1 000 CONTOS

10 872; 14 864; 18 455; 19 916; 21 584; 24 998; 35 926; 46 146;
48 016; 49 318; 55 104; 58 998; 62 980; 63 889; 66 864; 69 721;
69 490

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

300 000\$00 - 134
60 000\$00 - 468
30 000\$00 - 338
15 000\$00 - 139, 147, 356, 874 e 902
7 000\$00 - 0 e 4

PRÉMIOS DE CENTENAS

20 000\$00 - 40 101 a 40 200
12 500\$00 - 7 401 a 7 500
10 000\$00 - 68 301 a 68 400

URSS 1990

VIAGENS

04-06 a 15-06	3 Cidades	06-08 a 20-08	Clássico
15-06 a 29-06	Noites Brancas	10-08 a 24-08	Clássico
02-07 a 16-07	Clássico	13-08 a 24-08	3 Cidades
09-07 a 23-07	Báltico	13-08 a 27-08	Báltico
16-07 a 30-07	Clássico	20-08 a 31-08	3 Cidades
30-07 a 13-08	Cáucaso	24-08 a 07-09	Sibéria
03-08 a 17-08	Báltico	31-08 a 14-09	Moldávia
06-08 a 17-08	3 Cidades	03-09 a 14-09	3 Cidades

PEÇA PROGRAMA DETALHADO

Rua da Glória, 43 (aos Restauradores)
1200 LISBOA - Telef. 37 31 10/1
Av. Op. 414



ESPECIAL FÉRIAS/90

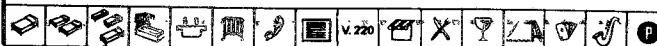
no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		MAI.JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



CHEGOU A PRIMAVERA!

ABRA O SEU TEJADILHO.

APROVEITE 350 LITROS DE GASOLINA, PARA PASSEAR AO SOL.

A FORD OFERECE-LHE NA COMPRA DO SEU

fashion

ESCORT OU ORION O TEJADILHO DE ABRIR



350 LITROS DE GASOLINA.

VIVA A PRIMAVERA!



QUALIDADE E INOVAÇÃO

ENCARGOS ANUAIS: Combustível: De 106.587 \$ 00 a 131.294 \$ 00 - Seguro Obrigatório: 21.983 \$ 00
- Impostos: 4.630 \$ 00 (Base 15.000 Km/Mar.90)

Campanha válida de 2/4/90 a 2/7/90 - sujeita a disponibilidade de stock. Consulte as condições no seu Concessionário Ford.

QUOTIDIANO

Queixa chega à Judiciária

Polícias acusados de espancamento

Deu ontem entrada na Polícia Judiciária uma queixa contra os responsáveis de uma esquadra lisboeta da PSP, movida por indivíduos que alegam terem ali sido espancados. De acordo com os queixosos, o incidente ocorreu terça-feira à tarde, na sequência do convite de um guarda à paisana ao proprietário de um stand de automóveis da Av. D. Carlos I para que o acompanhasse à vizinha esquadra das Francesinhas. Como ele tardasse em regressar ao estabelecimento, dois amigos, Nuno Ribeiro Gonçalves e Vítor Manuel da Silva, ter-se-ão dirigido ao posto policial para averiguar o que se passava, tornando-se ali objecto da mesma violência de que ele estaria a ser vítima.

O depoimento alude a agressões psicológicas e físicas, estas praticadas sobre-

tudo na forma de pontapés, quando os três se achavam no chão. Os signatários apresentaram-lhe relatórios das unidades hospitalares em que foram assistidos às lesões sofridas, segundo um familiar de um deles.

Na queixa, o agente à paisana que abordou o proprietário do stand é identificado pelo apelido Ramos.

São também arroladas testemunhas, entre pessoas que terão escutados os gritos, procedentes da esquadra, das alegadas vítimas do espancamento. Tanto quanto estas terão podido aperceber-se, na origem da atitude policial esteve um equívoco em torno da identidade do passador de um cheque sem provisão, de 4000 escudos, a um café da mesma artéria.

Praticadas por seis ou sete guardas, as agressões ter-se-ão prolongado, no caso da

vítima principal, cuja identidade não foi revelada ao «DL», por mais de duas horas, e por hora e meia, no caso dos outros dois, resultando delas múltiplos hematomas e escoriações.

Ao contrário do sustentado pela mesma fonte próxima das vítimas, segundo a qual não teria sido lavrado qualquer registo da ocorrência, o porta-voz do Comando Distrital da PSP asseverou ao «DL» que ela já foi participada a esta instância.

Acrescentou que um advogado dos eventuais ofendidos já esteve na esquadra das Francesinhas, de que é comandante o sub-comissário Aguiar, tendo-lhe ali sido prestadas as informações que solicitou. O mesmo porta-voz disse ainda que o caso está a ser sujeito a averiguações, de cujos resultados a PSP, oportunamente, dará conhecimento público.



Guilddas em festa Membros das guildas medievais, trajados a rigor, dirigem-se para o centro da cidade e, mantendo a tradição, cavalgam em volta de um boneco de neve artificial - Boog, como lhe chamam os suíços - colocado no topo de uma enorme fogueira até que a sua explosão ponha termo à Sechselauten, a tradicional parada de Primavera de Zurique

Câmara de Lisboa denuncia burla

A Câmara Municipal de Lisboa aprovou a celebração de um protocolo com a Federação Nacional das Cooperativas de Habitação (FENACHE) que prevê a cedência de terrenos para a construção até 1992, de 3000 fogos. Como contrapartida a cooperativa compromete-se a entregar 10 por cento dos fogos concluídos para realojamento de famílias carenciadas, algumas das quais estão actualmente a ser vítimas de burlas.

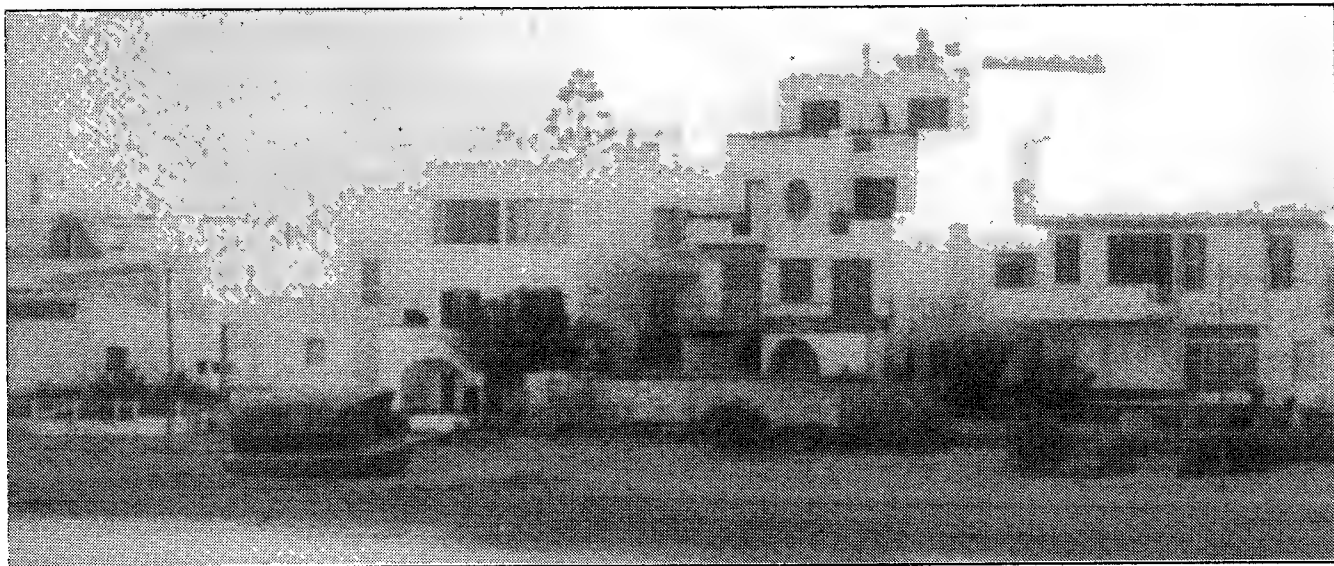
De facto, a edilidade da capital alertou ontem, através do porta-voz do presidente, Perez Metelo, para o facto de alguns cidadãos pertencentes a minorias étnicas estarem a ser vítimas de burla. A essas famílias têm sido vendidas indevidamente casas camarárias no Bairro do Relógio, junto do Aeroporto.

Segundo Perez Metelo, as casas de con-

strução precária que vagam na sequência do realojamento dos seus moradores no Bairro de Chelas são «vendidas» por pessoas sem escrúpulos que se dizem suas proprietárias.

A Câmara de Lisboa aguarda entretanto as decisões que venham a ser tomadas pelo Tribunal de Contas no âmbito da fiscalização prévia obrigatória por lei a propósito do caso da JC Decaux. Recorde-se que o «Expresso» divulgou no passado sábado um relatório de um assessor jurídico de Sampaio, segundo o qual, o contrato que Abecasis assinou com aquela empresa, a poucos dias do termo do seu mandato sofreria de irregularidades. Porém, Jorge Sampaio esclareceu que o relatório jurídico divulgado pela imprensa sobre o referido contrato «não reflecte qualquer posição sua sobre a matéria».

QUOTIDIANO



A ocupação intensiva do solo da ilha de Faro provocou uma ruptura no equilíbrio estabelecido pela natureza

A Liga para a Protecção da Natureza alerta para a ineficácia das acções empreendidas e advoga medidas polémicas

Ambientalistas propugnam desocupação da ilha de Faro

A interdição da habitação permanente, salvo no caso dos pescadores locais, e do trânsito de automóveis na ilha de Faro é defendida pela Liga para a Protecção da Natureza (LPN), como indispensável à salvaguarda da própria integridade geológica daquela área da Ria Formosa.

Em comunicado subscrito pelo seu presidente de Direcção, professor Magalhães Ramalho, aquela associação ambientalista justifica a necessidade de tais medidas, apontando a ocupação humana como causadora da vulnerabilidade da Praia de Faro, como é mais conhecida a

península do Ancão, às investidas do mar. De acordo com o mesmo texto, é esse um dos factores das destruições que ali se registaram este Inverno. Outros, serão obras de engenharia costeira nas vizinhanças, como, por exemplo, os molhes da marina de Vilamoura.

A LPN cita estudos geológicos que têm acentuado a sensibilidade da Ria Formosa, sistema de ilhas-barreira que «apresentam tendência acentuada para migrar em direcção ao continente», em resposta à gradual elevação do nível do mar.

Segundo a LPN, o que vem

acontecendo na península do Ancão é a prova da inelutabilidade de certas tendências da Natureza, evidenciada por operações sucessivas e contraditórias de remoção de areias, sem qualquer êxito no que se refere à estabilidade das dunas.

Sublinhando a situação de perigo em que se encontra a península, os autores do comunicado alertam para a eventualidade do problema ser agravado pelas soluções de emergência que têm vindo a ser adoptadas.

«Com efeito» — defendem os mesmos ambientalistas — «as pedras que têm sido

lançadas na fachada oceânica podem vir a constituir factor de erosão adicional durante os próximos temporais, e até contribuir para a rotura do cordão litoral».

Essa circunstância, adverte, permitiria um ataque directo das ondas à zona do aeroporto de Faro.

Salientando o valor natural da Ria Formosa, a LPN declara «inadmissível» que seja degradada «em benefício de alguns (poucos)» e que «todos (os contribuintes) paguem para que alguns beneficiem da destruição daquele património nacional».

Uma semana de atraso na distribuição de cartas

A central de correios de Lisboa tem um atraso de uma semana na distribuição da correspondência, devido à greve de dois dias realizada na semana passada pelos CTT. A avaliação do retardamento na distribuição da correspondência foi feita ao DL por Maria Manuela Pina, do Gabinete de Imprensa dos CTT. Esta porta-voz acrescentou que «o atraso na distribuição começa a ser recuperado, mas ainda não está a cem por cento».

Enquanto o Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações reivindica um aumento intercalar de dez por cento e apela à greve de zelo, caso a administração rejeite a sua proposta, o Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Telecomunicações dos CTT (Sintel), reivindica mais uma diuturnidade, com retroactivos a partir de Janeiro. «Aguardamos uma resposta da administração até ao próximo fim-de-semana. Caso contrário, iniciaremos outras formas de luta já na próxima semana. Para já não posso adiantar mais nada, porque a última palavra pertence aos trabalhadores», disse, ao DL, Manuel Garrido, do Sintel. Este sindicalista salientou ainda que o Sintel está «plenamente de acordo com as reivindicações apresentadas pelo outro sindicato».

Manuela Pina recordou que os CTT estão numa fase de reestruturação e os trabalhadores «receiam que a administração acabe com o Instituto de Obras Sociais, o nosso sistema de saúde. Esta preocupação não tem razão de ser, porque a administração já disse que não vai tomar medidas nesse sentido».

Pela primeira vez em Portugal

«Retrato» dos jornalistas tratado por computador

O Sindicato dos Jornalistas vai lançar, a partir da próxima segunda-feira e até ao dia 17 do corrente, o I Inquérito Nacional aos Jornalistas Portugueses, iniciativa que permitirá não apenas obter o perfil real dos profissionais da Comunicação Social, como também adoptar as decisões mais adequadas, com base no conhecimento dos verdadeiros problemas e aspirações dos jornalistas, à satisfação dos seus interesses e dos da opinião pública, conforme refere um comunicado do SJ.

O inquérito abrange todos os órgãos da Imprensa escrita, falada e audiovisual, incluindo as rádios locais, e foi preparado pelo Grupo de Estudos do sindicato, como parte de uma investigação social vasta sobre a Comunicação Social portuguesa, em que estão implicados, através de protocolos entretanto subscritos, o Departamento de Comunicação Social do ISCTE, a Escola Superior de Jornalismo e o Centro de Formação de Jornalistas do Porto.

O Centro de Investigação sobre Economia Portuguesa utilizará os dados do inquérito para a elaboração de um estudo económico-financeiro.

A iniciativa habilitará pela primeira vez o SJ com um instrumento de análise científica tratado por computador, indispensável ao planeamento de decisões adequadas para o futuro da profissão em Portugal, designadamente no quadro da integração europeia, e resulta de um longo trabalho de preparação especializado, sob a direcção do prof. Jorge Cabello.

Para a sua concretização, que envolve meios vultuosos, o sindicato conta já com os apoios da Direcção-Geral de Comunicação Social, da Associação da Imprensa Não-Diária, da Associação de Imprensa Diária, do Instituto das Rádios Locais, do CENJOR, da CGTP-IN, da UGT e da Associação Nacional dos Municípios Portugueses.

As conclusões do inquérito, rigorosamente anónimo e confidencial, serão fundamentais para as propostas que o SJ levará ao Encontro Nacional dos Jornalistas Portugueses, no qual culminarão os Encontros Regionais do Norte, Sul e Centro, bem como os contactos mantidos com os Açores e a Madeira.

VIAGENS FÉRIAS 1990

AUTOPULLMANS DE LUXO

HOTÉIS SELECIONADOS • GUIAS EXPERIENTES

MINHO • GERÊS • CANIÇADA

ARRAIAL NA QUINTA DE SANTOINHO
3 DIAS - PARTIDAS: 19 MAIO • 9 E 14 JUNHO
TODOS OS SÁBADOS DE JULHO A OUTUBRO

NORDESTE TRANSMONTANO

4 DIAS - PARTIDAS: 14 JUNHO • 21 JULHO • 4 E 18 AGOSTO • 1 E 15 SETEMBRO • 5 OUTUBRO

CRUZEIRO NO DOURO

NAVEGANDO DA RÉGUA AO PORTO E ALMOÇO NA PATEIRA DE FERMENTELOS
3 DIAS - PARTIDAS: 19 MAIO • 9, 16 E 30 JUNHO • 7, 14 E 21 JULHO • 4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8, 15, 22 E 29 SETEMBRO • 6 E 20 OUTUBRO

NORTE MARAVILHOSO

MINHO • TRÁS-OS-MONTES • BEIRAS
ARRAIAL NA QUINTA DE SANTOINHO
6 DIAS - PARTIDAS: 10 JUNHO • 15 E 22 JULHO • 5, 12 E 19 AGOSTO • 2, 9 E 16 SETEMBRO

FÉRIAS NO MINHO

ARRAIAL NA QUINTA DE SANTOINHO E «SHOW» NO CASINO DA PÓVOA
8 DIAS - PARTIDAS: 10 JUNHO • 8 E 22 JULHO • 5, 12, 19 E 26 AGOSTO • 2, 9, 16 E 23 SETEMBRO • 2 OUTUBRO

MINIFÉRIAS EM AMARANTE

PRINCESA DO TÁMEGA
4 DIAS - PARTIDAS: 9 E 13 JUNHO • 7, 14, 21 E 28 JULHO • 4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8, 15 E 22 SETEMBRO • 4 OUTUBRO • 1 NOVEMBRO • 1 E 8 DEZEMBRO

FÉRIAS EM AMARANTE

6 DIAS NA PRINCESA DO TÁMEGA
PARTIDAS: 9 JUNHO • 8, 15 E 22 JULHO • 5, 12, 19 E 26 AGOSTO • 2, 9, 16 E 23 SETEMBRO • 2 OUTUBRO

FÉRIAS TRANSMONTANAS

ESTADIA NO HOTEL AQUE FLAVIE (CHAVES)
6 DIAS - PARTIDAS: 8 JUNHO • 1, 8, 15 E 22 JULHO • 5, 12, 19 E 26 AGOSTO • 2, 9, 16, 23 E 30 SETEMBRO • 7 OUTUBRO

SEVILHA • BADAJOZ • OLIVENÇA

3 DIAS - PARTIDAS: 9, 14 E 30 JUNHO • 14 E 21 JULHO • 4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8, 15 E 22 SETEMBRO • 5 OUTUBRO • 1 NOVEMBRO • 1 E 8 DEZEMBRO

ANDORRA • MADRID • ZARAGOZA

5 DIAS - PARTIDAS: 10 JUNHO • 7 E 21 JULHO • 4, 11 E 18 AGOSTO • 1, 8 E 15 SETEMBRO • 4 OUTUBRO • 1 NOVEMBRO • 1 E 18 DEZEMBRO

MADRID • SEGÓVIA • NAVACERRADA VALE DOS CAÍDOS

4 DIAS - PARTIDAS: 10 E 14 JUNHO • 7, 14, 21 E 28 JULHO • 4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8, 15, 22 E 29 SETEMBRO • 4 OUTUBRO • 1 NOVEMBRO • 1, 8 E 22 DEZEMBRO

GRANADA • SIERRANEVADA • SEVILHA

4 DIAS - PARTIDAS: 9 E 14 JUNHO • 1 E 15 JULHO • 5, 12 E 19 AGOSTO • 2, 9 E 16 SETEMBRO • 4 OUTUBRO

CEUTA - GIBRALTAR COSTA DEL SOL • TORREMOLINOS

4 DIAS - PARTIDAS: 10 E 14 JUNHO • 1 E 15 JULHO • 5, 12, 19 E 26 AGOSTO • 2, 9, 16 E 23 SETEMBRO • 5 OUTUBRO • 30 NOVEMBRO

PUEBLA DE SANÁBRIA • SALAMANCA NORDESTE TRANSMONTANO

4 DIAS - PARTIDAS: 10 E 14 JUNHO • 7 E 21 JULHO • 4 E 18 AGOSTO • 1 E 8 SETEMBRO • 4 OUTUBRO • 1 NOVEMBRO

SANTIAGO DE COMPOSTELA • LA CORUÑA • VIGO

5 DIAS - PARTIDAS: 10 JUNHO • 21 JULHO • 4 E 18 AGOSTO • 1 E 15 SETEMBRO • 1 OUTUBRO

PALMA DE MAIORCA • ANDORRA • MADRID

9 DIAS - PARTIDAS: 18 JULHO • 1 AGOSTO • 5 SETEMBRO

FÉRIAS EM PALMA DE MAIORCA

PARTIDAS: TODOS OS DIAS DE MAIO A OUTUBRO

INFORMAÇÕES E RESERVAS

AVIC Holiday Tour

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 53 • 1000 LISBOA (METRO SALDANHA)
52 11 16 • 52 11 17 • 57 29 70
OU NA SUA HABITUAL AGÊNCIA DE VIAGENS

VIDEOPAX, LDA.

Clube de Vídeo por correspondência.
Temos 2000 Filmes à sua disposição.
Aluguer e venda directa.

— Solicite Catálogo —
Rua Pinheiro Chagas, 19-A, Sala 214. Telefone 54 05 32 —
1000 LISBOA.

Fátima: o Santuário e o hipermercado da fé

A hierarquia católica e os responsáveis do Santuário de Fátima preparam-se para comemorar, com pompa e circunstância, as bodas de diamante dos acontecimentos de 1917. Nas vésperas das celebrações de mais um dia 13 de Maio, o «DL» visitou a vila, os locais sagrados, os locais de negócio, os estabelecimentos que acolhem os peregrinos. Do ponto de vista religioso, o tempo parece ter parado naquela localidade, onde a Igreja continua a permitir o sofrimento físico na realização das convicções de cada um, enquanto toda a estrutura católica se mantém firme e sólida, como sempre. Contudo, a Igreja continua a apostar mais no sentido de ampliar a sua influência na sociedade, do que em suprimir os pecados que ali também são visíveis

Em profundo silêncio interior

Fátima, Primavera de 1990. O sol tinha, naquele sábado, uma luz de encantar. No corredor de mármore do Santuário, uma mulher arrastava-se de joelhos, filho ao colo, marido ao lado, uma senhora de negro varria o chão à sua frente. O silêncio era quase absoluto, ferido apenas pelo *consolo* da mulher que limpava a areia: «Já falta pouco filha, já falta pouco...»

Ar bonacheirão, David Carreira - funcionário do Santuário - deitava todas as promessas para um caixote, parecido com um de lixo. Braços, corpos, rostos, pernas, os mais diversos objectos de cera eram retirados como quem limpa uma sarjeta. Explicou-nos que as figuras simbólicas das promessas já não podem ser derretidas para serem devolvidos às fábricas. Têm, primeiro de ser parti-

das, para cumprir as instruções do reitor do Santuário.

Na confortável Casa de Nossa Senhora do Carmo, dois passos ao lado, bispos e cardeais de toda a Europa viravam os olhos para o espaço, à procura da melhor estratégia da Igreja se actualizar.

Um dia depois, a Conferência Episcopal dos responsáveis dos Média Católicos assumiria a indispensabilidade do clero não perder a evolução dos novos tempos, nem que para isso seja necessária uma eurovisão evangelizadora.

Na capelinha das aparições um padre orientava a leitura do terço, sessão atrás de sessão. A mulher de criança ao colo foi fotografada por um sem-número de turistas quando chegou perto da imagem de Nossa Senhora. Por todo o largo

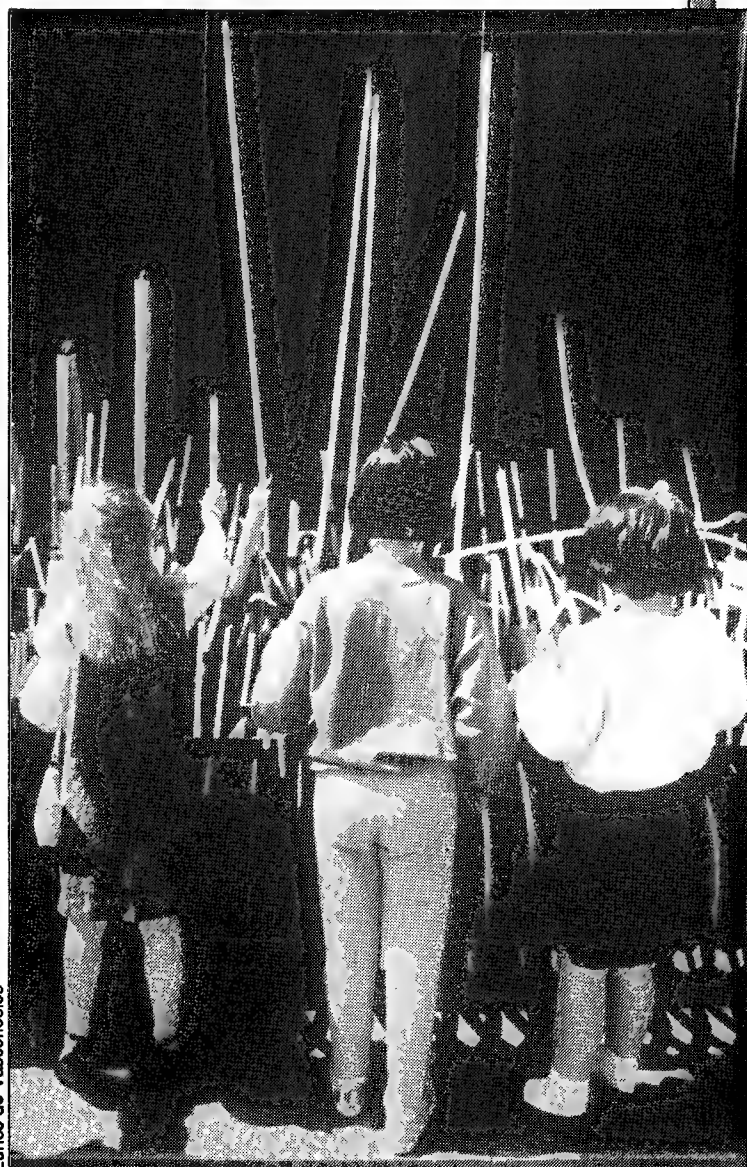
recinto se viam grupos de peregrinos, a maioria com ar simplesmente curioso e divertido, mas nem por isso a pira deixava de receber mais e mais velas, acesas até pelos estrangeiros mais estranhos.

Nunca um local turístico

O Santuário virou um local turístico? - Dom Serafim Ferreira, bispo de Leiria e auxiliar de Fátima afirma que essa interrogação é quase uma blasfémia. «Os estrangeiros vêm à procura do sobrenatural e encontram aqui o silêncio, a interiorização, porque o ritmo acelerado da vida moderna quase não deixa tempo para pensar e aqui, não só a grandeza da esplanada, como até a ecologia da natureza convidam a um silêncio interior e as pessoas reencontram-se aqui».

De joelhos feridos, iam dando entrada no Santuário mais fiéis, vindo nesse dia escolhido para saldar a dívida à Virgem. Em profundo «silêncio interior».

Pereira de Almeida



Gente de todas as idades é ensinada a seguir o ritual



Já nas bancas da livraria do Santuário

Sem sombra de censura

Há alguma evolução na forma como a Igreja apresenta o fenómeno de Fátima, poderia ela actualizar as manifestações de devoção dos cinco milhões de fiéis que visitam o Santuário todos os anos?

A hierarquia católica prepara, com pompa e circunstância, as bodas de diamante dos acontecimentos de 1917. Uma comissão já está a trabalhar nos detalhes das celebrações e um grupo de teólogos estuda «a evolução histórica das aparições de forma a perspectivá-lo

para o futuro». Não devemos, no entanto, alimentar grandes esperanças de que a Igreja acompanhe o ritmo dos tempos modernos.

Embora D. Serafim Ferreira afirme que «a realidade de Fátima está numa transformação permanente, porque é constituída por homens, porque tem uma componente histórica a que devemos ser fiéis, não é fantasia», mulheres, jovens e até crianças continuam a arrastar-se, joelhos no chão, em volta da Capelinha para pagar promessas à Virgem.

Isto, apesar do bispo afirmar que há evolução «para melhor, no aspecto físico, de acolhimento, no aspecto cultural e no aspecto de transmissão da mensagem - humanista, com uma antropologia muito profunda».

De resto, a Igreja continua a tirar partido dos velhos segredos de Fátima com a conveniência necessária ao tempo e à evolução política do mundo. O bispo de Leiria/Fátima ainda tem o discurso que reproduzimos *ipsis verbis*: «Aqui em Fátima, em Julho de 1917,

uma das videntes ouviu, relatou e testemunhou que se falava na conversão da Rússia.» E acrescenta: «Claro que nós não vamos - de uma maneira fatídica, ou cabalística - extrapolar o significado porventura de algumas coincidências mas há algum relacionamento com Fátima, isto está fora de dúvida, uma das videntes não apenas aqui neste local, mas depois em Tuy, nas memórias que escreveu (...) regista a transformação de um povo muito importante, não apenas na Europa do



Auto Monumental do Arquivo
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 - Telef. 894185/6/7/8 - Telex 63 403 AMAQAR - 1000 LISBOA

Um grande negócio sem imaginação

Dois peregrinos brasileiros morreram intoxicados num quarto clandestino em Novembro; abrem-se lojas de artigos religiosos nos rés-do-chão de prédios que ainda só tem as estruturas de betão; o maior hotel da vila é explorado por ordens religiosas; o comércio clandestino de santinhos e terços é abastecido nos mesmos locais onde compram as lojas autorizadas; a especulação imobiliária cresce em flecha, mas nada preocupa o comércio de Fátima.

Os seus principais agentes aspiram a ver a vila promovida a concelho e, depois, a cidade. A Cidade da Paz.

Vasco Perfeito tem razões para estar satisfeito. É proprietário de um dos melhores hotéis de Fátima e tem outro em construção, apostando como ninguém na expansão do turismo na região.

Recebe-nos com extrema cortesia e fornece números para fundamentar o seu optimismo. Em 1989, passaram pela região 600 mil estrangeiros e a tendência é para o número de peregrinos/turistas aumentar.

A «perestroika» de Fátima

Não é certamente por artes mágicas. Como nos diz um alto responsável da hierarquia católica do Santuário, o «corpo de capelães que permanentemente assiste os que procuram a absolvição sacramental pode testemunhar que há peregrinos que ali sentem um chamamento para mudar de vida, uma *perestroika* interior».

Uma *perestroika* que se assemelha, como todos os compromissos, a um casamento sagrado. Com efeito, esta acção profetizante possibilita a existência, em Fátima, de aproximadamente 10 mil camas em hotéis e residenciais legalizadas e cerca de 5 mil em estabelecimentos clandestinos.

Dezassete hotéis e umas dezenas de outros estabelecimentos similares conseguem manter-se em funcionamento o ano inteiro apesar de, como é normal, o grande afluxo de forasteiros tenha começado em meados de Abril, mantendo-se com elevadíssimos índices de ocupação até Outubro. Neste período, tudo e todos alojam visitantes, dos hotéis de luxo às modestas casas de família, que chegam a alugar anexos por mais de cinco mil escudos/dia.

Ao contrário do que seria de supor, esta situação não parece preocupar demasiado os hoteleiros estabelecidos, embora eles lamentem e condenem a acção dos clandestinos que «não só alojam hóspedes sem as mínimas condições,

como lhes transmitem uma imagem negativa das condições de recepção em Fátima», como nos diz Vasco Perfeito. «Não têm recepção, não têm sistemas de combate a incêndios, não têm telefones nos quartos», acrescenta.

O exemplo dos brasileiros que morreram em Novembro, porque faltou a luz e deixaram que uma vela deitasse fogo ao quarto onde estavam instalados, veio alarmar as autoridades que iniciaram, entretanto, uma inventariação de casas que funcionam em moldes precários. Mas nada foi feito para além disso.

Como afirma Vasco Perfeito, «podemos orgulhar-nos de ter aqui um dos melhores parques hoteleiros do Interior do País».

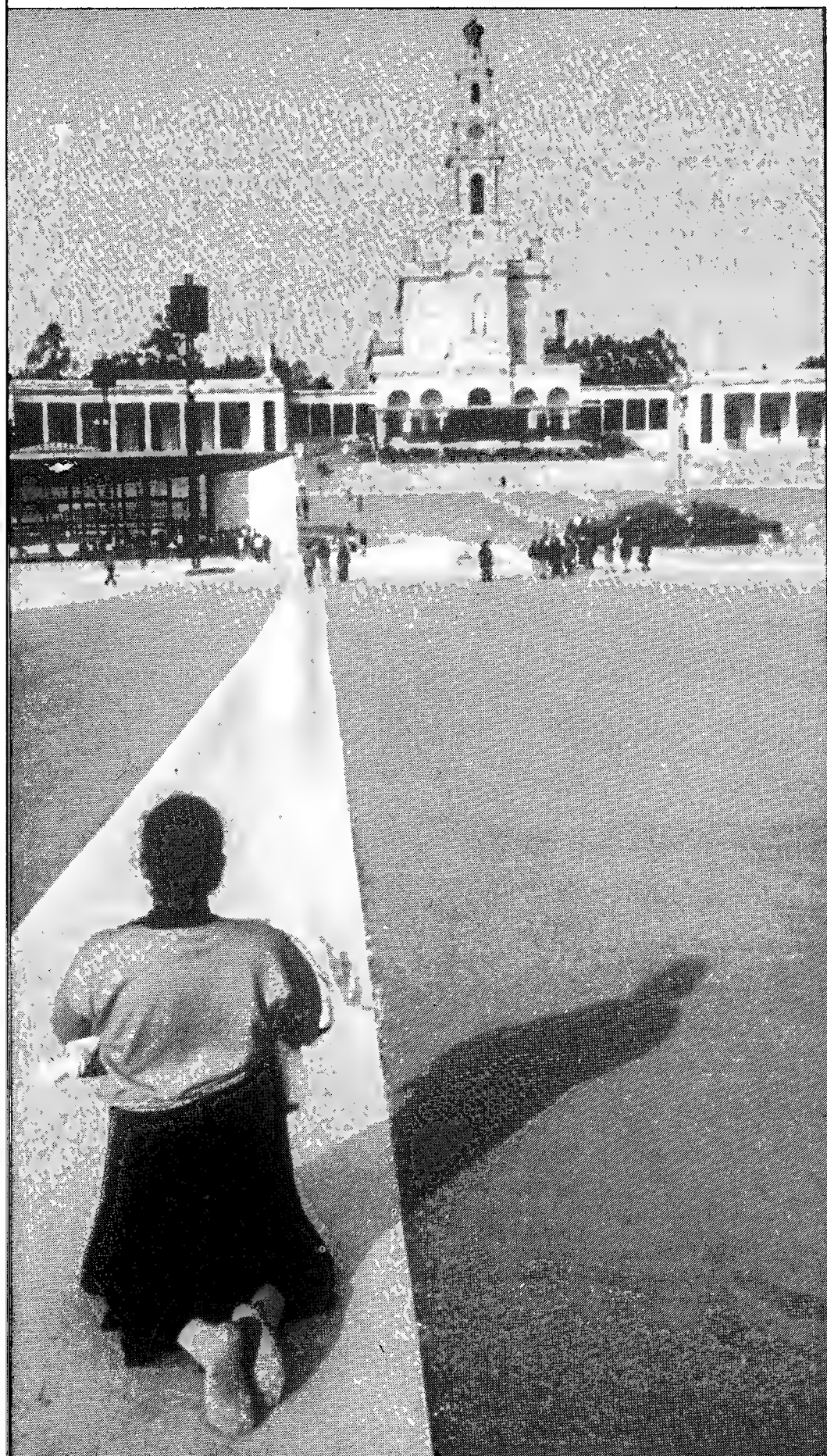
A imaginação esgotou-se

O comércio de artigos religiosos - tudo o que se possa imaginar relacionado com Fátima: a Virgem, as aparições, os pastorinhos - parece estar menos expansivo do que a actividade hoteleira. Os 400 lojistas que se dedicam a este negócio, filiados na Associação de Comerciantes do Concelho de Ourém - que tem 1200 sócios, consideram que embora a sua actividade seja «muito sazonal» é, apesar disso compensatória, mesmo que, como nos disse um proprietário do ramo, «muitas vezes sejam mais as vozes que as nozes». De algum modo, o consumidor começa a defender-se, também, em Fátima. Olha e mexe muito nos produtos mas compra menos. Até porque reina uma profunda falta de imaginação no que é posto à venda. Tirando a altura das velas e o tamanho das virgens, as modernas técnicas de «marketing» estão divorciadas de Fátima.

Porque não se fabricam ainda, por exemplo, as imagens de Lúcia, Francisco e Jacinta em movimento, no momento das visões, com recurso às avançadas tecnologias de construção de brinquedos? Não acreditamos que pudesse ser entendido como uma brincadeira, ou que a modernidade ofendesse a Igreja. Oxalá seja assunto para profunda reflexão.

Mas o negócio corre bem, não obstante o aparecimento dos vendedores ambulantes, na estação alta, perturbar o movimento das caixas registadoras. Mas, o gerente de várias casas de artigos religiosos confidenciou-nos que factura quatro mil contos/ano, só num estabelecimento. E há cerca de 400 em Fátima.

P.A.



Eurico de Vasconcelos

A caminho da Virgem. Será o sofrimento uma necessidade de expressão da Fé?

Apelo permanente à caridade

Sandra tem cinco anos, não caminha e não come pelas próprias mãos. A mãe é doente mental. O Cláudio tem 12 e, para além das insuficiências de Sandra, não fala... A lista de deficientes profundos a quem o Centro Nacional de Apoio João Paulo II, em Fátima, presta apoio é infinita.

As fotografias dessas crianças traumatizadas exibem-se na sala de exposições do Santuário. É o apelo à caridade, o velho ritual do aproveitamento da pena dos crentes para fazer algo pela solidariedade social.

A primeira fase do centro está em funcionamento há um ano. O projecto definitivo terá capacidade para cerca de 400 utentes e uma área de 27 mil metros quadrados. O seu custo estima-se num milhão e meio de contos.

A construção do complexo é apoiada pelo Governo e pelas misericórdias do País e por inúmeros fiéis, anónimos, que enviam ajuda um pouco de todo o lado, incluindo do estrangeiro.

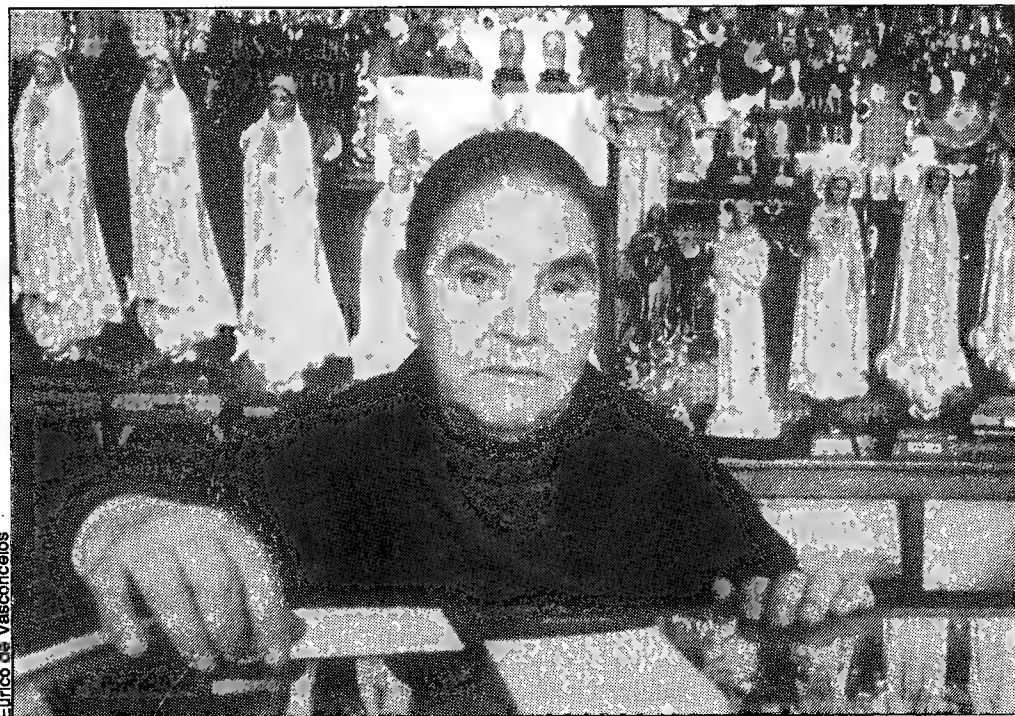
Engana-se quem pensa que a caridade é um fenómeno em crise. Fátima faz do seu apelo uma das formas essenciais de sobrevivência.

P.A.

re- Leste mas no Mundo, porque a união russa ou a federação russa tem um espaço geográfico e sobretudo um impacte social e político que praticamente abrange todo o Mundo.»

Haverá alguma evolução em Fátima? A existir será tão profunda e diversa como a literatura que se vende na livraria do Santuário. Fez-nos lembrar as livrarias de Moscovo, de Havana, de Maputo ou de Sófia até há pouco tempo. Nada fugia à regra ou ao dogma. Mas em Fátima dos anos 90 deparamos, pelo menos, com uma novidade: cassetes vídeo com a história das aparições, consagradas por um selo onde se garante que as imagens foram «revistas pelo Santuário de Fátima».

P.A.



Eurico de Vasconcelos

Uma venda parada no tempo

MARTIN A. 2 AM 049

ECONOMIA

BREVES

Portugal mostra produtos à União Soviética

A Associação Industrial Portuguesa realiza, de 11 a 17 de Junho, a 1ª Semana de Portugal na URSS. A mostra tem lugar em Moscovo, por ocasião da visita do primeiro-ministro português àquele país. Produtos e serviços vão estar patentes, contando já com a participação de 30 empresas. Um seminário sobre «As perspectivas económicas biltareais» e manifestações de carácter cultural e social complementam o certame.

Penhorados os bens de empresa têxtil

Vão à praça no próximo dia 29, para serem arrematados pela maior oferta, os bens penhorados pela EDP e pela Caixa Geral de Depósitos à empresa têxtil Ernesto Cruz, uma das mais antigas da Covilhã e que empregava 170 trabalhadores. A firma deixou de laborar quando a EDP deixou de fornecer electricidade por atraso no respectivo pagamento.

Pedip investe no design

A qualidade e o design na indústria vão ser objecto, ainda este mês, de um investimento por parte do Estado, anunciou esta semana o ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral.

Como iniciativas são apontadas realizações que vão desde seminários a anúncios publicitários na Comunicação Social, nas quais participarão as associações industriais, o Instituto Português de Qualidade e o Centro Português de Design.

Os investimentos, a fundo perdido, no valor de 3,6 milhões de contos, foram canalizados pelo PEDIP, Plano Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa, ao abrigo dos programas três e cinco.

No âmbito do primeiro, conhecido por Sinpedip, foram aprovados 111 projectos correspondentes a um investimento de 4,7 milhões de contos e a um apoio financeiro total de dois milhões.

No programa cinco, relativo a missões de produtividade, integradas pelo sub-programa de apoio à gestão de qualidade, foram aprovados 88 projectos que receberam um subsídio global de 1,6 milhões de contos.

«Sensibilizar os agentes económicos do sector para o crescente aumento de competitividade», é, segundo Mira Amaral, o objectivo principal destas medidas.

O Elena fornece soluções por medida para controlo de periféricos. Qualidade, competitividade e permanente investigação e desenvolvimento são características que lhe garantem um futuro promissor

O computador português oferece-se à indústria

O computador português Elena vai dar mais um passo em frente no mercado português de informática ao oferecer-se, agora, à Administração Pública e às empresas privadas, depois de ter comprovado a sua eficácia na automatização dos balcões de correios dos CTT e na comutação de telegramas na Marconi.

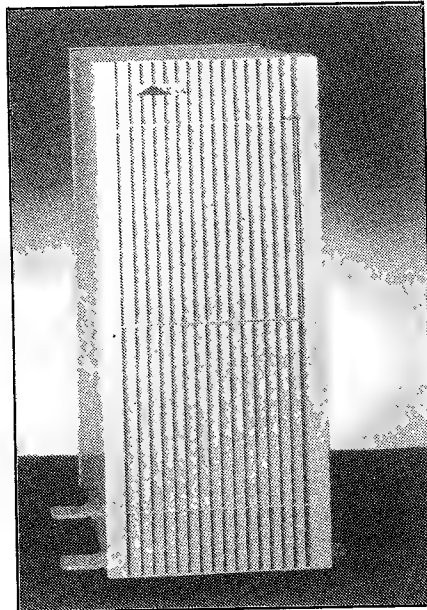
Desenvolvido pelo INESC e comercializado pela SMD (Sistemas Multiposto e Distribuídos, SA) o Elena é um produto de concepção e fabricação nacionais. A sua modularidade permite-lhe adaptar-se às mais diversas soluções.

Segundo foi dito ao «DL» não se trata de um concorrente dos equipamentos das grandes multinacionais, mas de um produto que os complementa com grandes vantagens funcionais e económicas.

Na verdade, trata-se de um equipamento que se destina essencialmente a projectos de automatização com grande número de periféricos ou equipamentos a controlar e a integrar.

«Estamos aptos a fornecer soluções por medida, com garantias de grande qualidade e a preços significativamente competitivos», garante Faria Gomes, presidente da SMD.

A qualidade do produto é garantida por um controlo extremamente rigoroso. «Não nos limitamos a testar as placas por amostragem, mas uma a uma e por duas vezes: à saída da linha de produção e antes da entrega ao cliente», explica Faria Gomes.



Elena: «feto à medida» para empresas portuguesas

O Elena já vai na sua segunda versão, na medida em que é alvo de uma permanente acção de investigação e desenvolvimento, seja no INES ou na SMD e ainda em ligação com projectos europeus. Isto permite-lhe estar actualizado em relação à constante evolução do mercado informático.

Este facto leva a SMD a considerar o Elena como um produto de futuro garantido, ansiando mais do que temendo a grande evolução que se avizinha com

a RDIS (Rede Digital com Integração de Serviços), que exige uma gestão rigorosa e fiável de muitos terminais, precisamente a área onde este computador português é mais forte.

Para já, este sistema pode ser aplicado em diferentes mercados. No da comunicação (gestão e conexão de redes locais e de dados), Administração Pública e serviços (automatização de balcões de atendimento ao público) e indústria (controlo integrado de equipamentos de produção, laboratoriais e de testes).

Arquitectura

A arquitectura do Elena é modular, isto é, para além das placas de processador, admite uma ou mais placas de controlo de periféricos e de comunicação (rede Ethernet ou Cheapernet e ligação a redes de dados).

Por outro lado, é flexível, na medida em que todas as placas são configuráveis e adaptáveis à solução a implantar caso a caso.

Finalmente, é multiprocessador, aceitando diversas placas com o microprocessador 80286 numa só estação, cada uma delas configurada para diversos tipos de processamento e com os seus próprios recursos de memória.

Cada estação pode controlar até 64 periféricos através de portas RS-232, estando ainda disponível o acesso directo a diversas redes de comunicação de dados (telex, fax ou telepac).

Redacção «DL»

COTAÇÕES



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45\$90	51\$90
ALEMANHA FED. (marco)	87\$75	88\$95
ÁUSTRIA (xelim)	12\$45	12\$65
BÉLGICA (franco)	49\$55	49\$35
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123\$80	126\$30
(notas de 5 a 1000)	124\$30	126\$80
DINAMARCA (coroa)	22\$95	23\$35
ESPAÑA (peseta)	15\$63	14\$83
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144\$35	147\$85
(notas de 5 a 1000)	144\$85	148\$35
FINLÂNDIA (marka)	36\$85	37\$45
FRANÇA (franco)	26\$05	26\$75
HOLANDA (florim)	78\$05	79\$15
IRLÂNDIA (libra)	236\$45	240\$45
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (iene)	\$875	\$930
NORUEGA (coroa)	22\$45	22\$95
REINO UNIDO (libra)	242\$10	246\$60
SUÉCIA (coroa)	23\$90	24\$40
SUIÇA (franco)	103\$00	104\$50
VENEZUELA (bolívar)	26\$50	34\$50

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Estado salda dívidas a empreiteiros do Norte

Até ao próximo dia 10 de Junho, o Estado vai pagar aos empreiteiros de obras públicas do Norte do País, a dívida acumulada de dois milhões de contos, relativa à construção de escolas, anunciou esta semana, em Lisboa, o secretário-adjunto do ministro da Educação, Alarcão Troni, no final de uma reunião com os representantes da AECOPN, Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Norte.

Daquela verba, 1,5 milhões de contos referem-se ao ano de 1989 e o resto aos primeiros quatro meses do corrente ano. Manuel Seródio, presidente da AECOPN, salientou que não vai permitir que se repita o mesmo que em 1988, em que o Estado devia quatro milhões de contos.

Na mesma reunião, Alarcão Troni assegurou que vai revogar o decreto-lei nº 63/88 de 27 de Fevereiro, o qual aprova o plano especial de construção para o ensino básico e secundário para 1988/89. Neste diploma irá constar a lista das escolas que vão ser adjudicadas e construídas em 1990/91. O Algarve e a região do Grande Porto serão as zonas beneficiadas.

Aquele membro do Governo anunciou também que pretende pedir um reforço de um milhão de contos da dotação orçamental de 1991 inscrita no PIDDAC, Plano de Investimento e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central, cujo objectivo é fazer face a catástrofes naturais e acidentes.

«DL»/Lusa

Semana dos TLP no Técnico

Mostrar a realidade empresarial dos TLP junto dos futuros engenheiros foi a finalidade da «semana» organizada por aquela empresa no Instituto Superior Técnico. Esta iniciativa insere-se no âmbito do protocolo de cooperação firmado entre as duas instituições e na base do qual foram já atribuídas 40 bolsas de estudo a alunos do 4º e 5º anos.



21 JUNHO 90

**ELEIÇÕES SINDICAIS
na Segurança Social
— Distrito Lisboa**

CONVOCATÓRIA

Ao Abrigo dos Artigos 5 e 6 do Regulamento das delegações sectoriais convoca-se a Assembleia Sectorial Eleitoral dos sócios da Secretaria de Estado da

Segurança Social do Distrito de Lisboa

Para o dia 21 de Junho de 1990, entre as 8 e as 18 horas em votação repartida por mesas de voto nos locais de trabalho a indicar oportunamente, procedem à

Eleição do Secretariado Sectorial da Segurança Social

para o TRIÉNIO 90/93

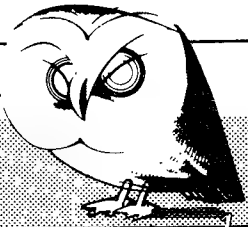
Participam na votação todos os sócios do sector que trabalham no distrito de Lisboa e que estejam no gozo dos seus direitos sindicais.

Lisboa, 11 de Maio de 1990

A Direcção
Vitor Manuel Ferreira Gonçalves
Ana Joaquina Gomes Avoila

sindicato dos trabalhadores da função pública do sul e acores

CULTURA



olhar de mocho

José Agostinho Herman da Silva

Primeiro, a ideia teve o seu quê de macabro: os dois pareciam estar a ir à bruxa, e cada um tinha diante de si a sua própria (bruxa). O humorista Herman não quis fazer espectáculo nem ter gracinha, mas consultar o augúrio e em vez de escolher uma ave para ler o destino no seu voo, preferiu um gato. E o sacerdote romano, augure, Cassandra ou preceptor da Pátria, também evidenciou sinais de fraqueza profética e procurou perscrutar o entrevistador. Não foi bem o gato e o rato mas uma brincadeira de gato com gato - os dois com receio um do outro, a ver quem é que no libérrimo reino da asneira livre, dizia menos asneiras. A primeira parte terminou empatada.

Depois, o macabro acentuou-se: em plena conversa de *nonsens* o Herman resvalou para a metafísica das verdades eternas: Deus o que é? Fé o que é? Qual a melhor Igreja? Abrangência... Chegamos a este ponto a saída professoral só tinha uma porta de emergência - a dúvida metódica, não negar nada, não afirmar coisa nenhuma. Nem Deus nem Darwin. Se calhar, foi tudo acaso, tudo poderia ter sido diferente (essa já tem barbas, mas faz sempre jeito).

Mas na segunda parte o professor conseguiu levar a água ao seu moinho: tentou a *apologia pro vita sua* e conseguiu, mesmo com o Herman nas barbas, finalmente falar dos portugueses do século XIII, do Brasil e dos dinheiros, da anarquia e da utopia. Nesses campos o Herman já não teve pedalada para aguentar o ritmo imposto e insistiu em ler poemas. Tivemos, então, um jogo de espelhos ou uma brincadeira de ecos: citava-se um poema e o entrevistado repetia tudo o que escrevera, sem nada acrescentar ou comentar. É claro que existem por esse mundo fora bons programas de *nonsens*, feitos com talento e sátira em que as brincadeiras se levam a sério e as coisas sérias servem para gozar. É pena que não tenha sido isto o que nos foi servido.

Quando dois cómicos se encontram em público num programa de televisão, um profissional, outro professoral e ambos não conseguem ter gracinha, deixando a sensação de que seria necessário termos um robot à mão para nos fazer cócegas para conseguirmos destilar umas gargalhadas, fica a frustração e o sentido do macabro.

Mas se calhar, com aquela história das criancinhas que não se devem deixar envelhecer, os dois até tiveram razão: é apenas questão de puxar o programa para o tempo do Viriato. Na época histórica do Viriato ou do Vímara Peres que em tempos que já lá vão o almirante Américo Tomás foi ao Porto resuscitar, o programa seria um sucesso. O Viriato e o Sertório que hoje já têm parábola para do Olimpo seguirem os programas da RTP, devem ter ontem à noite organizado uma tremenda bacanal ao verem o José Agostinho Herman da Silva, e exclamado um para o outro: afinal o gajo, a Lusitânia, continua na mesma. É ou não verdade que a criança donde nascemos, não envelheceu?



José Sousa Monteiro

Jovens artistas jugoslavos no Palácio da Ajuda

Os jovens escultores Srdjan Apostolovic, Zdravko Joksimovic, Dobrivoje Krgovic e Dusan Petrovic são os que Biljana Tomic, directora da Galeria do Centro Cultural Estudantil, de Belgrado, considera suficientemente representativos da arte jugoslava dos anos 80 para representarem o país no exterior.

Formados no Centro, onde desenvolvem *work-shops* com a duração de três meses, pertencem a uma geração que ultrapassou o esgotamento das propostas conceptuais e descobriu que, afinal, a fronteira entre a pintura e escultura não existe e só o espaço é determinante e prevalece.

Exposição desamparada - nada se sabe

sobre os seus autores e, à má qualidade das reproduções no catálogo, nem sempre correspondem as peças mostradas - tem o fascínio da descoberta e o silêncio da intimidade que lhe advém do pequeno formato e da coexistência dos materiais: madeira e cobre. Esta exposição de jovens artistas jugoslavos, no Palácio da Ajuda, vive de um diálogo em surdina entre o desenho e a escultura e respectivas autonomias. Se os desenhos não são projectos das esculturas mostradas (são o espectro de expressões que vão desde o desenho linear até às soluções concretas), as esculturas não são as volumetrias encontradas nos desenhos. São o resultado de modelos plásticos puros,

sensíveis ao toque e ao seu enquadramento. Apontamentos de uma arquitectura utópica, nalguns desenhos, à mancha da grafie associa-se a nódoa da madeira. Madeira que é o material eleito desta escultura, trespassada ou acrescentada pelo cobre: reciclada, caixas e gavetas; ou sugerida, pedaços de troncos ocupados por veios de carvão. O do desenho, precisamente.

Só é pena que as dificuldades de transporte tenham condicionado a resposta de Biljana Tomic ao convite da Embaixada da Jugoslávia em Lisboa, para organizar uma exposição durante a visita que o Presidente Janez Drnovsek fez a Portugal. **Jorge Fallorca**

João Regueira participa em *workshop* alemão

João Regueira, apoiado pela Galeria Arcada, do Estoril, vai participar na exposição "European Workshop Ruhrgebiet" que terá lugar no Museu de Recklinghausen, na RFA, entre 4 de Maio e 17 de Junho, e conta com artistas convidados de 26 países europeus.

Num colóquio preparatório, em Março, os artistas tiveram a oportunidade de ver e viver a omnipresença do carvão que marca profundamente aquela região industrial da Alemanha, face à qual - como o exige o desafio da iniciativa, como divulgadora da estética das novas tecnologias - devem conceber os seus projectos. A proposta foi particularmente entusiasmante para João Regueira que, depois da instalação «Memória da Matéria» (dedicada a uma antiga fábrica de gás, na Voz do Operário, em 1987), desenvolve em Portugal projectos de interrelação "de arte e ciência como sistemas culturais diferenciados, que comportam o mesmo princípio d o conhecimento".

Se o aço é o material chave destes projectos, para João Regueira, a sua indústria é a "catedral das indústrias". As maquetas e desenhos que o artista vai expor no Museu Recklinghausen (que, no próximo ano, darão origem a uma instalação numa mina abandonada, subsidiada pelas



firmas da bacia do Ruhr), tentam uma aproximação à ambiência gerada pela actividade das minas e do aço, através dos conceitos "pressão" (geológico/carvão) e

"tensão" (intervenção humana numa violação da terra), visando o lado mítico que desde sempre esteve ligado à formação e extracção do carvão.

TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

**CENAS
DA
VIDA
DE
BENILDE**

Subsídio SEC

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE JOSÉ RÉGIO

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JÚLIO MARTÍN, RUY FURTADO

Em cena de terça a sábado às 21.30
Matinéas aos sábados e domingos às 16.00
Marcações pelos telefones 875626 e 875800

**TEATRO
MUNICIPAL
DE ALMADA**

Estreia dia 17

**FELICIDADE
E ERVA DOCE**
uma comédia de
PETER SHAFER

Cenografia e Figurinos
VASCO ELOY

Encenação
JOAQUIM BENITE com
CECÍLIA GUIMARÃES **TERESA GAFEIRA**
LUZIA PARAMÉS **CARLOS SEBASTIÃO**

Companhia de Teatro de Almada

Apoio: Antena 1 Radio Comercial O Diário

Rua Conde Ferreira Tel. bilheteira: 2752175

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Quarteto de Carlos Martins até sábado no Hot Clube

Ele e os outros

O quarteto de Carlos Martins actua até sábado, inclusive, no Hot Clube. Ontem, primeiro dia desta série de concertos, a sala da Praça da Alegria encontrava-se repleta para assistir a uma noite de jazz que, à partida, se sabia não ser decepcionante. Ou não se conhecesse o trabalho do saxofonista.

Como Portugal é um país pequeno, tem poucos talentos. O que por consequência faz com que, na maior parte dos casos, não encontrem competitividade e rapidamente se acomodem a títulos de ases nas suas respectivas actividades. Muitas vezes, a própria Comunicação Social e a opinião pública, embandeira em arco ao descobri-los, e pelo exagero do elogio é co-responsável pela falta de evolução e de um certo marasmo pouco incentivante em que caem. Os exemplos são vários, e não vem ao caso referi-los.

Carlos (Cainha) Martins é um dos nossos talentos maiores. Foi considerado pelos críticos de jazz mais exigentes, e de várias opções estéticas, como o nosso ás do saxofone. Depois, deixando de ser novidade, mas mantendo a sua competência, foram-se banalizando as opiniões sobre o seu trabalho. Toca bem! Toda a gente o sabe, até ele próprio. Só que resumir o trabalho do músico desta forma não chega.

Dizer que Carlos Martins alia a técnica ao *feeling* também é pouco. O que importa referir, isso sim, é a forma cada vez mais adulta do seu relacionamento com o saxofone, as novas maneiras de explorar os sons possíveis de sacar ao instrumento. Para além das distorções, indo aos extremos dos harmónicos, Carlos Martins atira-se à manipulação das so-



Carlos (Cainha) Martins

noridades percussivas das chaves do instrumento, dando a ouvir a sua respiração. O saxofonista sabe dominar as sensações do público, quando melódica e sentidamente interpreta baladas, comovendo os ouvidos mais empedernidos. Aproveitou "Prelude for a Kiss" de Duke Ellington para cativar o público que tem dificuldade em encontrar beleza em sons menos utilizados. Mas foi uma passagem fugaz. Porque a aposta (ganha) não foi a facilidade, mas a criatividade e o arrojo.

A acompanhar Carlos Martins não terão estado os músicos que transformariam o seu concerto num momento memorável, em termos de execução, imaginação e talento. Nem Pedro Abrunhosa no contrabaixo, nem Tony Pinto na guitarra, ou tão pouco Carlos Martins na bateria, no primeiro set do concerto, conseguiram ultrapassar a competência da mediania. Certinhos, mas óbvios. Para a energia e garra patentes na actuação do saxofonista, era desejável uma resposta menos taciturna e mais brilhante por parte dos restantes músicos. Contudo, através da sua experiência não põem em risco o resultado final. Só que se trata dele, Carlos Martins, e os outros.

Quase ousaria dizer que uma ida ao Hot para ouvir Carlos Martins é coisa obrigatória. Não exagerando direi que se justifica. Esperemos é que não tenham a pouca sorte de ter perto dos vossos ouvidos alguns dos espectadores que nos últimos tempos teimam em frequentar o Hot Clube. Pessoas que cada vez ouvem e deixam ouvir menos, como os vizinhos chatos de cinema que falam durante toda a projecção do filme. Fora com eles.

Maria José Belo Marques

Domingo à noite na RTP 2

Bette Davis, a insubmissa

Ao inaugurar um ciclo consagrado às maiores actrizes de Hollywood, o espaço Cineclube exhibe o filme que fez a lenda de Bette Davis. Realizado por William Wyler, produzido pela Warner Brothers, «Jezebel, a Insubmissa» vale sobretudo pela participação desta actriz; olhar de «bad girl» metida a murro em roupas de menina bem. O resultado é o que se verá no próximo domingo na RTP 2, um Oscar para a Bette e a eternidade rendida aos pés de Miss Jezebel.

A gravar

«Jezebel, a Insubmissa» de William Wyler

Domingo, 13, 20 e 30, RTP 2

Duração: 104 minutos Fotografia: Preto e Branco

Há cenas que valem por toda a história do cinema: num selecto baile de debutantes numa mansão colonial do sul dos Estados Unidos, Jezebel entra em cena de ombros nus, vestido vermelho e com ar de gata que comeu o canário até à última pena. Estávamos em 1938. Em Hollywood todas as estrelas femininas queriam vestir a pele das mais ranhosas ovelhas que se podiam encontrar no seio de boas famílias sulistas, o género de papel que depois ficaria conhecido como a «scarlet-tish Louisiana belle». David O' Selznick não desistia de pôr em celulóide o romance de Margaret Mitchell, «Gone With the Wind». Gable, já se sabia, seria Rhett, mas nenhuma mulher se aproximava do que O' Selznick e a MGM queriam fazer de Scarlett. Até Bette Davis chumbara no exame.

Para a compensar do desaire, a Warner Brothers ergueu esta produção a pensar naquela que era já a sua maior vedeta feminina (Bette conquistara o primeiro Oscar em 1935, com «Mulher Perigosa» de Hitchcock). Wyler dirigiu. Henry Fonda contracenou e Bette Davis, tal como nela foi hábito em cinquenta anos de carreira, deslumbrou com os seus grandes olhos que abalarão o mundo enquanto o cinema for também fascinação.

«Gloria» de John Cassavetes

Hoje, 15 e 30, RTP 1

121 minutos Fotografia: Cor

Mais de um ano volvido sobre a sua morte, John Cassavetes continua a ser uma figura interessante, mas raras vezes reconhecível à primeira fora dos meios cinematográficos propriamente ditos. É uma injustiça. Para além de ter sido um realizador inconformado, um apologeta da independência criativa e senhor de um belo sorriso, Cassavetes foi, importa dizê-lo, um cineasta de recursos. Isso nota-se em «Gloria» de 1989, com Gena Rowlands, então sua mulher, a interpretar o papel de uma comediantes que se vê envolvida nas armadilhas da Mafia, quando pretende auxiliar um jovem perseguido pela «Societá». Como se não bastassem tais perigos, aparecem ainda os do coração, quando entre ambos se estabelecem ambíguos laços afectivos.

Maria João Martins

Penúltimo concerto de Stockhausen ontem na Gulbenkian

«Inori» em estreia

Estreou-se em Portugal «Inori» de Karlheinz Stockhausen no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian ontem ao fim da tarde.

Obra de 1973/74 para três solistas e fita magnética, segue de acordo com o seu título (que em japonês significa prece, súplica, adoração) um ritual de gestos produzidos em sincronia pelos três intérpretes mudos, ao som de música electro-acústica.

O efeito das três figuras silenciares vestidas de verde, branco e azul, descalças, ajoelhadas, sobre um estrado com dois níveis, começa por surpreender-nos pelo seu hieratismo; a pouco e pouco começa a sobrepor-se uma sensação de suspensão temporal que atravessa os espectadores sem os penetrar, como se estivessem a assistir a uma cerimónia religiosa de um culto em que não foram ini-

ciados.

Também na música pondera o estatismo. As frequências ou alturas do som eleitas são mantidas num eterno-presente que dispersa por outros parâmetros (o ritmo em primeiro lugar) o desenvolvimento a que o princípio da verdade obriga; o que exige do ouvinte uma subtilidade de audição e de raciocínio difíceis.

A utilização de sons de instrumentos acústicos sobressai por vezes num mundo tímbrico um tanto neutro, criando alguns vislumbres de percepção mais directa.

Os gestos-de-oração de que fala Stockhausen pretendem ser a correspondência exacta de cada mudança musical, um fundo didáctico com ressonâncias cósmicas que na sua própria linguagem de simplicidade se dilui. O facto de

as três figuras realizarem em simultâneo os mesmos gestos, com o mesmo ritmo, multiplica desnecessariamente uma mensagem unívoca, criando uma expectativa visual que prejudica a audição. O resultado que alastra por uma hora de execução consagra a monotonia como categoria estética.

Já em anteriores crónicas tentei dar ao leitor uma ideia da disparidade detectável nas obras e nos espectáculos de Stockhausen que a Gulbenkian nos tem facultado. Talvez o excesso de concertos e a sequência demasiado densa tenham contribuído para uma certa dificuldade que neste momento encontra para definir tantos extremos e tão opostas realizações. Depois uma certa estupefacção inicial tingida de desapon-tamento fugaz, passando pela adesão entusiástica logo seguida de um doloroso

embate com o cabotinismo no estado puro, chegando por fim à confirmação indementível do génio, não sinto agora a apetência espontânea necessária para uma apre- ciação em profundidade e com isenção. Quem me acompanhou neste último concerto talvez tenha sentido o mesmo. É preciso tempo e distância para julgar.

E porque não quero deixar aqui expressa uma nota de desânimo que é possível que corresponda mais ao meu estado de espírito do que à obra em si, faço um apelo para aqueles que corajosamente têm assistido a todos os concertos de Stockhausen e em particular a quem ainda não assistiu a nenhum, para que amanhã (sábado) à noite se desloquem à Gulbenkian, para ver e ouvir o último desta série epopeica.

Alexandre Delgado

galeria
Restauração

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 18-C
1000 LISBOA Tel. 848 17 13

Exposição de Pintura
de ÁLVARO PERDIGÃO

de 8 de Maio
a 31 de Maio de 1990



CULTURA E ESPECTÁCULOS

A S E M A N A

Gostos e desgostos

Sexta, dia 4

Ele e elas ou Cavaco e as misses. Não é um musical, são dois «shows» na TV, elas em directo, ele em diferido, todos a querer convencer. Carla, com o que Deus lhe deu, ganhou; Cavaco, com o mapa eleitoral que nos quer dar, se calhar perdeu... mas nunca fiando. E à parte isto? A parte isto, tudo bem. Ou tudo mal, quanto à protecção dos artistas. Há dez anos, a Unesco, que sim, que deviam ser protegidos; hoje, em Lisboa, que não, que não o são tanto como isso.

Pessoa, esse é, agora que já está morto. Hoje, no «Le Monde», são dois terços de página para o seu «Fausto». Inacabado e tudo, é a «figura paradoxal de um herói negativo, de um herói do nosso século».

Sábado, dia 5

Mais «show», mais TV, é o europeu das cantigas, sempre pior que o anterior, sempre melhor que o que há-de vir. Balanço desta vez: ca Nucha mailo «Há sempre alguém», ficámos em antepenúltimo.

Com Soares ficamos sempre em primeiro. Hoje foi um rodopio, de Tróia para Salamanca, entre Castilho (Grande Prémio APE) e Camilo (evocação / homenagem). Só não deu foi para ir ao Funchal estar com os escritores do Pen, que a Madeira é outro estilo... um Jardim.

O resto é o de cá para lá das músicas, mais o outro Verlaine. Cá são os Xutos a começarem um «on the road» em Barcelos. Lá é Liverpool, numa de nostalgia pelo Lennon. Quanto ao outro Verlaine (Tom), cantou e deu barraca, num Alvalade em vésperas de ser demolido.

Domingo, dia 6

É Dia da Mãe, é o Dia do Selo (inventado em Inglaterra faz hoje 150 anos) e «Há Festa na Mouraria/é dia de procissão/da Senhora da Saúde/jaté a Rosa Maria/da Rua do Capelão/parece que tem virtude». Sampaio, na procissão, foi a novidade, que o resto, mais povo menos povo, foi como diz o fado, a Rosa Maria chama-se agora Sónia Andreia, mas cumpriu quanto à virtude.

Segunda, dia 7

Um dia para todos os gostos... e para desgostos também. Assim: «Os Maias» estão a ser traduzidos em hindú, o Museu da Água recebe prémio do Conselho da Europa, o Acarte faz seis anos e institui prémio Madalena Perdigão, há pompas fúnebres pela fotógrafa Lotte Jacobi, morre Eliseth Cardoso, Maria João Pires fractura um tornozelo e cancela doze concertos e o insucesso escolar leva jovens para... a alfabetização de adultos. Não há azar: vem aí o Eurolo! Tarde de mais, porém, para o José Lopes e o Nuno Estevão. Ambos com 18 anos, começaram hoje nas obras. Não chegam a acabar o dia. Ficaram soterrados em Chelas por um aluimento de terras. Não morreram, mataram-nos. O inquérito (do costume) segue dentro de momentos... para arquivar.

Terça, dia 8

A Segunda Guerra Mundial acabou há 45 anos - diz-se, mas dir-se-ia que não, a avaliar pela profanação nazi do túmulo de Brecht e pelo anti-semitismo crescente da Alemanha unida jamais será vencida.

Na Noruega, numa conferência quase mundial pelo Ambiente, o «slogan» é outro: os países ricos que paguem a limpeza do planeta. Se for como aquela de os ricos que paguem a crise, é fatal como o destino: quem se lixa com o lixo da Terra vão ser os pobres. Rafael de Oliveira, o homem do Teatro Desmontável, nasceu há 100 anos; na Gulbenkian Stockhausen prossegue, mas a atenção vai para Coimbra com a festança dos estudantes que queimam as fitas e poupam a imaginação. No Porto, idem, mas Soares anda por lá, numa cultural e afins, o pintor Júlio Resende vai ser o padrinho de mais um doutoramento *honoris causa* do Presidente e está a ultimar-lhe um retrato em que o pinta «da direita para a esquerda».

Da esquerda para a direita vão os salários reais: este ano, para não variar, vão descer. Conclusão do Conselho Nacional do Plano: mesmo assim, a economia portuguesa está a portar-se bem!

Quarta, dia 9

Morre em Veneza, com 66 anos, o compositor Luigi Nono e é o luto deste dia. No resto é sempre a aviar: no Porto há marionetas e Rui Veloso, em Colares inicia-se o Festival de Música de Sintra e em Lisboa há «jazz» pela Compagnie Lubat, sem esquecer Stockhausen mais uma vez.

Mais uma vez, mais um Dia. Hoje, o Dia da Europa e Sampaio, na Câmara, disse que Lisboa estava identificada com os princípios da CEE. Se está, tanto pior para ambas. É que Sampaio à parte, o Dia da Europa traduzido em alfacinha limitou-se a não sei o quê... no Shopping das Amoreiras.

Quinta, dia 10

«E desde tudo o que a Musa antiga canta/Que outro valor mais alto se alevanta»... Manoel de Oliveira. Hoje inaugura-se o Festival de Cannes e ele lá está para, daqui a quatro dias, fazer a estreia mundial de «Non ou aVá Glória de Mandar», o seu último filme. Aos 82 anos, o Manel está como novo: melhor que nunca!

Rodrigues da Silva

O Porto em quatro tempos-IV

Ângelo de Sousa:

«Sou uma linha recta...»

«Salvo raras excepções, as pessoas que frequentam as galerias, embora quase sempre as mesmas, dialogam em grupinhos. Já não há o convívio que outrora havia...»

Ângelo de Sousa, artista plástico que ninguém desconhece, professor na Escola Superior de Belas Artes do Porto, mostrou-se muito reticente sobre a vida cultural portuense.

- A minha vida - disse-nos - é quase uma linha recta. Uma linha recta entre a Foz, onde resido, e as Belas Artes, onde sou professor... Como vê, pouco tenho a dizer-lhe sobre a vida cultural cá do burgo.

- Mas...
- Sabe uma coisa...? É claro que leio, é claro que pinto, é claro que estou a par de certas actividades. O meu Porto, porém, foi um Porto que já passou. Foi o Porto dos anos 50, anos 60... Foi o Porto do Teatro Experimental do António Pedro, da Cooperativa Árvore (onde a malta via pintura, é verdade, mas onde também discutia certos problemas...), do Cineclube, ali no antigo Águia d'Ouro, vendo filmes que os tempos não deixavam passar. Foi um tempo que passou, mas um tempo em que tínhamos dentro de nós, sei lá como dizer?, um certo entusiasmo, um sabermos estar uns com os outros. Conhecíamos o perfil de cada um, a maneira de vestir, talvez muito a Porto, e também os livros que todos nós líamos e trocávamos entre nós... Um Porto que ficou para sempre dentro de mim.

- Hoje, no entanto, as pessoas ainda se encontram. Ou não será assim...?

- Sim. Até há mais galerias de arte do que havia antes. Mas, salvo raras excepções, as pessoas que as frequentam, embora quase sempre as mesmas, dialogam em grupinhos. Não há, não, o convívio que outrora havia. Ainda lhe digo mais: todos se conhecem e ninguém se conhece. Não é um paradoxo...?
- Talvez uma questão de não se saber conviver. Talvez sejam muitas as solicitações...
- Ora!

Um sentimento passado

Atalhámos:
- Talvez a sua posição seja uma posição puramente existencial. Se formos mais frios, e tendo o Porto como mais evoluído actualmente, não podemos deixar de desconhecer que, por exemplo, a Casa de Serralves, já desempenha um papel que...

Ângelo de Sousa, que havia interrompido uma aula de Gravura numa das galerias

da Escola Superior de Belas Artes, travou as nossas palavras com um gesto:

- Serralves, sim! Mas Serralves é uma hipótese a longo prazo... Um local positivo, no entanto. Mas repare: não basta só a imaginação, é também preciso dinheiro.

- E a Galeria Nazonni...?

- Há cinco anos que está a actuar de forma positiva. É, sem dúvida, um espaço frequentado. Mas convém não esqueçamos, apesar das palavras que disse atrás, que a Cooperativa Árvore é a única instituição que tem estado a funcionar, embora com altos e baixos, há um quarto de século. Sou um tanto suspeito: fui fundador da Árvore, sócio número 2... Todos os artistas do Porto passaram por lá, nesses tempos que já lá vão, e sempre, sempre com ânimo. Animação - é o termo. Animação por se tratar (passe a imagem) de um filme realista, sem efeitos especiais, mas com aquele tom mágico que os filmes do Cineclube deixava em nós.

- Já agora - dissemos -, um cineasta havia no Porto que...

- O Manoel de Oliveira...? Certamente o vou chocar, não a ele, mas a si. Para mim, há só, praticamente, um Manoel de Oliveira: o dos filmes «Aniki-Bóbó» e «Douro, faina fluvial». Os outros filmes, premiados e re-premiados, não são cinema para mim. Bem, talvez eu não seja um entendido... Mas sabe do que tenho verdadeira saudade...? Vai rir-se...



Ângelo de Sousa

- Diga...

- Do Salão Silva Porto! Que já não existe... Expunha lá, por assim dizer, toda a gente. Havia bom e havia mau... Mas era um encanto entrar lá! Foi lá alguma vez...? Ainda bem... Então vai compreender-me... Uma pessoa entrava, aquilo quase sempre deserto, o chão atapetado, luzes difusas, um certo aroma a pó antigo... Os quadros, emoldurados, nas paredes - e um vago porteiro, ou porteira, a tomar conta... Uma pessoa andava por ali, os olhos em flores, em paisagens muito clássicas, em retratos quase como fotografias - e, chiqua!, uma pessoa sentia-se mesmo bem! Eu penso que era pelo silêncio, por aquele ambiente muito «démodé», pelo espaço isento de encontrões... Enfim - um sentimento passado.

Em casa, à noite...

- Expõe no Porto, em Lisboa...?

- Eu já faço «trottoir» há 31 anos - e, portanto, não estou disposto a ser metido num salão à espera de fregueses. Sou capaz de tomar conta de

mim... Há quem me procure, ou melhor, há quem procure os meus trabalhos. Que são expostos ora no Porto, ora em Lisboa... Como disse, sou uma linha recta entre a Foz e as Belas Artes. Em casa (casa pequena, logo quadros pequenos), trabalho, de preferência, à noite. E assim me vou realizando...

- Essa linha recta nunca se quebra...?

- Certamente que sim. Vou, por vezes, até um concerto. Demoro-me nas livrarias, nesta ou naquela galeria... Embora me isole, a verdade é que também participo. Mas, caro amigo, o Porto de antigamente! Olhe...

Não continuou. Uma aluna, à porta da sala, fazia-lhe um sinal, uma gravura (assim nos pareceu) na mão.

- Bem - disse-nos Ângelo de Sousa -, quer-me parecer que interrompi a aula há já muito tempo. Não, não tem mal... Pois passeie pelo Porto, que eu não tarda que me vá até à Foz. Ou quer jantar comigo...? Não...? Então, até qualquer dia!

Pedro Alvim

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

18.º ANO

PRAÇA DE ESPANHA - RESERVAS TEL. 726 08 18

NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO*

SEXTA-FEIRA
11 de MAIO
23,30 h

RECITAL UNICO

SIMONE

FESTIVAL DA OTITE!

SABADOS AS 24 h

APOIO SAMSUNG

Crítica de teatro

Cenas eventualmente chocantes

CENAS DA VIDA DE BENILDE, segundo *Benilde ou a Virgem Mãe*, de José Régio, incluindo *Judas* de António Patrício. *Dramaturgia/Encenação*: Jorge Listopad. *Assistência*: Helena Simões. *Espaço Cénico/Figurinos*: Jorge Listopad e José Espada. *Luz*: Eduardo Cruz. *Produção*: Vanda Leitão. *Interpretação*: Alexandra Lencastre, Alexandre de Sousa, Antonino Solmer, Elisa Lisboa, Isabel de Castro, José Figueiredo e Ruy Furtado. *Teatro Hoje*. Teatro da Graça. Estreia: 3-05-1990 (4-05-99).

Falhar faz parte da condição do artista. É esse um critério de julgamento que nos parece merecer algum consenso.

O novo espectáculo do Teatro hoje, da responsabilidade de Jorge Listopad, é um espectáculo falhado. Nem todas as criações de Jorge Listopad me pareceram tão fortes quanto prometiam mas esta falha especialmente como projecto, embora também falhe como realização.

Como projecto porque

Listopad transformou uma peça com indiscutíveis, a meu ver, virtualidades dramáticas, o que até um ateu é capaz de reconhecer, numa obra demasiado fragilizada que não consegue aguentar-se como forma dramática e teatral. Por um lado, aquilo que Jorge Listopad, como dramaturgista, retirou da peça de Régio (cenas, a personagem do Pai), ao fim e ao cabo, a sua estrutura de obra teatral, revela-se indispensável, e por outro, aquilo que lhe acrescentou (leitura de didascálias, monólogo *Judeu* de António Patrício) surge sem razão de ser, sem operacionalidade. Ao querer evacuar o que no texto de Régio pertence ao domínio do realismo ou até do naturalismo a história de uma família burguesa da província e o choque que nela provoca a revelação de uma paternidade divina, dilui-se de tal modo que o espectáculo perde um dos seus principais factores dramáticos.

Não nos esqueçamos que, apesar do título, Régio admite uma intervenção hu-



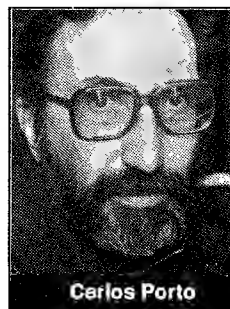
Antonino Solmer e Alexandra Lencastre em «Cenas da vida de Benilde»

mana na causa da gravidez de Benilde (o louco que ronda a casa), ambiguidade que enriquece o xadrez dramático da obra e aqui aparece bastante menoriada. Os conflitos latentes entre a situação nuclear de Benilde e as relações que se estabelecem entre essa situação e a credulidade e incredulidade dos outros

(empobrecidos pelo escamoteamento da personagem do Pai), não chegam a viabilizar-se. Por incompreensão da família do poeta, Jorge Listopad não pôde inscrever o monólogo de António Patrício *Judas* entre o texto de Régio, como imagem do sonho de Benilde o que resultou numa situação algo caricata: o

espectáculo acaba por surgir dividido em duas partes, a segunda das quais, muito breve, é constituída pelo monólogo de António Patrício. De resto, a inclusão deste monólogo parece-me altamente discutível. Por que haveria Benilde de sonhar com o traidor Judas, mesmo que este se apresente no texto de Patrício como que reabilitado? Benilde não se sente de maneira nenhuma culpada, pelo contrário. A não ser que no seu subconsciente pare a ideia de que ela traiu Deus, acopulando, aliás em toda a inocência, com o louco. Terá sido essa a ideia? Seja ela qual for, a meu ver, a peça de Régio justificava um espectáculo que respeitasse a sua estrutura, que me parece mais adequada a uma leitura convencional, o que não significa, desvaliosa, desinteressante, como se calcula, do que a uma leitura de vanguarda seródia, como é o caso das vozes «off»,

que aliás Jorge Listopad costuma ultrapassar. Isto em especial nos espectáculos com jovens actores em que tem conseguido formas de entendimento e até de multiplicação dos textos geralmente muito produtivos. Obrigados a interpretações quase brancas, deambulando por um espaço pouco significativo no qual nem todos os espectadores conseguem ver, espectadores que têm dificuldade em penetrar naquele ritual mortuário, os actores pouco podem fazer. Felizmente, Alexandra Lencastre (Benilde) e Antonino Solmer (Eduardo), e em especial este, conseguem ultrapassar esse estatuto de neutralidade: sente-se neles aquela vibração, aquela intensidade que as personagens exigem. Embora o texto de Régio exija tensões que neste caso se perderam algures, na ausência de paixões, da Paixão, que a leitura de Jorge Listopad impõe.



Carlos Porto

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS E.P.

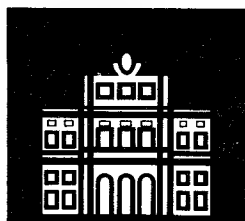
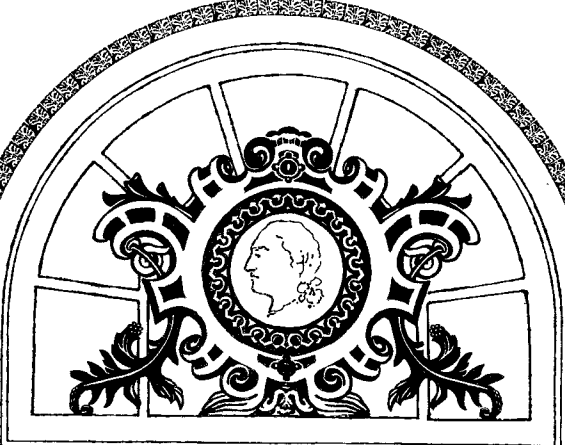
AVISO AO PÚBLICO

CONCERTO DE

CECILIA GASDIA

O Conselho de Administração do Teatro Nacional de São Carlos lamenta informar que, por doença do soprano CECILIA GASDIA, não se realizará o concerto previsto para as 21H30 do dia 13 de Maio na Aula Magna da Universidade de Lisboa.

A partir desta data será devolvida a importância dos bilhetes já vendidos, na bilheteira do Teatro São Carlos.

SALÃO NOBRE
do
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

perspectivas da Música de Câmara

Concertos Vocais
(às 18H30 e às 21H30)

Concertos Instrumentais
(Manhãs de Sábado, às 12H30)

MAIO

Participações de: Manuela Castani, João Paulo Santos, Jorge Vaz de Carvalho, Olga Prats, Irene Lima, Ricardo Lopes, Anthony Pringsheim, Helena Vieira, Trio de Lisboa

Consulte a programação na bilheteira do TNSC ou peça informações através do tel.: 346 59 14

Apoio da Fundação de Mecenato Cultural do TNSC

CONVOCATÓRIA

SOCIÉDADE COOPERATIVA DOS CATRAEIROS DO PORTO DE LISBOA

Ao abrigo do N.º 1 do Artigo 34.º dos nossos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Extraordinária da Sociedade Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa CRL, para as 18.00H. do dia 24 de Maio de 1990, na sede social, Avenida 24 de Julho, N.º 98-1.º Esq., com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto Único — Alteração dos Estatutos.

Se à hora indicada não houver quorum, será a mesma iniciada uma hora depois com quaisquer número de cooperantes.

Lisboa, 09 de Maio de 1990

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Domingos Antunes Viegas

CONFECÇÕES STAHL

CONFECÇÕES EM CABEDAL E ANTÍLOPE

CONFECCIONAMOS E ARRANJAMOS

AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.º
TELEFONE 77 11 58

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Maria Aliete Galhoz é autora de um dos mais extraordinários livros jamais publicados sobre Mário de Sá-Carneiro (coleção Vida-Pensamento-Obra, Editorial Presença, 1963). Ontem, na Sociedade de Língua Portuguesa, narrou o "itinerário humano" do poeta. A comunicação inseriu-se no curso livre que ali decorre, celebrando o centenário

Mário de Sá-Carneiro, o transgressor

No final da sua aula sobre a biografia de Mário de Sá-Carneiro, Maria Aliete Galhoz considerou o poeta "transgressor na sua escrita, transgressor das regras sociais e mesmo no oráculo dos deuses". Esta análise culminava um itinerário descrito, a partir do nascimento lisboeta do escritor, através da sua adolescência também literária e da sua curta mas fulgurante obra.

"Ele não poderia continuar a trajetória exarcebada que tinha lançado em 'Príncipe' e que durara até 'Céu em Fogo', através dos últimos anos de vida" - opinou Maria Aliete Galhoz, narrando a queda do poeta como "queda de Ícaro", através da tendência para o abismo já manifestada nas primeiras obras.

Maria Aliete Galhoz foi uma das primeiras divulgadoras da obra de Mário de Sá-Carneiro, encontrando-se o seu livro sobre o poeta-novelist (Presença, 1963) de há muito esgotado. A autora não considera uma reedição próxima, afirmando ter "muitas alterações a fazer-lhe". Recusou mesmo uma segunda edição, na extinta editora Arcádia, mais de dez anos depois. Nesse livro, escrevera ela, por exemplo, estas perturbadoras palavras (já em 1963):

"Mário de Sá-Carneiro volveu-se todo uma vitória e um calvário. Pródigo de explicações de si que o 'transmigrassem' em matéria para a sua arte, o seu profundo e iluminado orgulho o resgatou da anedota egotista. A realização narcisíaca



Maria Aliete Galhoz

de si mesmo, a substância mítica do 'mais' e do 'além' que o enamoravam, foram-lhe um céu inferno irresolúvel, e dessa inconformidade gémea, de que era o ponto ligado e vital, fez, a sangue e raiva humaníssimos, o 'oiro' da sua alma entrevista e fantástica."

Interrogada pelo "DL" sobre a legitimidade das revelações íntimas que qualquer abordagem biográfica (como a comunicação de ontem) pode levantar, Maria Aliete Galhoz disse considerar oportuna a edição de quaisquer textos literários "de infância ou adolescência, pesem embora os erros ou a falta de qualidade". Defendeu, contudo, uma publicação com preocupações filológicas e preservação da obra posterior. Após leitura do poema "A Quinta da Victoria", escrito por Mário de Sá-Carneiro aos

13 anos, acrescentou mesmo: "Para a idade, não pode considerar-se um mau poema - tem sentido rítmico e constitui mesmo um esboço de monólogo teatral, como se fosse dirigido a uma plateia".

O Curso Livre de Literatura Portuguesa pelo Centenário de Mário de Sá-Carneiro continua até ao fim do mês, na Sociedade de Língua Portuguesa. De destacar, as próximas comunicações (dias 14 e 17, às 15 horas) de Fernando Cabral Martins, sobre "A Obra Poética". Nos dias 21 e 24, "A Obra Narrativa" será tema para Clara Crabé Rocha. A 28, falará Luiz Francisco Rebello sobre "A Obra Dramática"; terminando o ciclo de seminários com uma análise da epistolografia por André Cabré Rocha.

M.T.D.

B R E V E S

«O Conquistador» novo romance de Almeida Faria

Almeida Faria, que em 1962, apenas 19 anos, se destacou como romancista com «Rumor Branco», apresentou hoje num hotel do Funchal, numa edição da Caminho, «O Conquistador». Almeida Faria, autor da tetralogia «Lusitânia» («Paixão», «Lusitânia», «Cortes» e «Cavaleiro Andante»), encontra-se traduzido em diversas línguas.

Pintura em porcelana

Decorre hoje, dia 10, até domingo próximo, no palácio Foz, a II Convenção Internacional de Pintura em Porcelana. Estarão representados duzentos expositores (pintores de porcelana), entre os quais se contam artistas de 22 países estrangeiros.

Variedades: um teatro novo

Helder Freire Costa e Vasco Morgado estão já lançados no cumprimento de uma aposta:

fazer do velho Teatro Variedades um teatro novo. Efectivamente, dentro de poucos dias, o Variedades vai para obras. Entretanto, ocorrerá naquela sala de espectáculos audições para novos que queiram participar num grande espectáculo musicado. Abertas, na verdade, inscrições para candidatos a artistas (actores, bailarinos, cantores, músicos, circenses) com vista, como se disse, a um novo musical a produzir brevemente.

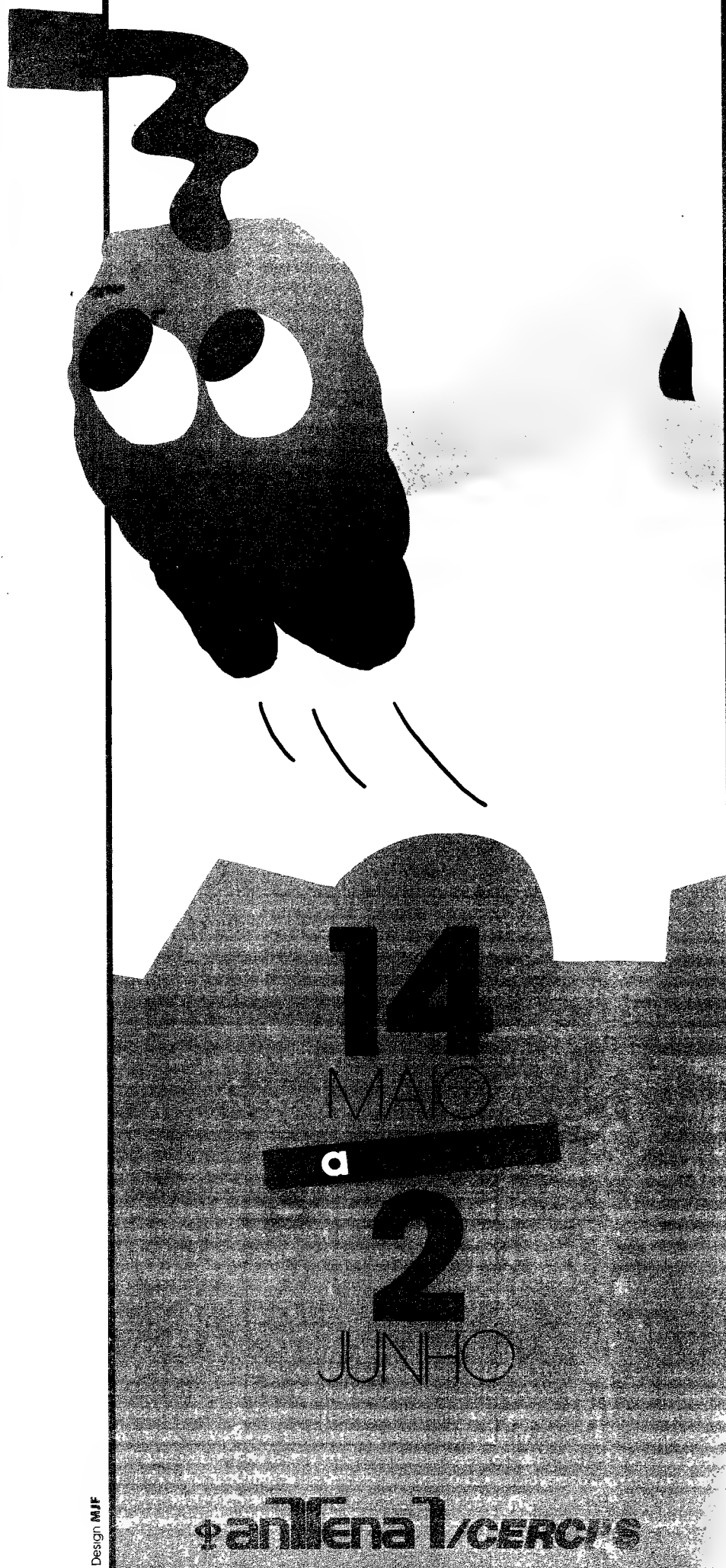
«O Baile»

A peça «O Baile», do Grupo de Teatro A Barraca, é reposta no dia 15 no Cinearte, a nova sala daquele agrupamento cénico. «O Baile», escrito por Helder Costa, baseia-se no filme homónimo do italiano Ettore Scola e relata os acontecimentos mais mercantes do século XX em Portugal.

Rui Veloso: novo álbum

Rui Veloso iniciou outra vez no Porto a sua digressão pelo país para estreitar o seu novo álbum «Mingos e os Samurais», com edição prevista para finais de Junho.

PIRILAMPO MÁGICO



Design MJF

DESPORTO

Futebol: Federação castiga

As punições mais relevantes aplicadas pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol na sua reunião de ontem, foram: a interdição do estádio do Espinho e os três jogos de castigo com que foi «contemplado» o futebolista Jaime Pacheco.

A interdição do recinto do Sporting de Espinho foi consequência dos incidentes provocados pelos seus adeptos quando da deslocação a Leiria.

O Conselho de Disciplina da FPF interditou, preventivamente, os recintos do Paredes e do Valadares na sequência de distúrbios provocados por público afecto àqueles clubes.

Relativamente a jogadores, Jaime Pacheco irá repousar mais uns dias já que foi penalizado com três jogos de castigo. Outras penalizações: com dois jogos foram punidos os seguintes futebolistas: Secretário (Penafiel), Aurélio (Portimonense), Venâncio e Douglas (Sporting), Marcos António (Boavista) e Andrade (Marítimo); com um jogo: Artur (Penafiel), Vicente (Chaves), Casimiro (União) e Edu (Nacional).

Quanto a dirigentes, o sadiño Rui Salas foi suspenso por 10 dias.

Vuelta: Cassio foi 2.º

O brasileiro Cassio Freitas da equipa da Sicasal foi o 2.º classificado na etapa de ontem da Volta a Espanha ganha pelo espanhol Federico Echave. O italiano Marco Giovannetti, continua a liderar a classificação geral e Serafim Vieira é o português melhor posicionado, ocupando a 83.ª posição e estando a mais de uma hora do comandante do pelotão. Vejamos como estão escalonados os ciclistas portugueses: 1.º Marco Giovannetti (Ita), 73.48.16 horas; 83.º Serafim Vieira, a 1.03.06 horas; 97.º Cassio Freitas, a 1.20.32; 104.º António Pinto, a 1.24.48; 106.º Jorge Silva, a 1.28.14; 113.º José Poeira, a 1.34.59.

Empate a um golo na Amadora

Guimarães leva o tribunal para casa

Terminara o jogo, cruzeiros na boca entre os amadores, alegria bem condimentada nas gentes que, em 16 autocarros, abalavam novamente para Guimarães. Pela bancada, ficavam muitos rectângulos de papel «Jaime Salvado a presidente do Estrela!»: e o sócio António Manuel Vieira Nunes desunhava-se em palavras de apoio, mesmo à porta do bingo, que começava a encher pelas costuras.

O dr. Sombreiro deixava para longe o trabalho no Instituto de Medicina Legal e, ao lado do benfiquista Álvaro, falava com mais gente do futebol: pastinhos de camarão, rissoizitos e croquetes, conversas entre Pinto da Costa e Ribeiro de Magalhães, mais os irmãos António e Quim Oliveira. Pimenta Machado e Gaspar Ramos certamente tratando do próximo futuro de Neno e Ademir. E talvez não só, porque também o nome de um zairense andava na baila. Não, não se comentava a bela exibição de Basaúla, que quase partiu em estilhaços o último reduto vimaranense: esse (e mais Ricky) fazia Manuel Fernandes questão de garantir, para o microfone de Gustavo Rosa (Rádio Nova Antena) que desejava «a todo o transe» nesse «estrelinha» de que vai tomar posse na 2.ª feira.

O estranho imbróglio que está envolvendo Norton de Matos e a passagem do jovem alcantarense Camberra, da Tapadinha para as Antas, viajava em várias conversas: que (aqui para nós) traziam ao baile o empresário Luciano d'Onofrio, o «expert» italiano que certo dia afirmou ir dar conferência de Imprensa para calcar o belga Cadorin e as «suas falsas palavras sobre uma eventual tentativa de aliciamento», reunião que nunca chegou à ribalta. Ilubava-se Norton de Matos: mas alguns companheiros de profissão preferiram o mutismo a qualquer manifestação de solidariedade.

E vinham notícias: de fazer



Francisco Paraiso

Bobó: corte com toda a autoridade

rir a bandeiras despregadas:

— Vocês ouviram o Ribeiro Cristóvão, na Rádio Renascença? Pois disse isso mesmo: que o Manuel Nogueira já está designado para dirigir a final da Taça de Portugal! Um espanto! Um tipo que nunca foi «internacional» e não vale dois patacos furados...

Os dirigentes amadores estavam a puxar para a festa: «o Padrão já cá canta! Contrato por dois anos...» De longe vinham informações: «há malta em brasa, lá por Barcelos, ninguém aguenta o Gil Vicente: dizem os barcelenses que está tudo feio para a 1.ª divisão ser alargada e entrar de rompante o Fanalhão!»

A um canto do salão, ria-se quase à gargalhada:

— Realmente, acontece tudo a esta Federação de Futebol! Vejamos só esta: marcaram a final da «Taça de Portugal» para 27 de Maio e a última jornada

do campeonato da 2.ª divisão é na véspera. Vê-se logo que, os inteligentes da Praça da Alegria nunca pensaram que uma equipa do 2.º escalão, chegasse ao Jamor!

Chegavam amadores que tinham preferido o espectáculo do Restelo. E abriam o leque:

— O presidente do Belenenses (Mário Rosa Freire) estava branco como a cal da parede. Contou-nos que passou a noite inteira sem poder dormir, com uma terrível insónia. Foi, de madrugada, para o seu escritório, sempre tomado de mau premonição. Os colaboradores queriam que ele fosse descansar um bocadinho: preferiu arrancar logo para o Restelo. E, meia hora antes do jogo, foi à cabina e disse aos jogadores que, «embora o jogo seja com um adversário da 2.ª divisão, o prémio individual para vocês é de 300 contos». Afinal, ele tinha razão nos seus pensamentos: e a isca não valeu de nada...

Quanto ao jogo

Pois foi, tudo isto aconteceu nos bastidores da Amadora, quando se corriam os taipaís. Claro que também se falava do jogo com os vimaranenses: «Neno teve a sorte por si, o Basaúla esteve fabuloso mas isso não chegou, toda a gen-

te gostou do Bobó e do Paulo Bento, o Roldão e o João Batista são do melhorzinho que temos por esta área, boa jogada do Alves ao apostar no Paulo Bento e no Paulo Jorge, viram como se mexe o Soeiro e como entra bem o N'Dinga?» E outras lembranças da esgrima: «o Ricky e o Baroti deviam ter começado logo lado-a-lado, até porque o Rebelo foi um desastre. O Bastião tem muita força, o Duílio é um senhor mas com mais este cartão amarelo já se tramou. Achas que o Neno não volta imediatamente para o Benfica? E o Barney mais o Caetano, que nos vão fazer tanta falta...»

Ninguém comentava o trabalho arbitral: Bento Marques e os parceiros (António Manuel e António Figo) satiam entre o respeito geral. Ninguém discutia o escusado penalty de Rui Neves. Ninguém deixava de concordar que o espectáculo fora bonito, que as duas claques tinham estado muito correctamente, que a meninada da Amadora animara belamente o conclave. Ninguém se considerava vencido: futebol sem mácula espalhara-se por duas regaladas horinhas de sol e festa. Para a volta, lá em Guimarães, logo se vê.

Neves de Sousa



João Alves: sofrer até à última pinguinha

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 19/90 DE 13 DE MAIO DE 1990

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. Guimarães - Porto	17	30	16	3	6	3
2. Amadora - Benfica	6	28	29	1	5	6
3. Belenenses - Sporting	28	28	7	5	5	2
4. Nacional - Chaves	39	20	4	7	4	1
5. Beira Mar - Penafiel	43	19	1	8	3	1
6. Setúbal - Portimon.	49	14	0	9	3	1
7. União - Marítimo	23	31	9	4	6	2
8. Boavista - Braga	54	8	1	10	1	1
9. Tirsense - Feirense	53	7	3	10	1	1
10. Maia - Famalicão	26	25	12	5	5	2
11. Rio Ave - P. Ferreira	42	20	1	8	3	1
12. Caldas - Leiria	6	16	41	1	3	8
13. Moscardide - Farense	7	18	38	1	4	7

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
X21ouX 111 X11 1122

Duas horas para um nulo

Jogo no Estádio José Gomes, erradamente ainda considerado Estádio Estrela da Amadora, no boletim informativo distribuído à Comunicação Social. Arbitragem de Bento Marques (Portalegre). As turmas:

ESTRELA: Melo; Rui Neves, Duílio, Barny e Caetano; Rebelo (Baroti aos 25 minutos), Basaúla, Bobó, Paulo Bento e Paulo Jorge; Ricky.

VITÓRIA DE GUIMARÃES: Neno; Cerqueira (Basélio, 72m), Germano, William e Jorge; N'Dinga (Carvalho, 117), João Baptista, Soeiro e Roldão; Chiquinho e Silvinho.

Golos: João Baptista (grande penalidade aos 16m) e Ricky (43). Cartão amarelo para Duílio, Barny, Germano e João Baptista. Jogo com prolongamento: 120 minutos.

DESPORTO

Belenenses, 1-Farense, 2 (Após prolongamento)

Pesada herança para o major que vier



Gonçalves tenta escapar-se a Carlos Pereira

Em vésperas da eleição dos novos dirigentes, não poderia ocorrer nada de mais preocupante para as duas listas em confronto, do que o afastamento do clube da corrida para a final da Taça de Portugal.

Naturalmente que Rosa Freire e os seus parceiros do executivo que cessarão funções no próximo dia 31, bem gostariam de deixar melhor herança, mas na verdade os jogadores que o «xerife» ontem apresentou perante o sensacional Farense, tudo fizeram para contrariar os desejos dos dirigentes e os anseios dos milhares de prosélitos do clube de Acácio Rosa e dos maiores-candidatos (Baptista da Silva e Ferreira de Matos).

O Farense demonstrou, uma vez mais, a razão porque desde o começo do campeonato da divisão secundária se demarcou da concorrência numa corrida vertiginosa para o seu devido lugar. Colocando os jogadores numa marcação «em cima», nunca os belenenses tiveram tempo nem espaço para se livrarem da teia excelentemente montada por Paco Fortes e magnificamente interpretada por todos os artistas. Foram os azuis que abriram o activo através da conversão de uma grande penalidade assinalada por Miranda de Sousa a punir uma pretensa falta sobre Gonçalves, mas o técnico da turma algarvia não se intimidou nem procedeu a qualquer alteração à planificação até aí interpretada pelos seus comandados. De resto, Paco Fortes evidenciava encontrar-

se perfeitamente identificado com a capacidade e as insuficiências do seu opositor e, ao ordenar a «prisão» dos laterais Galo e Zé Mário, estava liquidada qualquer veleidade ofensiva da equipa de Belém, que de resto não encontrou soluções para opor à estratégia contrária.

Regressando ao lance que originou o solitário golo do clube do Restelo, ficámos com dúvidas quanto ao acerto da decisão do excelente árbitro do Porto. Quanto a nós, o futebolista Gonçalves (nitidamente em fase decrescente de forma) «armadilhou» a jogada e Miranda de Sousa foi traído. Uma decisão nominalmente tomada quando o beneficiado é o clube visitado. Quanto a nós, o árbitro errou e terá sido o único lapso cometido ao longo dos 120 minutos de jogo. Miranda de Sousa é, inquestionavelmente, um dos árbitros que já justificou que lhe sejam colocados galões de internacional, do mesmo modo que Jorge Coroado, Sepa Santos, António Marçal, Bento Marques e José Pratas enfileiram na mesma ala.

Voltando ao jogo de triste memória para as gentes afectas ao grande clube do Restelo e de grata recordação para todos os algarvios, diremos que o triunfo do Farense se ficou a dever a uma superior dinâmica, uma estratégia rigorosamente montada e aplicada, forte vigor físico-atlético e psicológico dos seus jogadores e muita inteligência do seu treinador. Com os defesas laterais

superiormente «algemados» e por isso impossibilitados dos habituais «raids», e com os «armadores» de jogo a actuar sem disciplina táctica e com o olhar fixo na relva com corridas desordenadas e entregas fora de tempo e para o espaço menos recomendável e com os avanços sem centelha de inspiração, que esperava o «xerife» Moisés Andrade?

Na verdade, tudo foi desfeito por parte do Belenenses e tudo se situou na perfeição por banda do Farense. Daí a justiça do triunfo e o mérito de estar presente na grande festa do futebol a realizar no «salão de honra» do Jamor. Não é caso inédito a presença na final de uma equipa da Segunda Divisão, mas é, sem dúvida, um acontecimento relevante. Por isso se saudá.

Quanto ao Belenenses, resta-lhe tentar amealhar pontos nos confrontos que lhe restam no campeonato, ainda que os opositores sejam de alta valia. Na verdade, receber

o Sporting e visitar o Benfica, não é programa que permita muita esperança em pontuar o bastante para avançar para a Europa, mas também se nos afigura ser difícil que os futebolistas do clube da Cruz de Cristo repitam o péssimo comportamento tido, ontem, no seu palco.

Um reparo: quando os azuis venciam, os meninos escolhidos para a captação da bola quando ela sai do rectângulo, mostravam-se pesados na missão, logo que Fernando Cruz estabeleceu a igualdade meteram a «quarta» para, após o remate certo de Macaé, se mostrarem rapazes muitos ágeis.

Outros: o equipamento de Justino, (um guarda-redes que não dá grandes garantias de segurança ao sector) era semelhante ao dos futebolistas do Farense. Miranda de Sousa mostrou-se desatento a um pormenor importante.

Alves Henriques

Mané: golo para recordar

Árbitro: Miranda de Sousa (Porto).

BELENENSES: Justino; Galo, José António (Sadkov, aos 90 m), Edmundo, Oliveira e José Mário; Juanico, Jaime e Chiquinho; Gonçalves (Chico Faria, aos 90 m) e Macaé.

FARENSE: Lemajic; Carlos Pereira, Sérgio Duarte, Marco e Eugénio; Formosinho (Ricardo, 62 m), Pereirinha, Ademar e Nelo (Mané, 74 m); Pitico e Fernando Cruz.

Marcadores: Juanico (56 m de grande penalidade); Fernando Cruz 78 m) e Mané (102 m).

Ação disciplinar: cartão amarelo para Pereirinha (29 m), Eugénio (43 m), Jaime (70 m), Galo (94 m) e Lemajic (99 m).



Baptista da Silva da lista B e Ferreira de Matos da A

Belenenses em hora de eleições

Majores em «guerra» com seus exércitos

A candidatura de Baptista da Silva conta com o apoio de elevado número de figuras cimeiras da vida do clube, com destaque para Acácio Rosa, Abel Pinheiro, António Pinto Leite, Carlos do Carmo, Gonçalo Lucena, Gouveia da Veiga, Carvalho Cardoso, Manuel Sergio, Ana Linheiro, Leiria Neto, Salgueiro Rego, José Agostinho Carolas, Nuno Loureiro, Salustiano Lopes, António Marques, Florentino Antunes, Georgete Duarte, José Pedro, Minervino Pietra, Vasco Oliveira e muitos outros.

A acompanhar Baptista da Silva estão Manuel Boullosa (para a presidência da Assembleia Geral), Sequeira Nunes, Machado Rodrigues e Mendes Pinto, nomes que são garantia de inquestionável dedicação, capacidade e idoneidade.

Nas linhas programáticas os candidatos da lista «B» prometem elevar o Belenenses ao trono a que tem direito, tornando-o um «referencial ético do desporto português» e, quanto à anunciada estratégia social e desportiva e gestão financeira, os objectivos mostram-se ambiciosos. Naturalmente que através das diversas entrevistas dadas à Comunicação Social e das sessões de esclarecimento realizadas, os associados de «Os Belenenses» estão perfeitamente identificados com os preceitos e intenções de Baptista da Silva e seus pares. A decisão fica para amanhã (dia 12, no Estádio do Restelo, a partir das 9 horas).

Na corrida para o cadeirão resteliano, a Lista D apresenta no topo os nomes de José Segarra e José Luis Esteves (para a chefia da Assembleia Geral), Rui da Cruz (comando do Conselho Fiscal) e a dupla Joaquim Ferreira de Matos, Joaquim Clemente Cabrita (vanguarda da direcção). Os objectivos do seu programa alargam-se por diferentes ângulos: desporto (incidência especial no futebol), modalidades amadoras (subsidiadas por escalões: alto rendimento, massificação e recreio), criação de um gabinete de Estudos e Projectos) e uma proposta para próximas alterações ao estatuto do clube.

Reorganização do futebol senior e juvenil (dando ao bloco principal categoria internacional, com reforço de dois elementos de classe mundial), acompanhamento pedagógico, directivo e desportivo de jovens valores e orçamento muito mais ampliado para esse sector; aposta forte no andebol e no basquetebol, modalidades que passariam a ter suporte especial. Mais: criação de dois parques desportivos semi-descobertos, massificação de praticantes no atletismo, na ginástica, no hóquei em patins e na natação (deixando para o genérico de disciplinas de recreio: outras práticas: hóquei em campo, patinagem artística, xadrez, rãguebi e boxe). Enfim: uma análise concreta e global da gestão do pessoal das instalações e dos meios de vida de um clube com a grandeza do Belenenses, que se exige ser devolvido aos sócios.

Final inédita

A próxima final da Taça de Portugal que será protagonizada entre o Farense e o vencedor da eliminação a realizar no dia 17 que opõe o Vitória de Guimarães ao Estrela da Amadora, será inédita no historial da competição. Recorde-se que o Farense e o Estrela da Amadora nunca estiveram presentes na «grande festa» do Jamor, enquanto os minhotos já foram finalistas vencidos em quatro presenças. Esta, é a edição n.º 50 e o Benfica é o clube que conta com maior número de troféus (24), seguindo o Sporting (11), FC Porto (6), Boavista e Belenenses (3), Vitória de Setúbal (2) e Académica, Leixões e SC Braga (1). Outra curiosidade: o Farense é o 3.º clube da segunda divisão a chegar à final, depois do Vitória de Setúbal (1943 e 1962) e do Estoril Praia (1944).

DESPORTO

EM AGENDA

Futebol em «todo o terreno»

Domingo, pelas 16 horas, processa-se a 33.ª ronda do campeonato futebolístico das 1.ª e 3.ª Divisões e, ao mesmo tempo, a jornada 31 do escalão intermediário. Programa em cartaz:

1.ª Divisão

Vitória de Guimarães-Porto; Estrela da Amadora-Benfica; Belenenses-Sporting; Nacional-Chaves; Beira Mar-Penafiel; Vitória de Setúbal-Portimonense; União da Madeira-Marítimo; Boavista-Braga e Tirsense-Feirense.

2.ª Divisão

Zona Norte: Bragança-Aves; Gil Vicente-Marco; Infesta-Trofense; Joane-Leixões; Freamunde-Varzim; Rio Ave-Paços de Ferreira; Maia-Famalicao; Vianense-Felgueiras e Vizela-Fafe.

Zona Centro: Águeda-U. Lamas; Acad. Viseu-Oliv. Bairro; Guarda-Benf. de Castelo Branco; Académica-Oliveirense; Mirense-Peniche; Caldas-U. Leiria; Salgueiros-Lousanense; Sp. Covilhã-Os Marialvas e Espinho-Mangualde.

Zona Sul: «O Elvas»-Juventude; Portalegre-Torreense; Sintrense-Lusit. Vila Real; Oliv. Moscardide-Farense; Estoril-Alverca; Silves-Seixal; Olhanense-Atlético; Louletano-Barreirense e Lusit. Évora-Samora Correia.

3.ª Divisão

Série A: Vila-Real-Régua; Sanjoanense-Santa Marta de Penaguião; Rio Tinto-Ermesinde; Lixa-Valadares; Amarante-Paivense; Cinfães-Lousada; Sandinense-Lusitânia; Leça-Valonguense e Paredes-Pedrouços.

Série B: Vieira-Celorigense; Prado-Valpaços; Amares-Macedo de Cavaleiros; Maria da Fonte-Vila Pouca; Ribeirão-Valdevez; Ponte da Barca-Delães; Lanheses-Esposende; Mirandela-Moreirense e Caminha-Santa Maria.

Série C: Valonguense-Estarreja; Argus-Oliveira do Hospital; Santacombadense-Ovarense; Tabuense-Seia; Anadia-Luso; Mealhada-União de Coimbra; Gouveia-Sabugal; Valecambrense-Mortágua e Alba-Oliveirinha.

Série D: Naval-União de Santarém; Alcobaca-Sertanense; Castelo de Vide-Bombarralense; Torres Novas-Alfeizerense; Mirandense-Fátima; Marrages-Alcanenense; Ferrel-União de Tomar; Marinhense-Estrela de Portalegre e Alcains-Os Nazarenos.

Série E: Borbense-Loures; Oriental-Almeirim; Lusitânia-Campomaiorense; Cartaxo-Fronteirense; Odivelas-Santa Clara; Futebol Benfica-Câmara de Lobos; Vilafranquense-Cacém; Sacavenense-Fanhões-Portosantense.

Série F: Trafaria-Pescadores; Vasco da Gama-Almancilense; Beja-Quarteirense; Quimigal-Sesimbra; Estrela de Vendas Novas-Montijo; Amora-União de Montemor; Naval-Palmelense; Esperança de Lagos-Moura e Leões de Tavira-Santiago de Cacém.

As grandes festas dos meninos Lisboa e Almada: bons exemplos

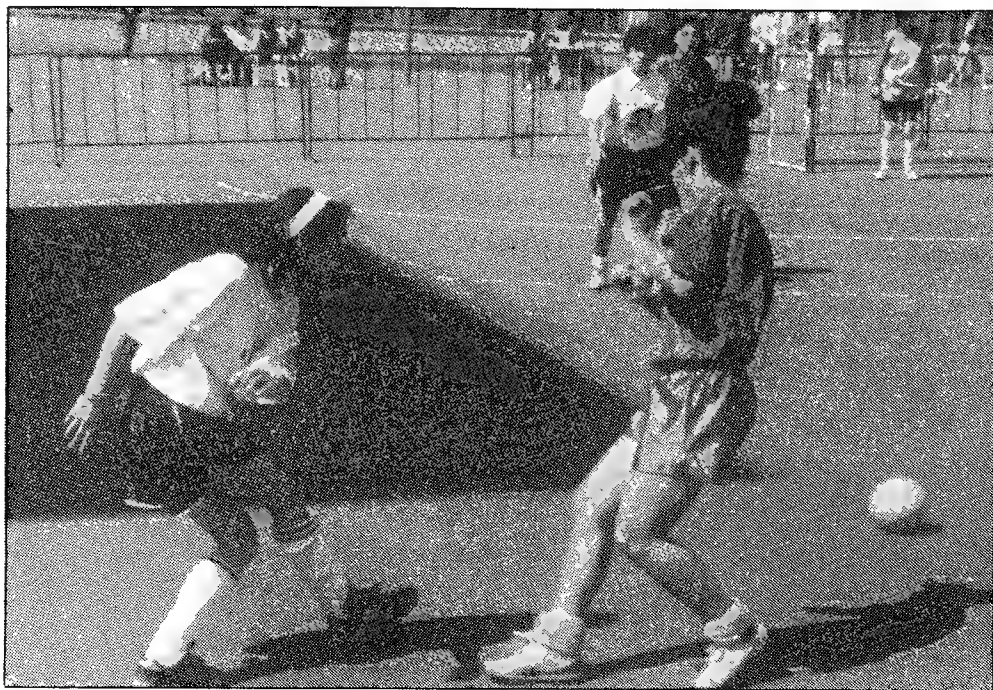
Os Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa (4.ª edição) e o Jogos de Almada (2.ª) são acontecimentos relevantes do empenhamento das autarquias no fomento e desenvolvimento do desporto e, sobretudo, na intenção (já conseguida) de procurar sensibilizar os jovens para os jovens para os benefícios da prática desportiva.

Rego Mendes (Lisboa) e António Matos (Almada), vereadores atentos à responsabilidade dos cargos para que foram eleitos, conseguiram «mobilizar» o apoio das juntas de freguesia dos dois concelhos separados pelo Tejo, das centenas de colectividades vocacionadas para o desporto, cultura e recreio e, através dessas estruturas, deu-se a corrida aos boletins de inscrição de milhares de jovens.

Em Lisboa, são oito as modalidades em desfile nos torneios que decorrem nos diversos recintos escolares e equipamentos municipais desde o passado mês de Novembro e que terminarão (como habitualmente) no mês de Junho com a realização da «Festa do Desporto», com cenário no Terreiro do Paço. Andebol, atletismo, basquetebol, futebol de salão, ténis de mesa, voleibol e xadrez são as disciplinas que integram os IV Jogos de Lisboa, uma organização (impecável) do Pelouro de Desporto da CML, que como se disse é, actualmente, liderado pelo eng.º Rego Mendes.

A adesão de 51 das 53 freguesias do concelho, do apoio e participação de centenas de colectividades e da presença de dez mil jovens é bem significativa quanto ao êxito da iniciativa.

No que se refere a Almada, o período de duração dos Jogos é menor do que em Lisboa mas, em termos de participação, estão (igualmente) em evolução cerca de 1000 participantes representando uma centena de colectividades e demais estruturas colectivas. Quanto às modalidades em desfile nesta 2.ª edição dos Jogos Concelhios de Almada (alguns começaram a designar o acontecimento como Almada Sport) são as seguintes: andebol, basquete-



Futebol de salão: elas jogam em Lisboa e eles em Almada

bol, badminton, cicloturismo, damas, dominó, futebol de salão, futebol de onze, hóquei em patins, karaté, natação, pesca desportiva, ténis de mesa, tiro ao alvo, triatlo, skate, xadrez e ginástica.

A avaliar pela experiência do vereador António Matos (durante os anos em que foi o grande dinamizador da Seixa-

líada) e tendo em conta a excelente colaboração de uma equipa onde é preponderante a capacidade organizativa de Joaquim Marreiros e Pedro Carriho, o sucesso da iniciativa está assegurado.

Lisboa e Almada: dois bons exemplos em prol da juventude. E não ficam por estas au-

tarquias as excepções, uma vez que Setúbal, Seixal, toda a região de Évora, Vila Franca de Xira, Loures, Oeiras, Sintra, Barreiro, Moita, Montijo, Grândola e Torres Vedras (entre outros) são concelhos onde se procura cuidar da defesa dos direitos dos jovens com o Poder Local a substituir-se a outros organismos.

EUROPA-AMÉRICA
ECONOMIA UM DOS MAIS IMPORTANTES
& **GESTÃO** ECONOMISTAS DO SÉCULO

JOHN KENNETH GALBRAITH O NOVO ESTADO INDUSTRIAL

edição revista e com nova introdução

O LIVRO PARA A DÉCADA DE 90

- O maior desafio de sempre ao sistema económico estabelecido
- O terramoto que abalou a análise económica tradicional
- O balanço das alterações ocorridas na história da teoria económica
- Uma referência imprescindível para estudantes, economistas, gestores e quadros.



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

CENTRO MÉDICO E DENTÁRIO

COSMÉTICA
E ESTÉTICA
DENTÁRIA

DENTES FIXOS
E MÓVEIS
(Prótese fixa
adesiva)

- ORTODONÇIA • RX • ULTRA-SONS
- OBTURAÇÕES A ULTRA-VIOLETAS
- CLÍNICA GERAL
- HORÁRIO: 9 às 13 e 15 às 20h.
- (Atende sem marcações casos urgentes)



Av. Guerra Junqueiro 5 - r/c

Tel.: 84 88 158

(Metro Alameda)

Benfica e Porto duelo à mão

Benfica e FC Porto vão, uma vez mais, discutir a posse do título mais cobiçado do basquetebol nacional, depois de terem «aviado» toda a concorrência que iniciou a disputa do campeonato.

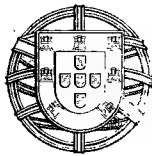
Vencendo a Ovarense (Benfica) e o Estrelas da Avenida (Porto) nas meias-finais, os dois grandes rivais do desporto português, estarão frente-a-frente a partir de amanhã com o primeiro confronto a ter como palco o Pavilhão «Borges Coutinho», para a decisão final que será firmada à maior de

cinco jogos. Naturalmente que não arriscamos qualquer prognóstico já que existe muita semelhança entre os valores em confronto, no entanto, o facto do Benfica, ser beneficiado no número dos jogos no seu recinto, poderá ter algum peso. Os votos que se expressam é de que tanto na Luz como nas Antas, existam espetáculos com sortilégio e fascínio. Os artistas têm valor bastante para respeitarem este nosso desejo e os titulares da bancada naturalmente que prestarão bom concurso.

AGENDA

I Série N.º 108
Dia 11 de Maio

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:

Torna público terem os Governos da Guatemala e da Somália depositado, respectivamente a 5 e a 24 de Janeiro de 1990, os instrumentos de adesão à Convenção contra a Tortura e Outras Penas ou Tratamentos Cruéis, Desumanos ou Degradantes, adoptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas.

Ministério da Educação

Portaria n.º 360/90:

Altera a regulamentação do curso especializado conducente ao mestrado em Construção ministrado pelo Instituto Superior Técnico, da Universidade Técnica de Lisboa. Derroga a Portaria n.º 451/86, de 19 de Agosto, na parte referente à regulamentação do curso especializado conducente ao mestrado em Construção.

Portaria n.º 361/90:

Aprova o modelo de carta de curso do grau de bacharel do Instituto Politécnico de Portalegre.

Portaria n.º 362/90:

Autoriza o Instituto Politécnico de Viseu, através da sua Escola Superior de Tecnologia, a conferir o grau de bacharel em Tecnologia da Produção e Manutenção Industrial e aprova o respectivo plano de estudos.

Portaria n.º 363/90:

Altera os quadros n.ºs 1 e 2 do anexo III da Portaria n.º 795/89, de 9 de Setembro, que cria o curso de estudos superiores especializados em Estudos Africanos e Ensino da Língua Portuguesa em África na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

Portaria n.º 364/90:

Altera o anexo I da Portaria n.º 917/81, de 12 de Outubro, que aprova o plano de estudos do curso de licenciatura em Medicina Dentária pela Escola Superior de Medicina Dentária de Lisboa.

PESSOAS & FACTOS

«Lever» lança detergente ecológico

A Lever Portuguesa, que detém mais de 70 por cento do mercado de detergentes para lavagem doméstica de roupa, vai lançar um detergente biodegradável, sem fosfatos nem adição de surfactos, reduzindo, assim, para metade a carga de substâncias químicas despejadas no meio-ambiente por cada lavagem.

Trata-se do «Micro Skip Verde» que, custando tanto como os produtos tradicionais, gasta menos água e energia eléctrica.

A sua dupla capacidade, por outro lado, permite-lhe ser distribuído em embalagens com cerca de 50 por cento do tamanho das destinadas, até agora, às máquinas domésticas de lavar roupa.

Mitsubishi HSX é novidade europeia no «Portugal-90»

A Mitsubishi Motors de Portugal vai estar presente no «Portugal-90» - Salão Internacional do Automóvel que, de 18 a 27 do corrente mês, vai estar aberto ao público nas instalações da Exponor, em Matosinhos.

Patente no stand 68 do pavilhão 1, o Mitsubishi HSX, um lindíssimo automóvel, que será novidade para a Europa, é a mais recente experiência em carros deportivos e vai ser uma das principais vedetas do certame, organizado pela Publisalão.

O objectivo da Mitsubishi foi criar um clássico ultra-moderno, um carro desportivo da nova geração, com super-desempenho e cristalização da tecnologia mais avançada.

HOJE CONTINENTE

Em todo o território
Céu pouco nublado aumentando de nebulosidade para a tarde com ocorrência de aguaceiros e trovoadas, em especial nas regiões do interior.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado durante a tarde em especial nas regiões do interior com aguaceiros e trovoadas. Vento geralmente fraco do quadrante Oeste.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento Sudoeste geralmente fraco. Possibilidade de aguaceiros e trovoadas em especial nas regiões do interior durante a tarde.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento Noroeste moderado.

Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento Noroeste geralmente fraco.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado e vento Norte fraco ou moderado.

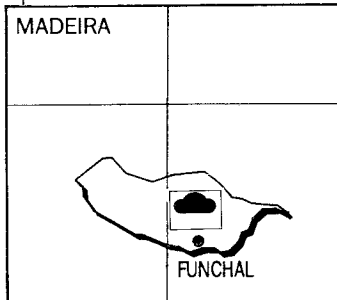
AÇORES

Grupo Ocidental
Períodos de céu muito nublado. Vento Noroeste moderado, por vezes com rajadas. Aguaceiros. Mar cavado com ondulação Noroeste de 2 metros. Grupos Central e Oriental

Céu muito nublado. Vento Sudoeste moderado e períodos de chuva, passando a regime de aguaceiros durante a manhã, com vento Noroeste moderado, por vezes com rajadas fortes. Mar cavado com ondulação Noroeste de 2 metros.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento Noroeste moderado a forte. Aguaceiros fracos.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

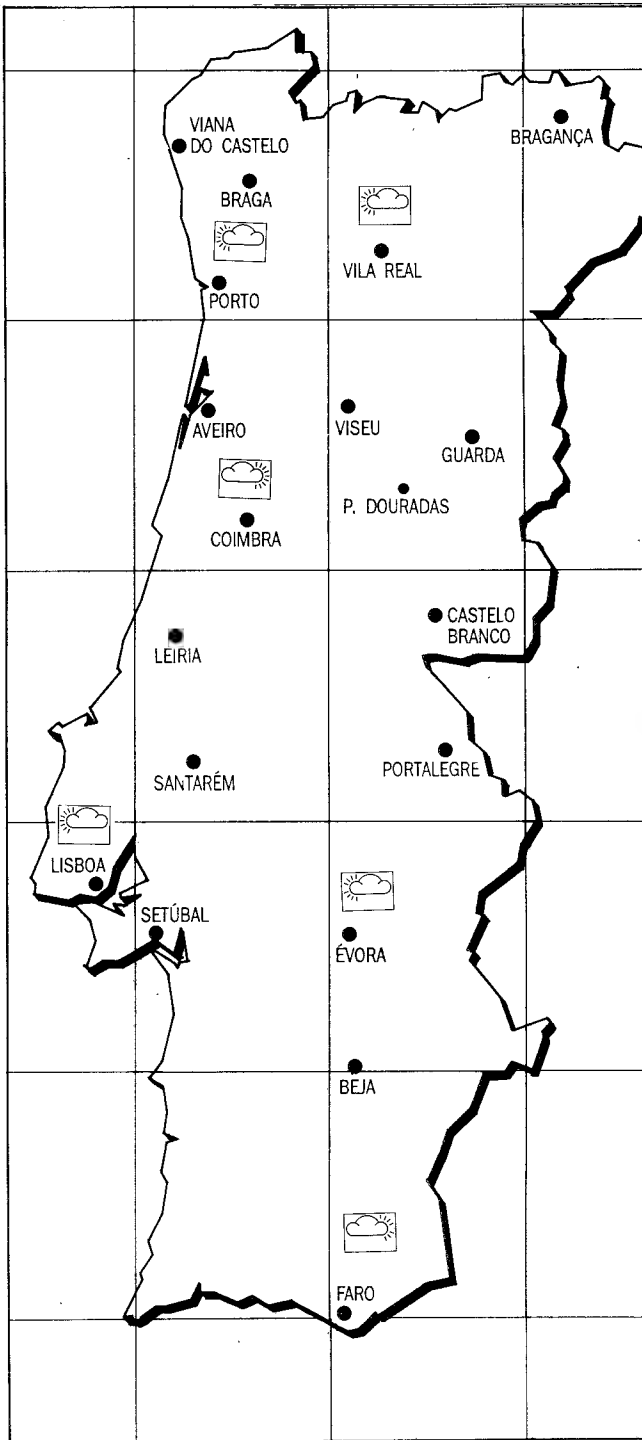


	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoadas
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

MARÉS

Hoje	PREIA-MAR	BAIXA-MAR	
04.53	3,3m	10.18	0,8m
17.08	3,5m	22.40	0,8m
Amanhã			
05.28	3,3m	10.51	0,9m
17.41	3,4m	23.16	0,9m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h Às 18 h	
Bragança.....	10	10	M. nub.
V. Castelo.....	14	14	M. nub.
Vila Real.....	12	13	P. nub.
Porto.....	12	16	Nebulosa
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	14	16	P. nub.
C. Carvoeiro.....	15	16	Limpo
C. Branco.....	12	12	P. nub.
Portalegre.....	14	14	Limpo
Lisboa.....	17	17	Limpo
Évora.....	14	14	P. nub.
Beja.....	13	14	Limpo
Faro.....	14	15	Limpo
Sagres.....	15	16	Limpo
P. Delgada.....	14	16	M. nub.
Horta.....	15	16	Aguaceiros
Funchal.....	17	17	Encoberto

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 26; Porto, 24; Faro, 22; P. Delgada, 18; Funchal, 23.

EUROPA

	Min.	T. 6 h Às 18 h	
Madrid.....	9	11	M. nub.
Londres.....	6	8	M. nub.
Paris.....	9	10	M. nub.
Bruxelas.....	7	9	M. nub.
Amsterdão.....	7	10	Bruna
Genebra.....	12	14	M. nub.
Roma.....	10	13	Nebulosa
Oslo.....	10	15	P. nub.
Copenhaga.....	12	15	Nebulosa
Estocolmo.....	9	9	M. nub.
Berlim.....	13	14	Nebulosa
Viena.....	10	16	P. nub.
Varsóvia.....	12	16	P. nub.
Atenas.....	19	19	Limpo
Moscovo.....	8	12	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	8	18	Nebulosa
Houston.....	20	30	P. nub.
Los Angeles.....	13	20	P. nub.
Montreal.....	7	15	Aguaceiros
Nova Iorque.....	10	18	P. nub.
S. Francisco.....	11	20	Limpo
Toronto.....	7	15	Nebulosa
Vancouver.....	8	16	P. nub.
Washington.....	14	22	Nebulosa
Hong Kong.....	23	27	Trovoadas
Melbourne.....	13	20	M. nub.
Pequim.....	14	28	P. nub.
Perth.....	10	19	Limpo
Singapura.....	26	33	Aguaceiros
Sydney.....	14	21	Aguaceiros
Tóquio.....	18	23	Aguaceiros
Wellington.....	11	18	Nebulosa



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alfama - São Tomé: Ziler, Rua São Tomé, 54-56, Tel. 862835; **Av. D. Rodrigo da Cunha:** Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D, Tel. 882384; **Benfica - 2.ª Circular:** Benfihuz, Estrada Benfica, 444-A, Tel. 7141206; **Cais do Sodré:** Central, Rua São Paulo, 108, Tel. 320389; **Calvário:** Monge, Rua Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; **Estrela:** Marques Freire, Rua Santo António à Estrela, 96, Tel. 665196; **Intendente:** Intendente, Largo Intendente Pina Manique, 50-51, Tel. 547838; **Jardim Constantino:** Portugal, Rua Rebelo da Silva, 11-13, Tel. 543340; **Lumiar:** Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93, A-B, Tel. 7591131; **Olivais Sul:** Lemos, Rua Cidade da Beira, 46-C, Tel. 331692; **Praça de Londres:** Algarve, Av. Roma, 7-B, Tel. 801478; **Saldanha - Hotel Sheraton:** Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29, 29-A, Tel. 548966; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Joleni, Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B, Tel. 9310812; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Ajuda: Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222, Tel.

3638256; **Alto São João:** Zional, Rua Morais Soares, 56-C; **Baixa:** Oliveira, Rua da Prata, 240, Tel. 878415; **Campo Grande - Av. Brasil:** Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, Tel. 765262; **Campolide - Águas Livres:** Rualto, Lda., Rua Alto Carvalhão, 5, Tel. 651721; **À Av. Estados Unidos N.º 39:** Celta, Rua Moura Girão, 3-B, Tel. 890621; **Madre Deus - Junto Esc. Verney:** Romana, Rua Actor Augusto Melo, 7-A, Tel. 383800; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato:** Albano, Rua Escola Politécnica, 59, Tel. 326750; **Regor Prates & Mota,** Rua Beneficência, 91-93, Tel. 773728; **Saldanha:** Avenidas, Av. da República, 27-A, Tel. 533688; **Vale Santo António:** Santo António, Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c,

Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Godinho, R. Cândido Reis, 98, Tel. 4430090. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **S. João:** Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvite - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A, Tel. 4938149. Permanente; **Jardim,** Av. Conde Oeiras, 120 - Reboleira, Tel. 4953424. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel.

970523. Até às 22 h; **Queluz:** Correia, L. Mercado, 3, Tel. 4350905. Permanente; **Albergaria,** L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rodrigues Garcia, Av. Bons Amigos, Lote 5-D, Tel. 9243693. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3 - Pendoa, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Central, R. Oliveira, 11-B, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Castro Rodrigues, L. 5 Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, J. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 23, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Avenida, Av. Alfredo Silva, 88, Tel. 2073212. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, P. Gen. Humberto Delgado, 16-A, Tel. 2243729. Permanente.

HÁ 20 ANOS



Novos regulamentos para a construção civil

A indústria de construção está doente e urge encontrar o remédio para atalhar os seus males, nomeadamente através de novos regulamentos - acentuou-se na sessão inaugural do Colóquio da Indústria de Construção, que esta manhã principiou no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, e se prolonga até ao dia 16 do corrente, com a participação de cerca de 250 industriais do ramo de todo o país.

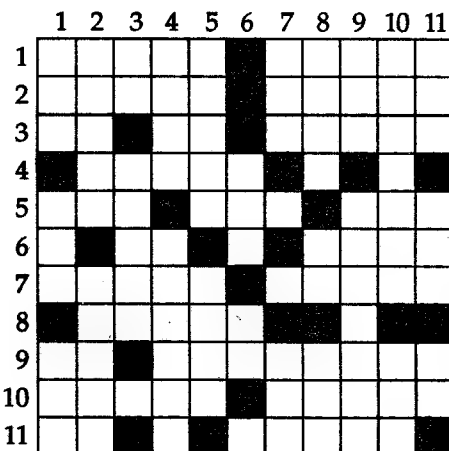
Vaga de atentados em toda a França

Em todo o território da França, as autoridades regionais fizeram entrar em vigor severas medidas de segurança, depois de terem recebido ordens de Paris para impedirem a todo o custo a continuação dos atentados contra edifícios públicos e várias personalidades.

A Feira do Livro vai à província

A Feira do Livro, a inaugurar no próximo dia 14 do corrente, terá, este ano, «edificações» em cidades da província. Entretanto, no certame da Avenida da Liberdade, cerca de 200 mil livros estarão à venda diariamente...

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17916

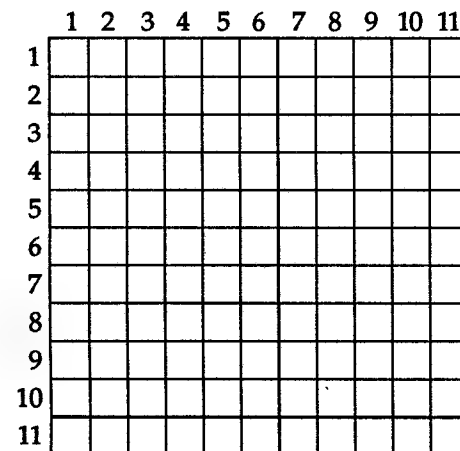
HORIZONTAIS:

- 1 - Pátrio. Ingênuos (pop.).
- 2 - Previne. Aconselha.
- 3 - O sono das crianças. Distar. Berres (fig.).
- 4 - Rio de Portugal.
- 5 - Pronome demonstrativo. Peso turco, cerca de um quilo. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
- 6 - Antes de Cristo. Paixão.
- 7 - Sarraceno. Sorte.
- 8 - Cidade do Egito.
- 9 - Nota musical. Resmungar (fig.).
- 10 - Vagueiem. Querida.
- 11 - Seguiu. Cidade de Espanha.

VERTICAIS:

- 1 - Recusa. Possui. Religião.
- 2 - Atrai. Aldeia de índios do Brasil.
- 3 - Pronome pessoal. Freguesia do concelho de Torres Novas.
- 4 - Agarrar. Pecados.
- 5 - Amplo. Rezam.
- 6 - Vazia. Ósmio (s.q.).
- 7 - Cidade de França. Bigorna de ourives.
- 8 - Irra! Antes de Cristo. Íntimo.
- 9 - Possuir. Sofrer.
- 10 - Encerados. Nome de mulher.
- 11 - Sinal internacional de perigo (abrev.). Rogo. Rádio (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16726

HORIZONTAIS:

- 1 - O mesmo que autópsia.
- 2 - Romancista português autor de «A Ilustre Casa de Ramires». Acerta.
- 3 - Uma das Espórades. Quinto filho de Jacob. Preposição.
- 4 - Reis. Procura (fig.). Centiare.
- 5 - Estreitos. Reis.
- 6 - Marcara (o gado) com ferro em brasa. Boro (s.q.).
- 7 - Preparados com ópio. Azáfama.
- 8 - Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Sala pequena e rasa.
- 9 - Concedes. Mete em mala.
- 10 - Antepassados. Centímetro. Quinhentos e dois em romano.
- 11 - Ósmio (s.q.). Nome de Buda, na China. Nome de algumas tribos indígenas do Brasil, em Mato Grosso.

VERTICAIS:

- 1 - Horror à morte.
- 2 - Boatos. Nome de letra (inv.). Verso.
- 3 - Cabelos brancos. Servos.
- 4 - Estacionavas.
- 5 - Salários.
- 6 - Planta vivaz e medicinal. Cobalto (s.q.).
- 7 - Apelido. Remassem para trás.
- 8 - Item. Arsénio (s.q.). Preposição.
- 9 - Suspiros. Canção antiga acompanhada de música sentimental.
- 10 - Atracção sexual mórbida pelos cadáveres.
- 11 - Leitões. Estimais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17915

HORIZONTAIS: 1 - MAIS. AMOR. 2 - Amarram. DC. 3 - E. Pi. És. Uma. 4 - Carrancas. 5 - Oriá. Aaro. 6 - Som. Rosar. 7 - Sem. Nas. Te. 8 - MENOS. Vis. 9 - MD. Aas. Mar. 10 - Cás. Ralar. 11 - CONFIANÇA. **VERTICAIS:** 1 - Ecos. MMCC. 2 - Aa. Aros. Dão. 3 - Imprimem. SN. 4 - Safra. Meã. 5 - Nabi. 6 - Arena. Nós. 7 - Máscara. Rn. 8 - Om. Sora. Mac. 9 - Usos. Vala. 10 - Dm. Atira. 11 - Acamars. Rb.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16725

HORIZONTAIS: 1 - Paxá. Pecari. 2 - Avaliei. Ruó. 3 - Vira. Dramas. 4 - Osas. Eos. 5 - Rau. Assiste. 6 - Mit. Lais. 7 - Fé. Arreatas. 8 - Ama. Oel. Rasa. 9 - Solas. Al. 10 - Cs. Compar. 11 - Coseis. Só. **VERTICAIS:** 1 - Pavor. Fasco. 2 - Avisaremos. 3 - Xarau. Al. 4 - Alas. Ma. Aço. 5 - Airosos. 6 - Pedestre. Me. 7 - Eirós. Api. 8 - Asilarias. 9 - Arm. Satá. 10 - Rua. Tias. As. 11 - Ios. Essas.

PROVÉRBIO: MAIS AMOR E MENOS CONFIANÇA.

EFEMÉRIDES

1979

• A China e os EUA assinam um acordo que resolve as questões levantadas pelas propriedades confiscadas durante a revolução chinesa, abrindo-se, assim, caminho para a assinatura de um acordo comercial entre os dois países.

1983

• A agência noticiosa soviética Tass anuncia que o dissidente e Prémio Nobel da Paz Andrei Sakharov não pode ser autorizado a abandonar a URSS por estar na posse de segredos militares e de Estado, notícia que suscita um apelo a pressões internacionais por parte da mulher, Yelena Sakharov.

1984

• Dezenas de milhar de pessoas assistem à passagem, na estrada Lisboa-Torres Vedras, do carro fúnebre com o corpo do ciclista Joaquim Agostinho.

• É publicada no «Diário da República», com efeitos a partir de 9 de Agosto, a lei sobre a interrupção voluntária da gravidez, conhecida pela Lei do Aborto.

• Ian Davidson Kitson, o activista branco «anti-apartheid», mais tempo preso na África do Sul (detido em 1964 depois de condenado a 20 anos de cadeia), é libertado pelas autoridades sul-africanas.

1987

• Realizam-se eleições nas Filipinas, no que constitui a primeira consulta popular da presidente Corazón Aquino.

• Realizam-se eleições gerais em Malta, que dão a vitória ao Partido Nacionalista, da oposição.

CARTAZ



Isabelle Adjani em «A Paixão de Camille Claudel»

CINEMAS

L I S B O A

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

TANGO & CASH
Filme de Andrei Konchalovsky
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
MISS DAISY
Filme de Bruce Beresford
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

MISS DAISY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 7

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15,
19.00, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 10

CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
Filme de Costa Gravas
M/12 anos - Sessões às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
LIGAÇÕES SUJAS
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
CICCIOLINA E O TELEFONE DO AMOR
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
O FUGITIVO DA SELVA
Filme de David Fisher
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
MERCENÁRIOS DE ELITE
M/12 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
DEMÔNIO DE SAÍAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
AS NOITES QUENTES DE DALLAS
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
THE GUN WOMAN
Com Texas Guinan, às 18.30
AS ESPOSAS DOS MÉDICOS
Com Warner Baxter, às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.45, 16.30,
18.45 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 21.15

AUDITÓRIO 2

FILHA DA MÃE
Filme de João Canijo
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
OS CAÇA MONSTROS
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
CAMINHOS SELVAGENS
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30
Sáb. às 24.00
FORÇA DE VINGANÇA

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
CONCURSO SEXUAL
Filme porno
M/18 anos
Sessões continuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2

O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão - T. 326306
OS CAÇA MONSTROS
M/6 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
O MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridan
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2

O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3

CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

O COZINHEIRO, O LADRÃO,
A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144

O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 13.30, 16.15,
19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.15 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30
EXPRESSO DA MEIA-NOITE
Sábado às 23.45

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
BLACK - MISSÃO DROGA
Filme de Frank Patterson
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30
MAGNÍFICOS GUERREIROS
Hoje e amanhã às 23.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telef. 2752127
WARDOG - FORÇA ESPECIAL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado - T.
2905011
Sala 1
CRIANÇA ADORÁVEL
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2

LIMPO E SOBRIO

M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
TANGO & CASH
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
VALMONT
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45
007 - LICENÇA PARA MATAR
Hoje e amanhã às 24.00

CASCAIS

MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841744

S I N T R A

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia - T.
4934871
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO

LISBOA

ABC

Parque Mayer
De 3.ª a Sáb. às 21.30. Dom às 16.00
WHAT HAPPENED TO
MADALENA IGLESIAS
De Filipe La Féria

PISCINA DO TAMARIZ REABRIU AO PÚBLICO

- Animação Aquática
- Escorregas

Todos os dias das 10 às 19 horas
Telef.: 268 16 65

CARTAZ

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco de Borja, 24 - T. 607299
De 3ª a Sáb. às 21.30, Dom. às 16.00
TEATRO DOCE TEATRO
De Edward Radzinsky

CHAPITÔ

R. da Costa do Castelo, 7 - T. 878225
Sexta e Sáb. às 21.30 horas
KLASSIKUS KABARET
De Fernando Gomes

CINEMA STADIUM

Av. Combatentes G. Guerra, 52-Algés
6ª e Sáb. às 21.30
OS TRÊS CHAPEUS ALTOS
De Mihura, pelo grupo de teatro - Intervalo

CLUBE ESTEFÂNIA

R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3ª a Sáb. às 21.30, Dom. às 16.30
INIMIGOS
De Nigel Williams

COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818

CAFÉ TEATRO

FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

IBÉRICO

R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sáb. às 21.30, Dom. Feriados, às 17.00
O FIM
De António Patrício.

MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - T. 897017
3ª a 5ª, às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45.
Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA VITÓRIA
De Henrique Santana, Francisco Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes e Fernando Ribeiro.

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha - T. 770969
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE
AGODÃO
De Bernard-Marie Koltès

TEATRO DA GRAÇA

Trav. de S. Vicente, 11 - T. 875626
De 3ª a Sáb. às 21.30,
Sáb. e Dom. às 16.00
CENAS DA VIDA DE BENILDE
Uma adaptação de Jorge Iliopod da

peça de José Régio «Benilde ou a Virgem-Mãe»

TEATRO DA TRINDADE

R. Nova da Trindade - T. 320000
Às 21.30
A VIZINHA DO LADO
De André Brun
Pelo Grupo de Teatro dos TLP

VARIEDADES

Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL

CASINO ESTORIL

T. 2684521
De 4ª a 6ª às 21.30
sáb. às 18.00 e 21.30.
Dom. às 17.00
SOMENTE ENTRE NÓS
De Reginaldo Faria

LINDA-A-VELHA

ACADEMIA RECREATIVA

R. Fontes P. de Melo, 21
Aos sábados às 21.30
FALAR VERDADE A MENTIR
De Almeida Garrett

ODIVELAS

TEATRO

DA MALAPOSTA

T. 9873299
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom. às 16.00
A FLORESTA
De Alexander Ostrowsky
3ª, Sáb. e Dom. às 16.00

PORTO

TEATRO SÁ DA BANDEIRA

T. 2003595
5ª às 21.30,
6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados às 16.00 e 20.30
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas

TEATRO INFANTIL

TIL

R. Leão Oliveira, 1 - T. 3639974
Sábados, Dom. e Feriados às 16.00
FELIZ ANIVERSÁRIO
De Fernando Gomes

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

ALFREDO LUZ - Pintura
Galeria Barata - Avenida de Roma, 11
(Inaugura hoje, às 21 e 30)
ANTÓNIO MENDES - Pintura
Galeria Vértice - Cascais (Inaugura
dia 11, 22 horas)
BARCOS DE PAPEL - Pintura de Alida
Nobre, Fátima Pinto e Teresa Silva
Sala Almada Negreiros - Cais de
Alcântara (Inaugura hoje, às 18 horas)
CERVEIRA PINTO e LUÍS PALMA - Instala-
ção de luz e som
Galeria Graça Fonseca - Rua da
Emenda, 26 (Inaugura dia 11, às 22 ho-
ras)
ISABEL SABINO - "Ilhas de Luz",
pintura
Monumental - Campo das Mártires da
Pátria, 101 (Inaugura dia 17, às 22 ho-
ras)
LUÍO MUÑOZ - Pintura sobre madeira
Galeria Nasoni - Avenida Columbano
Bordalo Pinheiro (Inaugura hoje, às 21
e 30)
MENA BRITO - Pintura
Galeria Miron - Rua do Mirante, 14
(Inaugura dia 18, às 21 horas)
SÉRGIO POMBO - Pintura
Galeria Alida Cortez - Largo de Santos,
1 (Inaugura hoje, às 22 horas)
VICTOR RIBEIRO - Aguarelas
Mãe d'Água das Amoreiras (Inaugura
dia 11, às 19 horas)

LISBOA

CABRITA REIS - Instalação de nove de-
senhos frente a uma parede
enigmática com sete gótiças secas.
"A casa das suaves odores" continua a
meditação mediterrânica de
Cabrita Reis. O recurso a materiais
áridos (estufe), pautados pela
serenidade da água ou a luz do
azeite, tem revelado um dos percursos
mais sérios e exaltantes da arte
portuguesa contemporânea.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua
Tenente Raul Cascais, 1 (14 e 30/19 e
30, excepto domingos. Até 2 de
Junho)

HELENA ALMEIDA - Mais dos desenhos
que da pintura de Helena Almeida,
poderíamos falar de levitação. Depois
de uma relação com o corpo (em
"Desenho Habitado/Pintura Desabitada"),
Helena Almeida apagava, fre-
quentemente, o corpo fotografado
com a pintura) nunca como agora o
risco do desenho levitava, numa va-
lumeira que - na pintura, nos ferros
pintados - se confronta com a es-
pacialidade da escultura.
Galeria Valentim de Carvalho - Rua
da Cruz dos Poiais, 111 (15/20 horas,
excepto domingos. Até dia 19)

MANUEL VILARINHO - Desenhos a tinta
da china e carvão sobre papel, mos-
trados na intimidade que a Loja de
Desenho lhe dispensa. A liberdade do
desenho permite confidências que a
pintura de Manuel Vilarinho não faz. O
resultado é um diário de bordo de
uma itinerância profundamente
urbana, sem os fiques da denúncia,
percorrida pela exemplaridade da
solidão.



Pintura a Óleo sobre tela de Gil Telxela Lopes

Loja de Desenho - Rua da Academia
das Ciências, 2 (15/19 e 30, excepto
domingos e segundas-feiras. Até dia
15)

MANUEL BAPTISTA - A SNBA recolhe-lhe
em duas salas 27 anos de pintura
recontada e colada. Obra sem
sobressaltos, indiferente às solicitações
da voragem do mercado, esta
exposição permite compreender um
trajeto coerente consigo próprio,
evolutivo sem espalhafato. A
dignidade da obra de Manuel
Baptista, aqui antologada, bem
merece que a SNBA lhe atribua o
espaco do salão, em vez de
distribuí-lo ao prazer de piso em piso.
SNBA - Rua Barata Salgueiro (14/20
horas, excepto segundas-feiras. Até
dia 20)

PAULO QUINTAS - Primeira exposição
individual de um pintor onde se salda
a orfandade. Paulo Quintas escapa
aos escrutinadores de referências, e
mostra uma pintura de que, se mais
não houvesse a dizer, teríamos que
falar do prazer de inventar/descobrir.
Para isso, Paulo Quintas dispõe
apenas do papel, como suporte, e o
amarelo infectado pelo verniz. O que
já não é pouco. Para atravessar o
fogo, a salamandra só precisa da
pele.
Pedro e o Lobo/Arte Contemporânea
- Rua do Salitre, 169 (15/20 horas,
excepto domingos. Até dia 17)

ÁLVARO CARNEIRO - Escultura
Galeria DN - Rua António Maria
Cardoso, 41 (10/19 horas, excepto
domingos. Até dia 26)
DUANE MICHALS - Fotografia

Centro de Arte Moderna
MIGUEL HORTA - "Fronteiras", pintura
Galeria Novo Século - Rua do Século,
23 (Até dia 19)

ALMADA

ROCHA DE SOUSA - Pintura, desenho,
colagem e vídeo
Galeria Municipal de Arte (15/22
horas, excepto segundas-feiras)

CASCAIS

ESTORIL
MARIA GABRIEL - Desenhos recentes
Galeria Arcada - Arcadas do Parque,
18 (11/13 e 14/19 horas, excepto
terças-feiras. Até dia 14)
FERNANDO GASPAR - Aguarelas
Espaco 2 do Casino Estoril
MATILDE MARÇAL - Pintura
Galeria do Casino Estoril (15/24 horas,
até dia 23)

OEIRAS
FRANCESAS EM COLECTIVA -
Aguarelas de Brigitte Papi Junça,
Ghislaine Tournier, Christine Faguet,
Leonor de Castro, Dominique Larrouy
e Claudine Thireau
Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis,
90 (10/13 e 14/19 horas. Sextas e
sábados, também 20 e 30/22 e 30. Até
5 de Junho)

J.F.

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média -
Emissoras da Litoral - e 99.4 em FM -
Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Praça
dos Sons; 17.00: Antena 1; 18.00: Porto
d'Abriço.

Desdobramento em FM 99.4 MHz

21.30: Imaginário.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/7; 17.00: Sete
Mares; 19.00: Informação e Música;
20.00: A Europa dos Doze; 20.30:
Musical; 21.00: Passos Perdidos; 21.30:
Livro e Directo. Noticiários de hora a
hora.

Programa 2
Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: Dicionário Sonoro do Teatro;
17.40: Piano a 4 mãos de Schubert,
pelo Duo Crommelynk; 18.15:
Ângulos e Reflexos; 19.00: Integrales. Os
concertos para piano e orq. de
Mozart; 19.25: Álbum Musical. Obras
de Gershwin, Verdi, Mozart, Dukas,
Vivaldi, Massenet e Johann; 20.10:
Álbum Musical; 20.30: Esta Madrugada
no Dais; 21.00: Música de Câmara;
22.00: Espaço Sinfónico. Concerto
para violino e orquestra em sol maior,
K.216 de Mozart; 23.00: Música Antiga
- Obras de Michel Lambert, Leclair,
Telemann e Handel; 00.00: Reportório
de guitarra. Obras de Sor, Villa-Lobos,
Brouwer e Segovia; 00.30: Sons do
nosso tempo de Dempster, Elliot
Carter, Takemitsu e Stockhausen; 01.30:
Músicas do Mundo; 02.00: Música na
Madrugada. Noticiários de hora a
hora.

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; 17.00:
Contacto; 19.00: Jornal; 19.30: Quanto
o Telefone Toca; 20.00: Praça de Táxis;
21.00: Pela Estrada Fora; 22.00:
Religiosos; 22.15: Desporto; 23.00: 24ª
Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; 21.00:
Mercador de Sonhos; 00.00: A Noite
Passada; 01.00: Som da Frente; 03.00:
Quem Tramou o Locutor. Noticiários
de hora a hora.

COMERCIAL DA LINHA

FM/102.4

13.00: Sons mais Suaves do que Nunca
- Música Romântica; 16.00: O Melhor
Regresso a Casa; 20.00: Sons
Diferentes, das Áfricas aos Ritmos
Exóticos; 23.00: Luas e Mares; 01.00:
Uma Hora para Ouvir Música - Um
Intérprete por Dia; 02.00: As
Madrugadas da RCL, com poucas
palavras e música pop.

GESTE

FM/96.6

10.00: Oitava Colina; 18.00: Fim de
Tarde; 20.00: A Flauta Mágica; 21.00:
Tema é a Noite; 00.00: A Última
Viagem; 01.00: O Feitiço da Lua.

PARIS LISBOA

FM/90.4

13.00: Um Livro, Um Filme, Uma
Exposição. O Teatro; 17.00: Música e
Informação Jovem; 18.00: L'Âge
D'Or - Música dos anos 60/70; 20.00:
Entrevistas, crónicas, reportagens,
informação artística e cultural. O
convívio da noite.

RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; 16.00: Banda
da Amizade; 18.00: Bola Branca; 18.30:
Transmissão do Terço; 19.00: A Viagem
Continua; 20.10: Boa Noite; 20.30:
Conversa de Amigos; 21.00: Espaço
musical; 21.30: Transmissão directa da
Capela das Aparições - Sant. de
Fátima; 22.30: Bola Branca; 23.30:
Suplemento Especial da BBC; 23.55:
Meditando.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM
Estéreo

15.00: Fórmula Três; 18.00: Ideiafix;
19.00: Atlântica; 20.00: Serra de
Estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

TSF

FM/89.5

15.10: Linha Directa; 16.10: Consultório;
16.45: Conversa de Vizinhos; 17.10:
Ponto da Situação; 17.12: Quilisque-
Rev. Imprensa Nacional; 17.20:
Conversa de Escámo e Mal Dizer;
17.40: Economia Dia a Dia; 17.50:
Herman José; 18.05: Destaque do Dia;
19.35: Desporto; 20.45: Espaço
Empresas; 23.30: Última edição.

19º Salão
de velharias
e objectos
de colecção

18 a 27 maio
das 16h as 24h



ESTUFA FRIA



Sindicato dos Agentes
Técnicos de Arquitectura
e Engenharia

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto nos Artigos 27.º, alínea b) e Artigo 28.º
dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral, para reunir em
sessão ordinária, pelas 20.30 horas, na Sede do Sindicato em
Lisboa e nas Sedes das Secções Regionais, no Porto e Fun-
chal, no próximo dia 18 de Maio de 1990, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas
da Direcção e parecer do Conselho Fiscal, relativo ao ano
de 1989.
- 2 — Informações diversas.

O Presidente da
Mesa da Assembleia Geral
Mário Virgílio Lopes Pereira

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LEIRIA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 2.ª
Secção/3.ª Juízo do Tribunal
Judicial de Leiria, correm Editos
de dilação de trinta dias, conta-
da da data da 2.ª e última publi-
cação do presente anúncio, ci-
tando a requerida MARIA DA
AJUDA SAMPAIO PEREIRA,
solteira, com última residência
conhecida em Av.ª Guerra Jun-
queiro, 1.º esq.º, Lisboa, para
NO PRAZO DE OITO DIAS que
começará a correr depois de
finda a dilação, nos autos de
Acção Esp. De Declaração de
Estado de Abandono, n.º
89/89, que o Digno Magistrado
do M.º P.º nesta Comarca mo-
ve contra a requerida e outro,
contestar, querendo, a referida
acção, devendo, a contesta-
ção oferecer rol de testemu-
nhas e requerer outros meios
de prova, conforme preceitua o
Art.º 166.º n.º 2 da OTM e
303.º do C.P.C., tudo, como
melhor consta do duplicado da
petição que à sua ordem se en-
contra no Tribunal por onde cor-
re o processo.

Leiria, 20 de Abril de 1990

O JUIZ DE DIREITO
Dr. António José Ascensão Ra-
mos

A Escrivã/Adjunta
Dorinda Freire

«DL» — 2.ª Pub. — 11/5/90

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

15.35 - MATINÉE: «GLÓRIA»
Um filme de John Cassavetes (EUA, 1980), com Gena Rowlands, Julie Carmen, Buck Henry e John Finnegan. John Cassavetes - falecido há cerca de um ano e meio - é mais conhecido através da sua carreira como actor. Papéis como os que desempenhou em «Doze Indomáveis Patifes» de Robert Aldrich (1967), ou «A Semente do Diabo» de Roman Polanski (1968), ficaram para sempre ligados à sua imagem. Mas Cassavetes foi também um importante cineasta norte-americano, normalmente ligado a formas de produção relativamente marginais aos grandes estúdios. No final dos anos 50, com «Shadows», ele pôde mesmo funcionar como uma das bandeiras da escola nova-iorquina, movimento que se distinguiu tanto pela dimensão documental como pela utilização de meios de produção ligeiros e actores não profissionais.

17.30 - JUNTOS E AO VIVO
18.25 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
5º episódio
18.55 - JOGO DE CARTAS
19.15 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
110º episódio
21.15 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.10 - O ROSTO DA NOTÍCIA
Em estúdio «Só Nós Três»
23.15 - CHEFE, MAS POUCO...
39º episódio
23.45 - 24 HORAS
00.15 - UM DIA...
39º programa, com Alice Vieira
00.20 - REMATE
00.35 - CARTAS DE HUMOR



No 1º Canal, às 23.15, «Chefe, mas Pouco...»

45º programa, com Amélia Videira
00.40 - PELA NOITE DENTRO
«Jogos da Lei», um filme de John Badham (EUA, 1974), com Judd Hirsh, John Beck, Bonnie Franklin e Barbara Bexley. Duração 120 minutos.

RTP-2

16.35 - HERÓIS
16.45 - AS GRANDES VIAGENS DE COMBOIO
17.50 - PRIMEIRO ANDAMENTO
No programa de hoje, Adriano Jordão interpretará «Reveries», «L'Isle Joyeuse» e «L'Estampes» do compositor francês Claude Debussy.
18.15 - TELEMERCADO
18.40 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
102º episódio
19.25 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - AS CIDADES E AS TERRAS



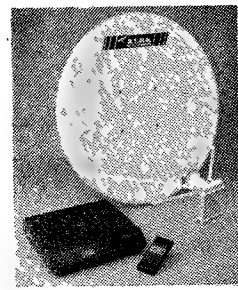
Domingo às 19.40, no 2º Canal, mais um episódio de «A Bela e o Monstro»

20.20 - BUCHA E ESTICA
6º episódio
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
33º episódio
23.00 - ROTAÇÕES
24.00 - HAJA MÚSICA

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ RTP-1

09.01 - TV RURAL
09.05 - MEU QUERIDO SÁBADO
12.30 - GRANDES TORMENTOS
13.00 - NOTÍCIAS
13.10 - SAGA DA CANÇÃO FRANCESA
14.05 - PARLAMENTO
14.35 - CRIME, DISSE ELA
15.25 - VIVAMÚSICA
16.30 - SESSÃO DA TARDE
18.10 - VIAGEM INFINITA
19.10 - SETE FOLHAS
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
21.15 - O TEMPO
21.20 - BOLETIM DAS PESCAS
21.30 - CENÁRIOS PERDIDOS
22.35 - BRITS AWARDS 1990
00.10 - FÁTIMA: PROCISSÃO DAS VELAS
00.40 - CINEMA DA MEIA-NOITE
«Toca o Tambor Devagar»

RTP-2

09.02 - UNIVERSIDADE ABERTA
10.10 - CAMINHOS
10.40 - O SOM DA SURPRESA
11.35 - UM LAR PARA OS ANIMAIS
12.25 - TELEMERCADO
12.50 - TAUROMAQUIA
13.15 - CINE-SÁBADO
14.30 - ESTÁDIO
19.00 - PRIMEIRO JORNAL
19.10 - ARCA DE NOÉ
19.55 - CONTOS POPULARES EUROPEUS
21.30 - ESTÁDIO
23.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

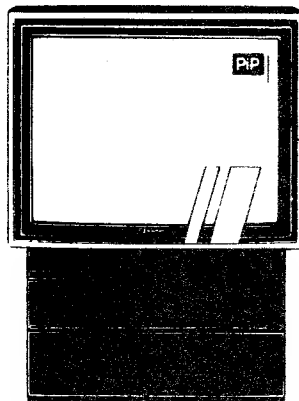
BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença



Móveis OLIVEIRA & LEAL, LDA

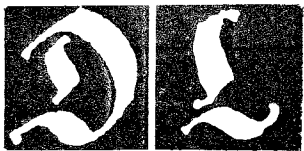
(Casa Fundada em 1945)

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de mapas veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — somniers (por medida). Móveis - sala e quarto (por medida). Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.

Entregas em qualquer ponto do país.

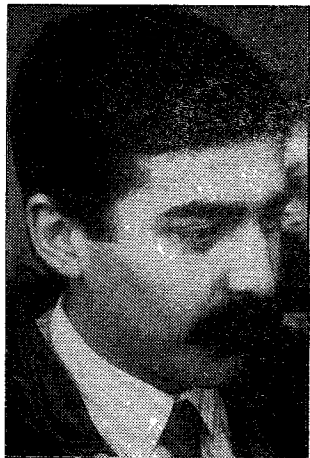
Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)



«As bipolarizações são sempre perigosas e podem degenerar em ditaduras a dois»

Moreira da Cruz, «Tempo», 10.05.90

A PERGUNTA DO DIA



José Apolinário
deputado do PS

O que pensa sobre os anteprojectos da Lei de Objeção de Consciência?

«Recusamos a perspectiva de que o tribunal possa julgar a consciência dos indivíduos e, como tal, defendemos uma solução que caminha para a concessão automática do estatuto de objector de consciência quando o cidadão fundamenta a sua pretensão por razões de consciência, filosóficas ou morais e apresente documentos que reforcem esta pretensão. A legislação actual, datada de 1985, pretendeu evitar o recurso abusivo ao estatuto. Cinco anos passados, os mais de 16 mil casos pendentes, as próprias modificações do mundo com um novo sentido para a educação pela paz e o reforço do sentido dos direitos fundamentais da humanidade, levam a que essa legislação esteja hoje desadequada. Por fim, importa harmonizar as legislações a nível comunitário, como salienta o relatório Schmidt Bauer e utilizar os objectores de consciência em acções de carácter social, cultural e de cooperação para o desenvolvimento.»

Segunda-feira no

Diário de Lisboa

Primeiro trabalho de uma série sobre a eutanásia

A visita de De Klerk a Lisboa

Toda a informação desportiva do fim-de-semana

O D L S U G E R E

a Jorge Sampaio

Aproveite este fim-de-semana para ir até BEJA. É provável que não esteja com muita vontade de se dirigir a esta cidade alentejana, depois de ali ter sido batido por João Soares na eleição de delegados ao Congresso. No entanto, talvez o desaire eleitoral se deva ao facto de os pacenses não o conhecerem, no que esta viagem poderá ajudar. Já agora, não se esqueça de ir contactando um pouco mais com os lisboetas. Olhe que também estes se podem começar a esquecer de si...



a Roberto Carneiro

Não perca a nova revista EDUCAÇÃO, uma edição da Porto Editora. Trata-se de uma publicação semestral destinada a divulgar os variados aspectos da realidade educativa.

O número zero já foi distribuído e, certamente, a editora não se esqueceu de lhe enviar um exemplar. Leia-o com atenção pois, desde a Lei de Bases do Sistema Desportivo ao Estatuto da Carreira Docente, há de tudo um pouco. E um olhar sobre as opiniões dos outros nunca é de mais.



a Carlos Carvalhas

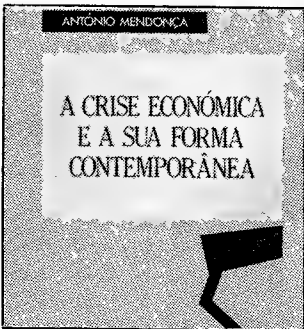
Vá ao FESTIVAL DE GASTRONOMIA E MODA DA URSS EM LISBOA. Agora que Álvaro Cunhal decidiu finalmente criar o cargo de secretário-geral adjunto e que o seu nome é apontado como um dos mais prováveis para ocupar o tão ambicionado



cargo, poderá ser útil pôr-se a par das mais recentes modas soviéticas. A atracção do líder comunista pela «Mãe Rússia» é bem conhecida, e com certeza que ele ficará contente se o seu sucessor se mostrar actualizado sobre o que lá se passa.

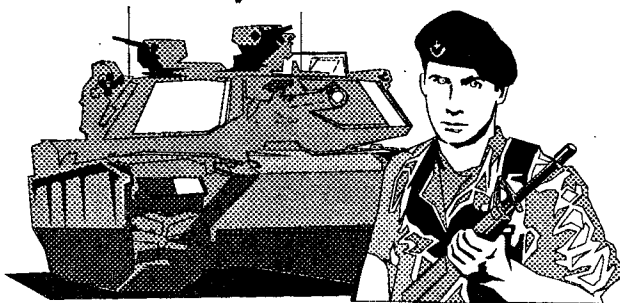
a Miguel Beleza

Leia A CRISE ECONÓMICA E A SUA FORMA CONTEMPORÂNEA, um livro de António Mendonça que é hoje lançado pela editorial Caminho. O seu autor é um economista do PCP que, com certeza, terá uma visão diferente dos sistemas económicos e das possíveis saídas para a crise. Portanto, talvez seja um contributo a não desprezar, para o enriquecimento teórico do novíssimo ministro das Finanças. E as saídas para a crise, mesmo quando vindas dos comunistas, são sempre bem vindas, não é verdade?



Grupo de trabalho sobre Política Nacional

GREJA E AS FORÇAS ARMADAS



SEGUNDA-FEIRA NO **Diário de Lisboa**



Firmamento Stockhausen

O leitor não precisa desta coluna para saber da presença de Karlheinz Stockhausen e da sua potente temporada em Lisboa. Música. Teatro. Concertos. Espectáculos, difícil de definir. Viagens planetárias. Transdisciplinaridade. Fax sonoro. Engenharia. Mitologia. Da racionalidade organizada à utopia. Heterotopia. Da música electrónica à dormideira mágica. Duração que dá sentido às coisas. Guarda-roupa de luz. Luz, ela mesma. Anos luz. O culto da respiração no sentido mais profundo.

Homem complexo, composto. Arquipelago, Composto, tal como o próprio nome: Karl e Heinz fazem um só nome. Stock e Hausen, juntos, perfazem um outro nome.

Ele, um progenitor da música do século XX, mas que o ultrapassa; construtor de pontes para um outro mundo, outro tempo, sobretudo outro ouvido. Pontífice de ritos.

Musicalmente falando, homem proteico. Goethe, e também o Goethe da segunda parte do Fausto. Controlo e liberdade. E os frutos. Wagner de outro gosto, embora também não sempre depurado, sonhe igualmente grande e integral.

Lisboa é seu cenário temporário. E a cidade como que transformada, agora vista e ouvida por nós graças a ele, parece outra terra desconhecida. A arte que munda.

E nem sempre os que são mandados o sabem. E os que ainda mandam já não mandam.

Jorge Listopad

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO

40 134

70 000 CONTOS

2.º PRÉMIO

7 468

12 000 CONTOS

3.º PRÉMIO

68 338

3 000 CONTOS

2.º Prémio

12 000 contos

Vendido hoje

aos BALCÕES da

CASA DA SORTE

LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO



CADA CONTO 1 PONTO!

COMPRA NA CASA VIOLA E GANHE VÍDEOS, AUTOMÓVEIS, ETC.

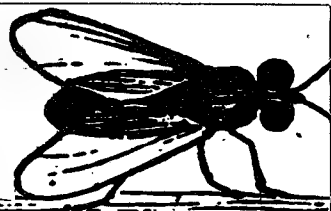
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»

LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL

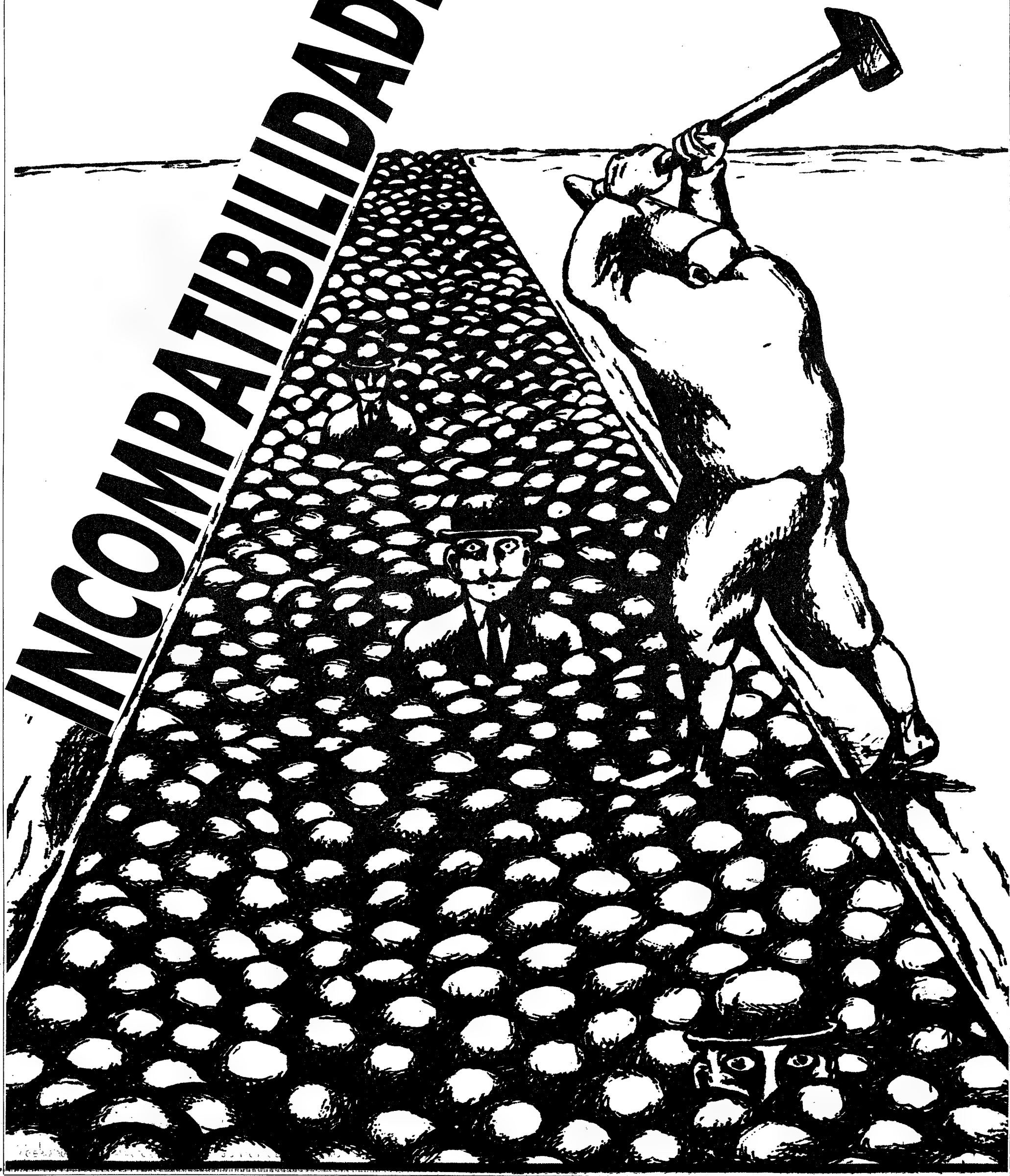
Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

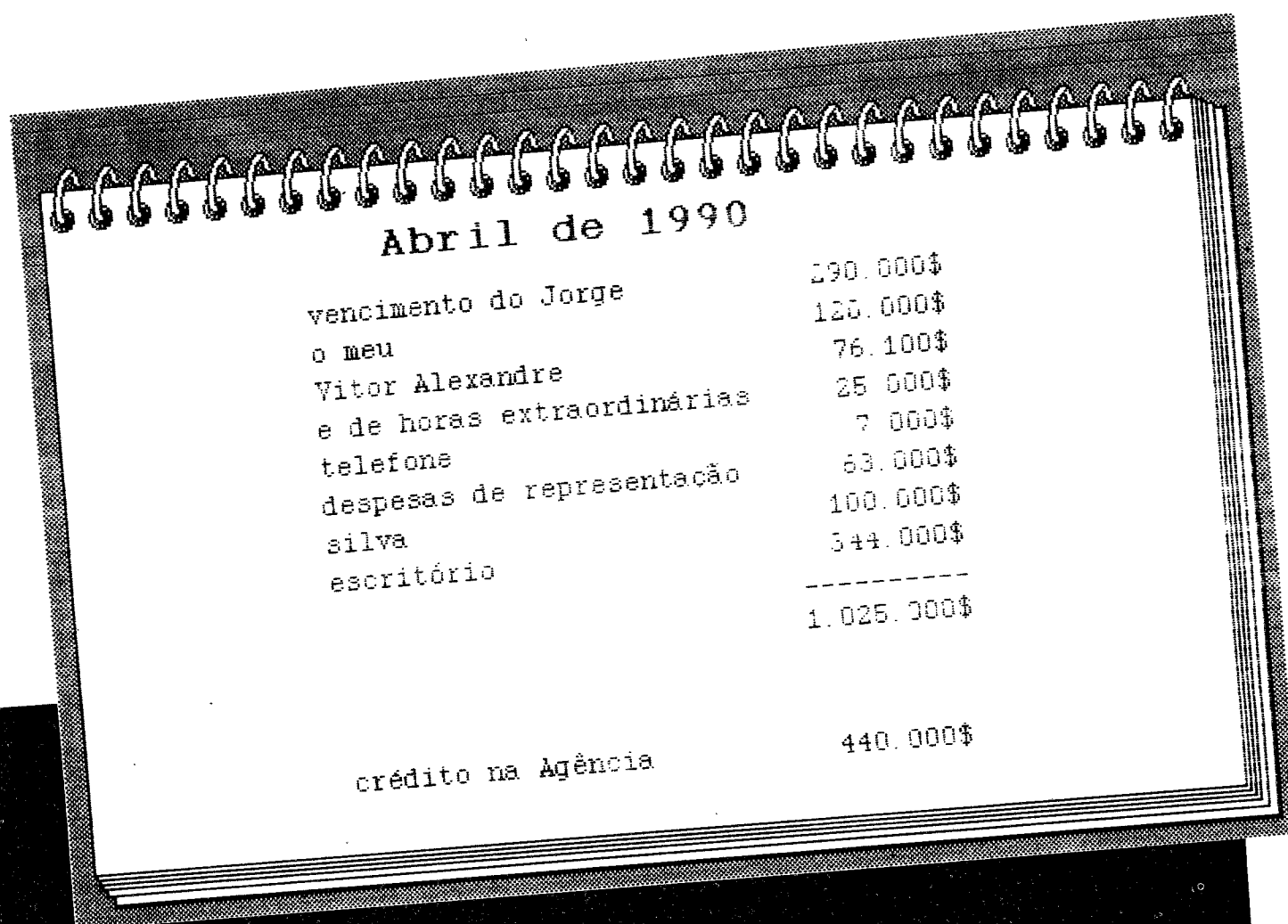
SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
11 DE MAIO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA



INCOMPATIBILIDADES





COMPATIBILIDADES, S.A.

Querida mãezinha: Finalmente sou Director-Geral no Ministério que tu muito bem sabes. O meu vencimento são 290 contos mensais.

Estava preocupado com a questão da secretária — lá no Ministério são quase todas umas incompetentes, quicá umas galdérias, e também não ia meter um matulão a secretariar-me, não fossem começar a dizer coisas, que eu não sou desses... — mas a Carla Alexandra teve uma ideia excelente: ser ela a minha própria secretária pessoal. Sempre me poupa a umas tentações, diz ela... Contratei-a e atribui-lhe um vencimento compatível, que, sem ser exagerado, marcas-se a diferença: 120 contos parecem-nos bem, que as dos ministros ganham muito mais.

O Vítor Alexandre, que lá continua na Universidade, andava a resvalar, com más companhias, arranjei-lhe um lugar de tarefeiro aqui na Direcção-Geral — são 76 100\$00 mensais — é primeiro-oficial, tem um horário especial por ser trabalhador-estudante, e sempre faz umas horas extraordinárias todos os meses, 25 a 30 contitos, lá lhe dá para ter algum dinheiro de bolso; com o ordenado, arranjámos-lhe uma cota a prazo, quando se casar já tem um pé de meia, e escusa de o gastar em asneiras, que eu quando tinha a idade dele andava com muito menos... É claro que não pomos o ordenado todo, quantos melhor parece que até ensinam com outra vontade e geralmente es-

colhem os melhores alunos para os escritórios deles, para os ajudar. Vamos lá a ver se o rapaz tem sorte e se se aplica, estou farto de lhe dizer que tem de fazer pela vida...

Esta semana vou a Bruxelas com o Senhor Ministro. A Carla Alexandra é que não quer ir, parece que o Ministro leva a mulher. Sabes como é a Carla Alexandra, não é de toleimas, mas também não está para ser enxovalhada, as outras com aquelas toilettes todas, e ela, coitada, sem ter que vestir — e, depois, a despesona que era, os hotéis, os restaurantes, e ter que ir fazer as compras com elas, que nem perguntam o preço do que compram, gostam e já está.

Felizmente as minhas despesas são todas pagas pelo Ministério, vai o Ministro, até vou no avião do Governo com ele mas mesmo assim não dava. Achámos que, desta vez, era melhor separar o trabalho do passeio, até porque a Carla Alexandra já foi comigo não sei quantas vezes a Bruxelas, a outras reuniões que eu lá tive. Mas olha, Mãezinha, que não foi fácil, não chega a 35 contos o que a gente recebe por cada dia de ajudas de custo, e a vida lá é muito cara, mesmo para comprarmos umas coisitas temos sempre de fazer uns sacrifícios. Além de que as reuniões são uma chatice, estão sempre a discutir umas coisas que têm muito pouco a ver connosco — mas se a gente não está em atenção, o nosso país ainda tinha de pagar...

Mas cá também está tudo muito caro. Os restaurantes são um horror! É verdade que a Carla Alexandra almo-

ça normalmente comigo, e assim tenho sempre motivo para dois almoços, e posso pô-los a pagar das despesas de representação... E o que vale é que agora não gastamos nada com o carro, ando no do Ministério — e como a Carla e o Vítor também lá trabalham, é claro que vão e vêm comigo, e depois o motorista até vai pôr o rapaz na Universidade.

Já sei que a Carla Alexandra lhe contou a nossa ida à Disneylândia. Aquilo de facto vale a pena! Mas se não fossem os senhores dos computadores a pagar as despesas todas — hotéis, restaurantes, transportes — também não sei como é que nos tínhamos aguentado, que aquilo são tudo preços americanos... Claro que eles tinham interesse em que eu fosse visitar a exposição dos computadores que vamos comprar lá para o Ministério — o concurso para a compra, que vai ser lançado durante este mês, tem-me dado um trabalhão — e não fizeram mais que a sua obrigação. Mesmo assim, o Estado teve de me pagar a viagem — quase setecentos contos, o bilhete em primeira classe. Mas como isto nos aviões é tudo quase igual, comer e dormir, a agência ofereceu-se para me passar um bilhete de turística e ficar lá com o resto à minha disposição. Deu para levar a Carla Alexandra e, como cada bilhete custou só 130 contos, ainda lá temos com que dar um passeio. Ela anda a insistir comigo para irmos a Banga-coque, parece que é tudo muito barato.

No partido é que as coisas não estão a correr lá muito bem. No outro dia, perdi a cabeça com aqueles arri-

vistas, que vieram depois de mim e parece que têm o rei na barriga e disse-lhes umas tantas verdades... Houve quem não gostasse e me acusasse de estragar o ambiente, e o senhor doutor que é lá o presidente da concelhia ficou aborrecido por eu não lhe ter dito nada antes, que nem o avisei, nem ao menos tive em atenção que os terrenos em que me meti eram apertados... eu que não julgasse, lá porque era Director-Geral, que tinha só direitos, e não tinha deveres... Ainda me insinuou que afinal cuidava mais de mim que do partido e que, sobretudo, não tratava como devia ser das contribuições que podia recolher nas minhas funções. Sempre vou ter de falar com o Silva das obras, para ver se ele se descose também com algum para o partido, que eu já estou farto de lhe dar empreitadas a ganhar nos concursos que fazemos lá na Direcção-Geral.

O escritório também me tem dado algumas preocupações. É que com o trabalho todo da Direcção-Geral, passo lá pouco, e esá tudo à mercê dos outros colegas. Tenho quase mais despesas que benefícios. O que vale é que ainda há uns clientes fiéis, que querem sempre que seja eu a tratá-los dos assuntos — gente boa, que também me dá quando é preciso uma mãozinha na Direcção-Geral...

Bom, vou acabar, que esta carta já vai longa. E vejam lá se a Mãe e a Carla Alexandra se deixam de falar tanto ao telefone — já basta o Vítor com as namoradas! É que o telefone é uma renda, e o Estado não chega a pagar-me sete contos.

Texto de
Fernando Brederode Santos

UM QUE NÃO SE ATRAPALHA

Tenho na província uma tia velha, chata de se preocupar connosco, a parentela. Às vezes, de tanto me atazanar sobre como vão as coisas, e não só comigo mas com este, aquele e aqueloutro, que a família é vasta, lá lhe respondo. Deve ser por isso que é em cartas para mim que ela mais gasta em selos do correio. E agora foi um despesão, só por causa da questão das incompatibilidades, da qual, esperta que é como um alho, se apercebeu lá na parvónia, através do Telejornal, e logo julgou que podia prejudicar o mais bem sucedido dos sobrinhos, o meu primo Eduardo, para nós o «Dadas».

E pronto, lá não tive outro remédio senão escrever-lhe a tranquilizá-la. Pois o que é que ela imaginava? Que o «Dadas» é algum parvo para se atrapalhar por tão pouco? Ó tia! Deixe-se disso. Já se esqueceu do 25 de Abril? Nós todos de coração na boca, que então é que ele havia de pagar aquela imprevidência de andar pela Mocidade Portuguesa, desde chefe de quina a dirigente, passando por patentes de nome sonante, como comandante de castelo e de bandeira, e depois ainda se ter inscrito na Legião... Qual quê. Lá teve artes de conseguir que ninguém falasse nisso. Havia de ver, pelo contrário, a deferência com que o tratavam. À pala do curso de ginástica, era o sr. professor. E vá lá saber-se como e porquê, lembraram-se dele para gerir empresas.

Ó tia! E então não se lembra daquele assalto patusco a um quartel, que tanto a fez rir, o 11 de Março, e da sua preocupação quando soube que o pessoal lá da empresa quis correr com o «Dadas» -- «saneá-lo», como se dizia? Da pinta com que ele, de um dia para o outro, saltou de poleiro, dessa vez para a administração de um jornal, se a memória não me traiçoa.

Ó tia! Tia! E o seu susto quando esse jornal fechou... Aí é que ele ia pagar todas juntas, supôs a senhora, que sempre desconfiara de tanta fartura, o carro com motorista às ordens, o jantar a que nos levou a todos quando a tia fez os 80, guardando depois a factura para apresentar à empresa...

E quando o tio Ricardo lhe disse que, sem estar ligado a um partido, não ia longe? O que ele respondeu: que não estando ligado a nenhum, podia estar de bem com todos -- pelo menos, dos que interessassem. Um coral, o nosso «Dadas», não diga que não.

Quem mais, de entre família, era capaz de dar a mão como ele deu à mana, à Adelaide, naquela história tão desagradável do peixe de conserva. E ao mano, quando foi daquela confusão da importação de cereais...

Tia: a tia sabe muito bem que nunca fui propriamente unha com carne com o «Dadas», que ele me irrita com aquele riso molenga de quem não parte um prato e acaba sempre por ser quem melhor se orienta, à custa nem se chega a perceber bem de quê. Mas lá intranquilidade, honra lhe seja feita, nunca nos deu. Telefonei-lhe, quando foi agora deste problema de lhe quererem reduzir os rendimentos. Ele estava à vontade. «Isso vai ficar para as calendas», disse-me logo. «Então tu não viste já» -- continuou -- «o que ia ser a instabilidade deste País desgraçado, se nos obrigassem, a nós, pessoas respeitáveis, a escolher entre cargos públicos, que desempenhamos por patriotismo,

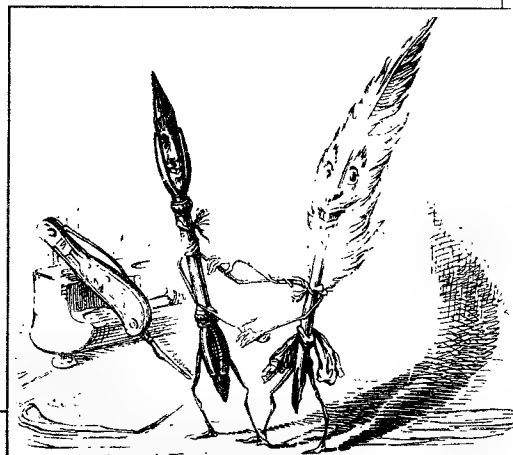
e os que nos asseguram o pão para os filhos?»

Explicou-me mais. Nessas circunstâncias, quem se interessaria por pastas ministeriais, secretarias de Estado, Direcções-Gerais, quem senão juventude ambiciosa, infiel no seu carreirismo, perigosa na falta de escrúpulos? São os videirinhos de título académico fresco, os militantes recém-saídos das juventudes partidárias, os únicos apoiantes genuínos desse demagógico projecto de lei, que o

bom senso parlamentar fez abortar à nascença.

Ó tia, tia...

Ela há-de ter dormido descansada. Mas para isso tive de calar foi o que se passa com o primo Zé. Esse nunca teve muito jeito para se governar, coitado. Agora, é contínuo na televisão. E se lá os patrões descobrem do seu biscate como porteiro da noite de uma rádio-pirata da Outra-Banda, quem é que irá valer-lhe às crianças!..



Como *africander*, o sr. Barjona é uma bestinha mansa e pegadiza, sem entusiasmo, porque nem a idade nem a índole permitem que ele se entusiasme: sem proficiência, porque tirante escamotações forenses, não consta que o homenzinho tomasse gosto por outras questões que não revistam a forma de charutos de seis vinténs, e de baixos-ventres de sopeiras: e finalmente sem a menor familiaridade com os instrumentos que poderiam facilitar-lhe a tarefa, *verbi gratia* o maneio da língua falada pelos diplomatas com quem havia d'entender-se.

Ajustaram-no à toa, como um mergulhador inexperiente de ofício, e sem escafandro expediram-no para as profundezas do *Foreign*.

Inutilizá-lo como oposição no Parlamento, comprometê-lo como negociador, perante o País, tais parecem ter sido os móveis dos seus nove meses de Londres, ao fim dos quais *lord* Salisbury lhe fez parir o monstro do tratado. Ele mesmo pasma de o terem achado bom para uma missão de tal delicadeza, e no Livro Branco, a cada passo acorda o seu estribilho fúnebre — *inquieta-me a confiança do governo!* como um remorso do latrocínio consentido.

Inda esta ignorância podia esconder-se em Londres por trás duns monossilabos graves, peculiares e certos diplomatas, que fazem do grunhido uma eloquência, e ainda esta indiferença podia passar por *aplomb* de embaixador, se acaso o sr. Barjona fosse um homem de mundo, e competisse em gentilhomeria de maneiras, em correção altiva de porte, em desdenhosa elegância, em espírito vivo, em requinte, com as personagens superiores, com quem no decurso da sua missão sem dúvida houve que conviver e discreitar. Porém Lisboa conhece por de mais o ilustre esquadrista, para cuidar que ele iludisse o inglês quanto à proveniência duvidosa das suas poupas, e quanto ao *selected* dos seus arrotores durante as refeições.

É um advogado de província calcado sobre todas as pelintragens da vida de boémio, acrescentadas de todas as licenças da vida de solteiro. Duma origem plebeia — o que não é indiferente na gestão dum diplomata — toda a vida pobre, e com pequenas angústias quotidianas de cinco libras perdidas à batota, ele acusa nos mais pequenos detalhes do seu espírito e da sua figura, essas saburras ínfimas do cavador que está por baixo do *outro*, do homem cultivado, e a cada instante interveio para o amadurecer, seja onde for. Mesmo a sua figura é deplorável, com feições de cigano e sangue de mulato. Nos cabelos corrediços chorando banha, na implantação viciosíssima dos dentes, bordados de limugens perto da raiz, na barba rala, empastada de herpes, no prognatismo

da maxila inferior, avançando otusamente com uma sensualidade rude de gorila, no feitio da barriga, gastralizada por indigestões de comidas ordinárias, no desenho das mãos rugosas, com palmouras, dedos cheios de nós, unhas chatas, estriadas ao través como as pobretões descalços, no ritmo do andar, cambaio, como quem leva um frete, no parêntesis das pernas, no feitio do cachão, uma inferioridade atávica ressaltada, de raça espúria, cruzamentos que aviltam o homem, e o desviam do tipo puro de que certos representantes das raças loiras parecem ser o ideal inigualável.

Folheada a sua vida, justapõem-se defeitos funcionais às imperfeições orgânicas que vêm de ser traçadas. Conta seu tio, que até cerca dos quinze anos não foi possível evitar que ele todas as noites mijasse na cama, nem tirar-lhe da cabeça ainda agora, que as unhas dos pés são comestíveis. Sem delicadeza alguma do carácter, sem fixidez alguma nas ideias, nada o interessa além das mulheres, do jogo e da comida, únicas coisas de que ele abusa, e subordina ao sibiartismo de si próprio, sem lhe dar sequer um instante d'alma agradecida. Tão pouco o seu humor provém de bonomia: é cínico, erótico quase, radica-se no desprezo de tudo, vem da negação de tudo: não tem amargura, que ainda pressuporia veemência, interesse, mas é uma coisa glacial vinda duma alma morta para as alvoradas da crença e para as primaveras da emoção. Sendo ministro, um deputado exigente, cansado de lhe pedir não sei que lugar farto, atreveu-se a dizer que se a pretensão não visse despacho, ele atiraria com a albarda.

— Não atire, não atire, respondeu-lhe Barjona, que eu não estou acostumado a montá-lo em pêlo.

Doutra vez, vindo com Sampaio duma recepção real, no mesmo carro, conversavam os dois sobre a ridícula tarefa de genuflectir perante as majestades, em certas épocas marcadas pelo calendário. E Sampaio, resignado: — Enfim os salamaleques ao rei ficaram feitos; toca a ir repeti-los agora ao D. Fernando.

— Que quer você? Disse-lhe o outro. Depois da ajuda vêm sempre as necessidades.

Por sob aquele verniz de político, e a desabusada *nonchalance* d'estadista, o plebeu que lhe está por baixo da pele, e é o verdadeiro Barjona em carne e osso, compromete-lhe a *allure* de grande homem, ridiculariza-o, achincalha-o, é o seu carrasco e o seu suor frio. Tem secretamente a raiva de ser gebo, e prazenteramente haveria trocado a posição culminante de agora, por umas tripas que dessem menos roncões, crescendo que o seu ar negligente esconde a mais

UM ENVIADO EXTRAORDINÁRIO DO GOVERNO PORTUGUÊS AO «FOREIGN-OFFICE»

terrível fascinação p'los que vestem a primor. Todos os seus amigos conhecem a sua maneira especial de tomar o braço, beliscando afectuosamente a polpa do bíceps. À primeira vista, parece cordialidade, mas reparando em que ele só belisca os bem vestidos, advém-se na conclusão de que o faça antes para ajuizar do pano das sobrecasacas correctas, que são o desespero da sua vida.

De facto a sua manueira como gentleman reveste quase uma feição grotesca de morgado de Fafe e de Mr. Perichon en allant à la noce.

É um apologista dos colarinhos postiços, dos peitinhos de borracha, e das gravatinhas alfinetadas de jóias duvidosas. Tem a paixão da melena varrida sobre as fontes, das pomadas cheirando a virilhas de magano, dos grilhões de saio, de meio quilo de berloques, pendulando. No fura-bolos, o clássico cachucho de guarda-municipal; boquilhas complicadas de caixeiro, com veados, cupidos, mulheres nuas — e como se não fora já típica a sua meia de linha, e o sapato de peito de casimira, colchetado a banda como bonés de jóquei, tem ainda por cima o mau sestro d'entrapar as pernas com cortes flor d'alecrim da fábrica de Arrentela, e de roer as unhas em sociedade, depois que as adubou co'a murraça herpética que vai raspar às profundezas da gaforina.

A sua chegada a Londres, entre o cornaca Carrilho, e *ces dames*, é uma destas páginas de cómico, donde o inverosímil poreja em risos insustáveis, tamanha a inventiva expensa na concepção duma tal cena.

Imagine-se o pessoal da embaixada na gare, em *toilette* — o sr. Luís Soveral com o ramo de rosas prestes, e o braço em arco, aguardando à portinhola do vagão, a embaixatriz — a porta que se abre, Carrilho o primeiro que apeia, carregado como um ferro-velho, caixas de chapéus, dois fraldiqueiros, moringues d'Estromoz, cabazes de mil formas, e por cima de tudo um cobertor da Covilhã, que servira ao embaixador de *couvre-pieds*...

Depois, na confusão dos balões e das saias de chita, princesas barbacenas, que assomam, com cintos de fivela, malas de tapete, embrulhos despecionados, e todas com lenços de malha ao pescoço, capas medonhas, lenços amarrados por cima dos chapéus; e espavoridas, a triqueira com medo de ser esfaqueada por Jack o estripador, a magricela aos vômitos, com o estômago azedo dos tombos dos comboios, a gorda a gemer com inflamação na gengiva dum dente cariado — e por ali fora, uma inferneira de cestos de provisões, gaiolas de passarocas, gatos em sacos, chouriços escondidos, como se tudo aquilo reentrasse dum arraial português, fora de portas.

Já a esse tempo o amavioso Soveral tem crescido sobre a que lhe pareceu mais grande mundo, e vai para oferecer-lhe o ramo que trouxera: mas interveio Barjona, dizendo:

— Essa não, que é a Francisca... a tempo d'aínda, que o poder empurrar o braço para uma magra, de coifa, o bu-



ço forte, e cujo chapéu de penas verdes e encarnadas lhe infunde um ar de catatua impaciente. Aí se engancha todo aquele belo sexo nos braços da embaixada contrafeita, e o cortejo atravessa as salas numa ronda de escandalizar o próprio bilheteiro; quando a Francisca, que já pelo caminho dera mostras de estorcida, começa de esfuziar pequenos ais, que o seu braceiro interpreta como testemunhos de ternura.

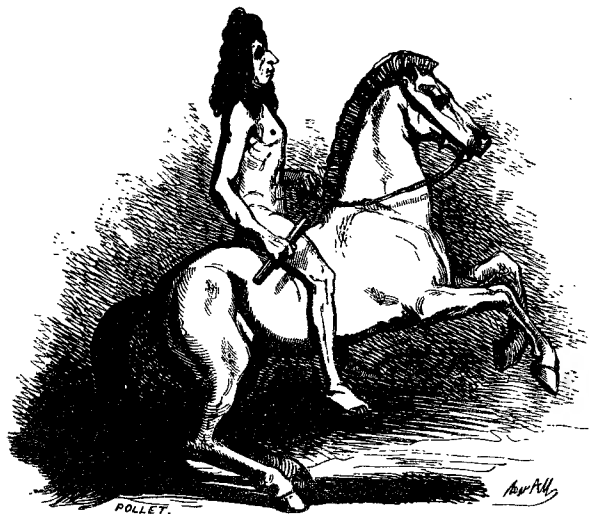
— Londres, minha senhora, é todo um mundo, o clima frio, mas os corações aqui batem depressa...

E a dama, pálida — Valha-me Nossa Senhora! eu já não posso!

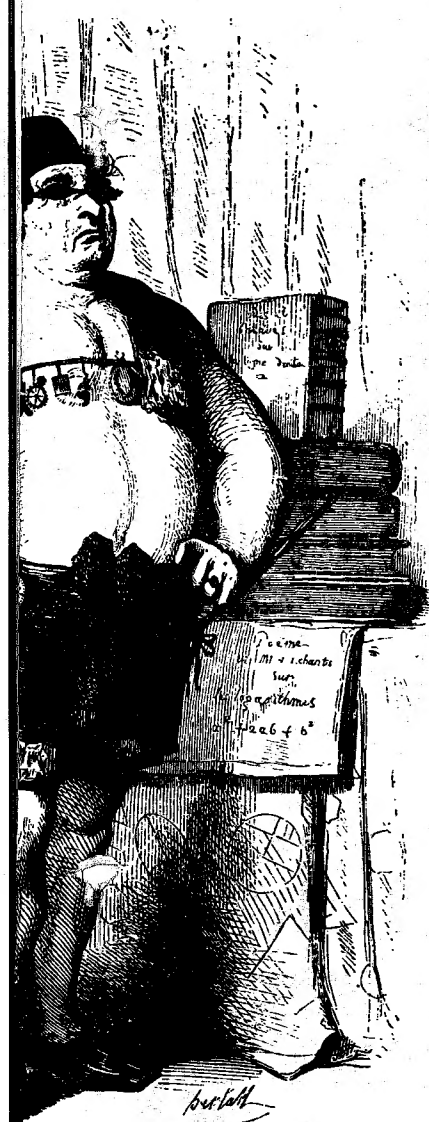
— Portugal faz-lhe saudades, prevejo, mas encontrará aqui em Londres quem há-de saber compreendê-la.

Lá desfalece a pobre nos braços do precioso que assim fala, rumor na sociedade, copos de água no ar; té que Barjona chega de sapatinhos de feltro, boné de merceeiro, escapo alfin das unhas dos polícias, que pretendiam tomá-lo por um assassino italiano. De roda, é um gastar de condolências: não há-de ser nada, delíquio passageiro, efeitos do calor... quando a das plumas verdes interveio: — Diz com franqueza, menina, o que tu queres é dar de corpo...

É exactamente o que ela quer, *alibiarse*; e de casaca, expendendo graças Luís XV, todo aquele pessoal da legação, vindo p'ra render homenagem ao seu plenipotenciário, acaba por enfriar *toilette* e espírito ao cortejo drolático duma *jeune personne* que destempera em caganeira.



ORDINÁRIO PORTUGUÊS OFFICE»



vulsa! — nem o próprio Carrilho o reconhece. Tanto o aspecto do nosso plenipotenciário mudou c'ô banho, que depois de limpo é que verdadeiramente parece que está sujo!

Terceira aguarela: a sua entrada no Foreign-Office. Quem quiser ter a psicologia do sr. Barjona, neste vertiginoso instante da sua vida, leia a carta onde o Calisto Elói da Queda d'um anjo, descreve à esposa a sua primeira sessão na Câmara dos Deputados.

O personagem grotesco de Camilo serve maravilhosamente a nos visionar o patusco homem de pau do sr. Hintze. Em Calisto, Elói por ventura uma inteligência menos viva, posto mais útil, e a austerizá-la, um sentimento de conveniências extra-gótico, quase escultural.

No sr. Borjona de Freitas, a sua antiga cabeça do génio coimbrão que estende os lentes, mas já sem viço, num começo de delinquescência encefálica que os excessos explicam, e onde sobrenadam apenas algumas anedotas de frades, e algumas deterioradas receitas de casuista.

Em par desta antecipada provectude, a sua insipidez como homem de ciência, que mal sabe onde a África fica, que desconhece os mais rudimentares prolegómenos do problema colonial, e vem ao acaso, sem plano de negociações, nem uma base sequer para ponto de partida — e achincalhando tudo, pesando sobre tudo, aquela sua irreparável condição de homem grosseiro tímido pobre, endividado, sem linha fidalga, nem mãos apresentáveis, com o ventre hidrópico, pernas de feto, chispes de fadista, o todo ele às arrecuas, mal seguro de si, armado no ar, comprometido, com uma vaga consciência de fazer junto de Salisbury a figura dum orangotango ao pé de Júpiter.

Quarta aguarela: o sr. Barjona na antecâmara de lord Salisbury, depois de quatro horas de bilhetinhos, recadinhos, e inúteis tentativas para que o orgulhoso chanceler britânico o recebesse. É a 12 d'agosto: os corredores do Foreign já devem conhecer o passinho mole do enviado português, as fumaças do seu charuto enorme de couve de Hamburgo, e as longas horas arrastadas junto dos fogões, a conversar com os criados, que ele a princípio tornou por diplomatas, e a que depois pôs a mão no ombro, tratando-os por coisinhas, com tentativas de suborno, de cruzado, a ver se assim seria recebido mais depressa. De conferências e jantares, Salisbury acabou também por se fazer conceito nítido acerca do estranho homenzinho em quem o little Portugal delegou poderes completos para a partilha da África portuguesa, e como porteiros e contínuos, grandes e pequenos empregados do Ministério ele está senhor dos processos e dos meios desse picaresco embaixador, que dir-se-ia fugido das operetas da Trindade. Porque a todo o inglês feito de cálculo repugnem as

longas dissertações e as hermenêuticas de pório, resultou que à segunda entrevista já Salisbury manifestava pelo nosso enviado uma embriração picada de desprezo. Porque antes de político, Salisbury é um homem de corte, fidalgamente nado, e afeito a tratar gente elevada, e a estofa plebeia do nosso ministro, de cachucho no dedo, pus nas gengivas, olho mortiço, tartamudeando um francês de fantasia, e antepondo aos argumentos práticos, pequeninas espertezas risíveis de casuista, breve o desgosta, à medida que o cheiro a raposinho que ele exala, sob os perfumes, que o riso podre dos seus dentes de fumista, que o desenho vicioso dos seus dedos, que a leprosidade geral de toda a sua pessoa, lhe reconstituem a vida passada desse homem, pintando-o como um destroço humano, em regressão às curiosidades de hospital.

Desde esse dia, Salisbury não se sente bem ao lado dele, e evita senhoras nos jantares em que tenha de o sentar à mesa. Porque não há meio de o fazer conversar duas horas, sem que a sua boca vomite alguma facécia bocagiana. O sadismo extravasa dos menores detalhes da sua convivência: não há gesto seu, por cavalheiroso, que se não possa interpretar por um manguito, tique de pálpebras que se não filie, no subentendido brejeiro que nós outros conhecemos pela designação de piscadela de lúzio.

Aí vai uma gentileza a lady Salisbury, no primeiro jantar que esta lhe deu: — *Mme. la marquise a pour servantes, les plus belles femmes du monde! En vérité j'en rafole de coucher avec...*

Doutra vez, discutindo uma questão de limites, e as condições de construção do caminho de ferro de Pungue, o sr. Barjona subitamente possuído da sua velha adoração pela alfaiataria de luxo, levou a mão ao braço de Salisbury.

— Mylord, quanto lhe custou esta sobre-casaca tão catita?

O presidente do conselho começa desde então a recusar-se às suas entrevistas, a fazê-lo esperar horas e horas na antecâmara, a discutir com ele por intermédio de sir Currie, uma espécie d'Ornelas inglês, de monóculo, vazio que nem uma ocarina. E aqui as evasivas, as frases secas, as insolências humorísticas. Em 17 de Fevereiro *«le passé est passé, le temps est un grand modérateur»*. Em 21 de Março: *«Mais uma vez fizemos notar que o Zambeze é uma via internacional, e não pode ser considerado propriedade exclusiva duma só potência. Se, por causa desta precaução se der infelizmente algum conflito, a responsabilidade não recairá sobre o governo britânico»*. O nosso direito histórico fundado na ocupação tri-secular e na descoberta, Salisbury chama-lhe *«pretensões arqueológicas»*. Barjona comunica fielmente ao sr. Hintze o que se passa; e quanto mais batido pelo ministro inglês mais fascinado! Trechos dos seus telegramas referindo entrevistas parecem arrancados à criada Juliana do

Primo Bazílio «Tive hoje a honra de ser recebido por lord Salisbury — que esteve mais duma hora a falar comigo».

E noutro ponto «lord Salisbury», cujos bons desejos de nos ser agradável são o mais evidentes possível...». E mais além a «solicitude de lord Salisbury para connosco vai além das minhas mais carionhosas suposições...». Hem?

Há nestas palavras, adorações de mulato, feitas de baixeza e duma espécie de desejo físico que evidentemente põem o negociador português na subserviência de quem assim o fascinou. No momento de escrever o que acima vimos, o sr. Barjona está preparado para ser tudo quando Salisbury queira, seu pedicuro ou seu barbeiro, e para escorchar as aspirações do povo português a respeito d'África, apenas o ministro da rainha Vitória tenha um gesto, ou se digne fazer-lhe olhos gaiatos. Salisbury tornou-se para ele um não-me-toques: se procurarem bem nas malas do sr. Barjona, encontrarão uma velha ponta de charuto, secretamente apanhada do escarrador como recordação da primeira entrevista no Foreign. Falem-lhe dele; porá a mão no peito, e exclamará, revirando os olhos — se o vissem! que regalo de homem! — confessando que o seu desgosto foi não lhe ter furtado um lenço, vê-lo no banho, ou constatado a cor das suas meias. Esta pachochice é conhecida e é humana, dando-se — e é o caso — entre um tipo de raça pura, como Salisbury, e um labroste d'infima escuma portuguesa, como o nosso esquerdista. Não há esforço de vontade que a inutilize, abalo que a suste: o homem que uma vez a experimentou, vai cegamente, à mercê do outro, numa humildade de amante e numa abjeção de escravo, prestes às maiores vergonhas, por comprazer da idolatria que o alucina.

Tal a crise física e afectiva do sr. Barjona de Freitas perante os provados desdêns e a manifesta repulsa com que o ministro da rainha Vitória houve por bem pô-lo a distância, interpondo o estafermo de sir Currie por medião de negociações, que para nos deixarem com honra, deveriam ser tratados verbalmente. Nas unhas do seu déspota e fetiche, o sr. Barjona é uma espécie de coelho que se presta aos divertimentos do furão, um sacrista ranhoso que assina de cruz quando o outro quer, e ainda mais aquilo que ele não quer.

O Livro Branco está cheio de cessões de territórios e regalias à Inglaterra, sem disputa quase, e com um carácter de presente de núpcias manifesto, que dá medida do preço por que o nosso enviado comprava os sorrisos do seu chulo. Nunca em verdade a intervenção dum homem ordinário foi mais funesta em causas diplomáticas!

Que importa que Portugal ceda à Inglaterra 400 000 quilómetros quadrados de terras auríferas, florestas, cursos de água? Lord Salisbury deixou-se pisar o pé pelo sr. Barjona. Que importa que todas as cláusulas do convénio de 20 de Agosto sejam a projecção na África Portuguesa, das tiranias que o senhor da roça impõe ao escravo? Lord Salisbury dignou-se dar o pé ao seu humilde servo o plenipotenciário português!

E eis aí como, à parte as irremissíveis razões que a nossa fraqueza traz à perda de África, outras mais próximas querem precipitar a catástrofe por chafurdeiros asquerosíssimos.

Qual a do sr. Hintze nunca ter tido talento. Qual a do sr. Barjona nunca ter tido casacos.

E neste ponto fecharia o álbum uma aguarela impressionista: o sr. Barjona à volta de Londres, puxado a bubões caminho de Benfca, veria arder, numa hora amarga, algum daqueles grandes charutos que lentamente o têm embrutecido. E à guisa de legenda:

— A minha biografia política é este charuto, que a pouco trecho d'aceso, líquida em cinza, fumo, e mau cheiro.

Texto de
João Isidro

Quando Noé pilotou a Arca atulhada de bichos aos pares, o mundo diluviano era regido por uma lei de incompatibilidades. O leão não olhava guloso para a gazela e estava fora de causa o acasalamento entre um grande sáurio e uma galinha. Enquanto duraram as chuvas, houve uma lua de mel colectiva e feliz, em que a promiscuidade era mentira, como todas as palavras de muitas sílabas e apesar da carência de espaço. No céu finalmente sem nuvens, despontou o primeiro indício de que as coisas estavam a mudar: um arco de todas as cores a cobrir o horizonte, de lés a lés. Era à maneira de um PSD do Verão de 87. Viessem de onde viessem, todos cabiam no arco avistado pelos passageiros da Arca, primeiro barco do amor sem produção norte-americana.

Compatibilidades genéticas

Assentaram as tempestades, Noé inventou o vinho, mas as incompatibilidades nunca mais foram o que tinham sido, quem sabe se por causa da química do santo homem. Engenhosos descendentes principiaram a fazer espécies a martelo, a ponto de da lascívia de burros e éguas nascerem bichos fortes, capazes de carregarem todos os destinos de todas as nações: as mulas.

Alguns detractores produziram livros em que se declarava impossível a procriação de seres híbridos. Mas, como qualquer português sabe, o pior coice, o mais inesperado, vem da prole dos que se decidiram fazer de mulas.

Compatibilidades morais

A dona de casa que nas manhãs da praça e da mercearia discute com as companheiras de compras os eventos pretéritos e previsíveis das personagens das telenovelas é outro caso de triunfo da compatibilidade.

Em primeiro lugar, porque só em sonhos inconfessáveis desejou passar mais de metade do tempo na cama, com um galã. E depois porque os princípios sólidos inculcados por mãe virtuosa a inibem de aventuras desse género, salvo se fruídas a prudente distância do televisor (perto até faz mal à vista).

Com uns palmos de permeio, a aventura do despautério torna-se compatível



EM DEFESA DOS COMPATÍVEIS

com a moral, em noites de dias úteis, sempre à mesma hora.

Compatibilidades organizativas

Impedido de ir ao Congresso do seu partido de quase sempre e carente de mais uma badalada reunião do INES, sente-se organizativamente enquadado o militante de base do PCP e recém-

inscrito na estrutura que, no mínimo, representa o sector intelectual.

Presente que está só, mas nos cartões que guarda na carteira sabe que se encontra em boas companhias.

É tão bom não ter que aturar controvérsias e discussões no estilo de pescadinha com rabo na boca, que até se torna compatível a exclusão sorna da

célula com o esvaziar lento da dissidência.

Compatibilidades de Estado

«Tudo o que interessa à General Motors interessa aos Estados Unidos e tudo o que interessa aos Estados Unidos interessa à General Motors», dizia alto e bom som Henry Cabot Lodge, que passará à História mais por esta máxima que pelas negociações internacionais que conduziu, como negociante a bem da firma e como negociador em honra do Estado.

Em Portugal, bem entendido, a Ciência Política ultrapassou o puritanismo vesgo dos gringos que, ou estão na General Motors, ou no serviço público. Desde os Descobrimentos que queremos estar em todo o lado ao mesmo tempo, com uma aberta para ir buscar algum à Comissão dos ditos.

Por isso, as incompatibilidades não passarão.

Texto de
Roby Amorim

COMPATÍVEL É SOFRER EM CONJUNTO

Pataniscas de bacalhau não são compatíveis com um *chateau* qualquer coisa à excelente temperatura de 6 graus; também não é coisa que se leve à mesa no almoço solene que se oferece ao conselheiro a quem devemos certos favores.

Compatível é, certamente, que eu diga ao amigo de infância: «A cerveja esgotou-se no frigorífico, vamos beber uma ali fora no café da esquina». Mas é incompatível que eu faça uma semelhante despropositada proposta ao já citado conselheiro (que, acrescente-se, não conheço de parte alguma).

É incompatível que o merceiro onde andei todo o ano a fazer compras me presenteie no Natal com um embrulhinho de chocolates «para

o seu netinho». O mínimo que se lhe pode exigir é que me ofereça uma garrafa de espumante nacional. Já é compatível, assim, assim...

Incompatível é a dupla tortura de ter que pagar a taxa da Televisão e ter que ver os programas produzidos pela RTP.

Incompatíveis são, frequentemente, os namorados, mas acabam por casar-se e verificar que, por acaso, até podem juntar alegremente uma série de coisas compatíveis.

Compatível, dizem os matemáticos, é um sistema de equações que admite pelo menos uma solução comum. O que é o mesmo que dizer que pode, desejavelmente, admitir muitas outras dessas soluções.

O certo é que nunca se pediu aos matemáti-

cos que soubessem português: o que se lhes exige é nos expliquem por que razão dois e dois são quatro. Se soubessem a sua própria língua poderiam ir um pouco mais longe.

Ou, melhor, se conhecessem as bases profundas das palavras que vão debitando.

Compatível, na verdade, deriva do verbo latino *compati*, cujo significado concreto é *sufrer com*, *conjuntamente*. A incompatibilidade será, assim, cada um ir sofrer para o seu lado, como os apaixonados desavindos das telenovelas.

Ora este já longo seriado de compatibilidades e incompatibilidades televisivas começam a fazer muita gente conjuntamente. Ou seja, começa a tornar-se compatível, como entenderia um bom romano.

Texto de
Ernesto Sampaio

PERFIL DO IDIOTA



O idiota é geralmente competente, moralmente irrepreensível e socialmente necessário. Faz o que tem a fazer sem dúvidas ou hesitações, respeita as hierarquias, toma sempre o partido do bem e acredita religiosamente nas grandes ficções sociais.

A incapacidade de relacionar as coisas, as ideias e as sensações transforma-a ele em força. Assim, como lhe escapam as causas e os fins do que lhe mandaram fazer, fá-lo com prontidão e limpeza, sem introspecções inúteis. Do mesmo modo, como vê no destino o único regulador da vida, acha que se uns dão ordens e outros obedecem é porque todos cumprem misteriosas injunções da providência, as quais é não só inútil, mas criminoso sondar.

O idiota só pode ser bom. Para o mal, precisa-se de imaginação, inteligência discriminativa, espírito científico. Como também não dispõe de virtualidades poéticas e é, portanto, incapaz de se criar a si próprio, idolatra quem o criou. Deus em primeiro de tudo, e depois seus pais.

O idiota é um bom cidadão. Sem ele, a sociedade entraria em curto-circuito, incendiada entre os polos do dever heróico e da desobediência revolucionária. Dado ser-lhe vedado apreender o nexo que liga a evolução dos meios de produção à transformação de propriedade, acredita de facto que o corolário das novas tecnologias é o reforço da iniciativa privada, da livre empresa e do livre mercado. É o único que acredita nisso e ainda bem. Se ninguém acreditasse, esta sociedade parava.

O idiota é todo liberdades.

A idiotia também faz bem às artes, principalmente às audiovisuais. A concentração do idiota numa ideia fixa, torna-o especialmente receptivo às músicas de ritmo simples e batida forte, o que facilita extraordinariamente o comércio

discográfico, com todas as vantagens que daí advêm para **producers** e **performers**, enfim, para o tecido social. No que concerne às artes plásticas, tudo é mais profundo se não houver interferências entre os olhos e as mãos. As ideias perturbam, turvam o olhar, atrapalham o gesto e, nos casos de ideologia aguda, daltonizam as cores. Sem imagens, uma cabeça vazia endoidece.

Embora para um idiota seja uma desvantagem não saber que o é, normalmente ninguém lho diz: segundo Brecht, «tornar-se-ia vingativo como todos os idiotas». Aliás, o mesmo Brecht diz que ser idiota não é grave: «É assim que você poderá chegar aos 80 anos. Em matéria de negócios é mesmo uma vantagem. E então na política!»

O idiota puro é o idiota jovem. Com o tempo, torna-se cínico, adquire hábitos esquisitos, sempre à procura do que lhe serve ou lhe rende, em busca de técnicas de obter sucesso e se sentir bem, sereno, de boa saúde e belo aspecto: cristianismo, ioga, dieta macrobiótica, drogas, parapsicologia, psicanálise, etc.

Para o idiota, os sentimentos e as emoções são «uma boa», constituindo dados manipuláveis. Em si mesmos, não lhes acha qualquer sentido ou valor, mas de qualquer modo são coisas que lhe podem trazer vantagens ou desvantagens: é preciso, portanto, avaliar-lhes as implicações e consequências. Ao lidar com sentimentos e emoções, os próprios e os alheios, o problema, para o idiota, consiste em controlá-los, guiá-los, desfrutá-los, e isso implica trabalho, cálculos complicados e a aprendizagem de técnicas nem sempre fáceis.

Impossível, realmente, para o idiota, é a espontaneidade criativa. É algo que lhe surge como uma perspectiva insegura e assustadora. A criação, prefere os sucedâneos que se aprendem nos «workshops» e nas escolas. É uma vida

dura, a do idiota: de curso em curso, de colóquio em colóquio, de ciclo em ciclo. Se tem dinheiro, o idiota não se priva de ir ao sexologista e ao psicanalista aprender a libertar os apetites e as fantasias sexuais e sentimentais. Com o tempo, tudo se torna para ele aprendizagem e contabilidade: do prazer, da espontaneidade, da criatividade. Cautelosa, como a contabilidade do dinheiro. Ao idiota, repugnam os ímpetos passionais, poéticos e místicos; procura prazeres seguros, previsíveis e afasta tudo o que possa perturbá-lo.

No plano do consumo e na vida social, o idiota português aprecia as coisas cómodas, os pequenos e grandes privilégios, planeando com minúcia o modo de obtê-los. Seja quais forem as suas petições de princípio políticas, no fundo é um céptico, despreza o «povinho», vive fechado para os outros. Aos generosos e altruístas, considera-os parvos ou hipócritas. O idiota circula à volta do sucesso como a borboleta em redor da chama, agarrando-se como lapa ou mexilhão a quem o alcança. Espertalhão, agrada-lhe receber, mas dá o menos possível, e arranja sempre qualquer explicação ética para justificar este comportamento. Na realidade, a sua lógica, elementar como as suas poucas ideias e

imagens, consiste apenas em receber sempre mais do que dá.

Na actividade económica, não existe em Portugal correspondência entre o surto idiotista e o crescimento empresarial. Em muitos cavaleiros da phynança idiotófila prevalece ainda um conceito patrimonial da riqueza. Uma bela casa no campo é ainda o sinal mais espaventoso de bem-estar e opulência.

Entre os idiotas também começa a manifestar-se, se bem que de modo caricatural, algo que recorda o hedonismo e o utilitarismo da aristocracia de outrora: o gosto de ser servido, de se distinguir do «vulgar». Como única crítica ou comentário a filmes, espectáculos, livros, etc., é frequente ouvi-los dizer: «Mas que mau gosto!»

Os idiotas andam sempre juntos: consomem os mesmos produtos, frequentam os mesmos locais, lêem os mesmos livros e jornais, e têm uma habilidade notável para descobrir e evitar quem não é idiota. Graças a Deus! A política, porém, unifica o conjunto da sociedade sob o signo da idiotia: pessoas estimáveis, notáveis até nos diversos domínios do saber e da cultura, tornam-se idiotas quando chegam à política. Triunfam, quer-se dizer. Tornam-se, enfim, públicas.



A MOSCA

